

O Governo do Estado de São Paulo vem proporcionando o atendimento escolar para a Educação Básica, nas aldeias de São Paulo (Kaingang, Krenak, Terena, Guarani e Tupi Guarani) Para tanto organizou um programa que compreende:

- Construções escolares;
- Contratação de professores indígenas;
- Curso especial de formação em serviço para o professor indígena, em nível médio e superior;
- Elaboração de material didático próprio.

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

Publicações:

Trabalhos de Conclusão de Curso: Caderno de Resumos

Um Caminho Para a Educação Escolar Indígena (Coleção)

Educação Escolar em Contexto Bilíngue Intercultural

Jogos Educativos para Ensino e Aprendizagem de Línguas Indígenas

Narrativas de Memória

Projeto ARTE-IN (Coleção)

Vocabulário Bilíngue (Coleção)

Guarani

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

Kaingang

Educação Escolar em Contexto Bilíngue Intercultural:

línguas indígenas e
língua portuguesa

Krenak

Terena

Tupi-Guarani

Governador

José Serra

Secretário da Educação

Paulo Renato Souza

Coordenadora da CENP - Coordenadoria de Estudos
e Normas Pedagógicas

Valéria Souza

Coordenadora do NEI - Núcleo de Educação Indígena

Deusdith Bueno Velloso

Reitora da Universidade de São Paulo

Suely Vilela

Diretora da Faculdade de Educação - USP

Sonia Teresinha de Sousa Penin

Coordenadora do Programa FISPI - Formação Intercultural

Superior do Professor Indígena

Maria do Carmo Santos Domite

Organização

Idméa Semeghini-Siqueira

Lívia de Araújo Donnini Rodrigues

Revisão

Denérída Brás Martins Tsutsui

Catálogo na fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239e

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.

Educação escolar em contexto bilíngüe intercultural: línguas indígenas e
língua portuguesa / Secretaria da Educação, organização, Idméa Semeghini-Siqueira,
Lívia de Araújo Donnini Rodrigues; elaboração, Abílio Silva Martins ... [et al.]. –
São Paulo : SEE, FEUSP, 2010.
180 p. : il.

Publicação que integra o Programa “Formação Intercultural Superior do
Professor Indígena” (FISPI) realizado em parceria com a Secretaria de Estado da
Educação de São Paulo, Faculdade de Educação /USP e a Fundação de Apoio à FEUSP.
ISBN 978-85-7849-486-5

1. Educação indígena 2. Ensino de línguas indígenas 3. Cultura indígena
4. Educação bilíngüe I. Semeghini-Siqueira, Idméa. II. Rodrigues, Lívia de Araújo
Donnini. III. Martins, Abílio Silva. IV. Título.

CDU: 376.74(815.6=082)

© As imagens e textos deste livro podem ser reproduzidos somente para utilização em sala de aula.

CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

projeto gráfico

Libdesign

libdesigneditorial@gmail.com

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - **FISPI**

Educação Escolar em Contexto Bilíngüe Intercultural:

línguas indígenas
e língua portuguesa

Guarani, Kaingang, Krenak, Terena e Tupi-Guarani

1ª edição

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

São Paulo
2010

FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS EM SÃO PAULO

A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo procurou dar concretude às palavras do título VIII da Ordem Social da CF/88. “Serão reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-la, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação seguindo o mesmo princípio estabeleceu, no Título VIII, artigos que demonstram a responsabilidade que a Constituição coloca para a União e para os Estados quando diz que é preciso: “manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas; desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades; elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.”

Finalmente, em novembro de 1999, a Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, através da Resolução 3/99, fixa as Diretrizes Nacionais para o funcionamento das Escolas Indígenas estabelecendo no âmbito da Educação Básica o reconhecimento da condição de escolas com normas e ordenamento jurídico próprios, fixando diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngüe, visando a valorização plena das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

Ao recebermos a visita de lideranças indígenas em 1997, a Secretaria tomou a iniciativa de visitar as aldeias e criou o Núcleo de Educação Indígena junto ao gabinete da Secretaria conforme portaria interministerial 559/91.

O Núcleo de Educação Indígena, criado por resolução em abril de 1997, organizou o trabalho de construção da escola indígena para as aldeias paulistas de forma a atender as 05 etnias existentes: Kaingang, Krenak, Terena, Guarani e Tupi Guarani, tingindo-a com as cores de cada etnia. Muitas ações tiveram que ser implementadas, começando por várias reuniões com a população indígena, a Secretaria e os diversos interlocutores, em especial o Conselho Estadual de Educação. A construção das escolas nas aldeias indígenas, é um problema quase intransponível por envolver a questão de terra. Na medida do possível, estamos vencendo este obstáculo.

Em seguida vem a tarefa gigante que é a formação dos professores indígenas para assumirem a docência e a direção de suas escolas. A educação é um processo que só fará sentido se tiver continuidade mesmo porque ela segue o princípio da vida e não pode ser interrompida sem causar danos. Para registrar essa trajetória estamos produzindo a segunda etapa de material didático elaborado durante os cursos de formação que irão orientar os professores no dia a dia da sala de aula.

Deusdith Bueno Velloso
Coordenadora do Núcleo de Educação Indígena

Duas Línguas

Poty Poran Turiba Carlos

**Entravada, envergonhada
É assim que eu me sinto
Quando me pedem para me expressar
Na língua “mãe”, não digo...**

**O que é que eu faço,
Se a língua de minha alma
É diferente da língua que falo?**

**Me sinto numa corrida
Na qual já perdi
Corro atrás de uma língua
Que com ela não cresci**

**Não foi minha escolha
Nem foi por imposição
Minha mãe foi quem escolheu
Foi ela que disse não**

**Porque foi ela que sofreu
Repressão e dor
E, como boa mãe, me protegeu
Me acolhendo com seu amor**

**Mas ela não sabia
Que a dor que me causou
É a mais forte que eu sentia
Foi o meu povo quem me desprezou.**

Mokoĩ ayvu

Versão para o Guaraní
Giselda Pires de Lima (Jera)

**Aike, axĩ reve
Ha'e rami anhenhandu
Xeayvy aguã oporandua
Nhande “ayvu” py ramo ndaxeayru**

**Mba'e tu xee ajapo ta,
Mba'e ta xeayvu xenhe'ẽ régua
Ayvu aiporu va'e rami e'ỹ**

**Anhenhandu peteĩ mba'e py
Ha'e py ma ja xee amokanhỹ
Anha peteĩ ayvu rakykue
Ha'e va'e reve e'ỹ akakuaa**

**Ha'e va'e e'ỹ xee aiporavo
Neĩ mava'eve nomoĩ
Xexy ae ma oiporavo
Ha'e ae ma any he'i**

**Mba'e ta ha'e ojexavai
Ha'e oiko axy
Ha'e vy ma mborayvu gui,
Onhangareko xere xerayvu'ĩ reve**

**Ka'e ri ha'e ndoikuaai
Mba'e vai ojapoa xevy pe
Nda'evei vea ma
Xeretarã kuery xemombo reia.**

FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS: desafios e percursos

Idméa Semeghini-Siqueira

Lívia de Araújo Donnini Rodrigues

Eu sou um indígena, eu sou diferente. Não quer dizer que eu seja maior ou menor. Sou um ser humano como outro qualquer. Eu sinto, choro, falo, ando, vejo. Eu sou como qualquer um. Mas tenho o privilégio de falar duas línguas, faladas e escritas. Isso me dá a curiosidade de aprender mais sobre os dois “mundos”.

Valmir Lima, Guarani

Este livro apresenta um conjunto de atividades de oralidade, leitura e escrita destinadas ao ensino e aprendizagem em contexto bilingüe. Foi elaborado no decorrer do curso de FORMAÇÃO INTERCULTURAL DO PROFESSOR INDÍGENA [FISPI] na Faculdade de Educação da USP, que viabilizou a formação de 79 professores indígenas de cinco etnias do Estado de São Paulo, a saber: Guarani, Kaingang, Krenak, Terena e Tupi-Guarani.

Com o intuito de informar o leitor sobre as bases teórico-metodológicas subjacentes a seqüências didáticas, será apresentado um conjunto de temáticas que, apesar das articulações, possibilita uma leitura não-seqüencial, ou seja, hipertextual. Tais temáticas referem-se a: vinculações entre culturas e línguas: diversidade cultural; contexto sócio-cultural de educação bilingüe e intercultural; questões concernentes a multiculturalismo e a bilingüismo; a busca de um modelo de formação em serviço de professores indígenas; concepção de linguagem-língua e práticas educacionais; formação de professor para atuação em contexto bilingüe; o professor como autor de material didático; o desafio enfrentado para a estabilização do sistema de escrita; e as considerações finais.

Culturas e línguas: diversidade cultural

Culturas e Línguas são termos fortemente imbricados. As diferentes visões de mundo expressam-se na arte (na música, na dança, no teatro, nas artes plásticas entre outras) e nas línguas, no discurso cotidiano e/ou mítico. Os conhecimentos acumulados, os legados das gerações anteriores, portanto, as representações simbólicas, as tradições culturais, a organização sócio-cultural e política, as crenças, as práticas religiosas, a concepção de educação manifestam-se e se reconstroem por meio de linguagens e, em especial, pelas línguas. A linguagem verbal / a língua é um dos mais importantes meios que permitem aos seres humanos construir, modificar e transmitir a sua cultura.

Em função da diversidade cultural, o ensino bilingüe é nuclear no projeto da educação intercultural, e, desse modo, passa a ocupar um lugar fundamental nos debates sobre a escola indígena. Para Maher (2006, p.27), “a questão da interculturalidade, isto é, do conseguir fazer dialogar comportamentos e conhecimentos sob bases culturais distintas e freqüentemente conflitantes é entendida como o esteio, a razão de ser da escola indígena” (2006, p.27)

Contexto sócio-cultural de educação bilingüe e intercultural

No Brasil, principalmente nas últimas décadas do século XX, um dos objetivos primordiais da ESCOLA é a criação de ambientes para a realização de atividades em que as crianças aprendam, desde a mais tenra idade, o respeito à diversidade sócio-cultural. É uma forma de preparar cidadãos que saberão lidar com as diferenças desprovidos de preconceitos e que poderão estabelecer um diálogo intercultural mais equilibrado entre todos os participantes de agrupamentos humanos, falantes de diferentes línguas.

Em se tratando dos povos indígenas brasileiros, somente no final do século XX as leis se tornaram mais explícitas no que tange aos seus direitos como cidadãos. A história dos povos indígenas tem sido focalizada por vários ângulos e discutida por estudiosos de diversas áreas do conhecimento.

Recorrendo à literatura, é possível flagrar as diferentes representações de índios em determinados momentos históricos. Treece (1986), um professor de Literatura Brasileira da Universidade de Londres, identificou três imagens do índio na produção literária brasileira. De 1835 a 1850, o índio como vítima é a primeira imagem que surge na poesia de Gonçalves Dias. De 1850 a 1870, o índio como aliado do branco conquistador é a segunda imagem que aparece nas obras de José de Alencar. No período de 1870 a 1888, a terceira imagem que o estudioso inglês apresenta é do índio como rebelde, proveniente dos textos de Bernardo Guimarães.

No intervalo de um século, reflexos dessas imagens criaram novas representações e, neste início do século XXI, pode-se dizer que se está presenciando a construção da imagem do índio como cidadão, construção essa fortemente ligada às conquistas no campo da educação indígena. Uma síntese significativa dos direitos que viabilizaram essa nova imagem está contida no texto – Resolução n.º 3, 10/11/1999 – a seguir:

O Conselho Nacional da Educação resolve estabelecer, no âmbito da educação básica, a estrutura e o funcionamento das Escolas Indígenas, fixando as diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngüe, visando à valorização plena das culturas dos povos indígenas e à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

Pode-se constatar, em vários textos – Constituição Federal, Constituição Estadual e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –, a ênfase na importância do fortalecimento de práticas sócio-culturais e do ensino da língua materna de cada comunidade indígena. Vale ressaltar que, dentro da escola, a revalorização da cultura e da identidade tem espaço para acontecer.

No Estado de São Paulo, as cinco línguas em questão – Guarani, Kaingang, Krenak, Terena e Tupi-Guarani – são faladas em 30 aldeias pelas diferentes etnias. Ao longo do curso FISPI, foram ministradas aulas das línguas indígenas e da língua portuguesa, tendo em vista a formação do professor que promoverá a educação escolar bilíngüe intercultural nas aldeias. Por meio da atuação dos professores indígenas, a escola da aldeia ganha um novo significado, como meio de assegurar o acesso a conhecimentos gerais da sociedade envolvente e valorizar as especificidades culturais e, portanto, a identidade própria de cada povo indígena.

Com relação aos processos de formação de professores indígenas, Grupioni (2006, p.53) ressalta que:

(...) almejam possibilitar que os professores indígenas desenvolvam um conjunto de competências profissionais que lhes permitam atuarem, de forma responsável e crítica, nos contextos interculturais e sociolingüísticos nos quais as escolas indígenas estão inseridas. Em muitas situações cabe ao professor indígena atuar como mediador e interlocutor de sua comunidade com os representantes do mundo de fora da aldeia, e com a sistematização e organização de novos saberes e práticas. É dele também a tarefa de refletir criticamente e de buscar estratégias para promover a interação dos diversos tipos de conhecimentos e saberes escolares, a que todo estudante, indígena ou não, deve ter acesso, e, de outro, os conhecimentos étnicos, próprios de seu povo, que se antes eram negados, hoje assumem importância crescente nos contextos escolares indígenas.

Questões concernentes a multiculturalismo e bilingüismo

No que concerne ao multiculturalismo, vigora a concepção de que é possível mudar de um paradigma pautado em uma cultura comum ou homogênea para um paradigma pautado pela diversidade cultural e pela diferença. A visão multiculturalista surge, no início do século XX, da convergência de duas disciplinas: a Lingüística e a Antropologia. Os lingüistas provaram que qualquer idioma usado por povos indígenas, por exemplo, era tão complexo em termos estruturais quanto qualquer outro dentre as línguas com grande número de produções impressas.

Os antropólogos constataram que essa complexidade se estendia também a instituições sociais como as relativas ao parentesco, à religião, aos rituais e aos hábitos alimentares.

A despeito do número de falantes, as línguas indígenas são línguas plenas, ou seja, podem desempenhar as mesmas funções de outras línguas com maior número de falantes. Nessa perspectiva, na área de linguagem, o Programa FISPI teve como objetivo formar professores capazes de contribuir para que sejam desenvolvidas atitudes positivas em relação às línguas indígenas, fornecendo-lhes ferramentas necessárias para incentivar sua manutenção e/ou revitalização nas escolas e na comunidade em que atuam.

Para isso, buscar uma definição de bilingüismo que acomode as relações entre língua e cultura mostrou-se fundamental, e isso só é possível quando se parte do pressuposto de que o bilingüismo é um fenômeno complexo. Com base em definições multidimensionais, como as propostas por Harmers e Blanc (2000), que levam em conta não somente o grau de proficiência do falante, mas, também, as funções e os usos das línguas, bem como a idade de aquisição, entre outras dimensões, cada professor em formação foi incentivado a refletir sobre sua própria trajetória de formação bilíngüe.

Nesse movimento de auto-descoberta, foi possível perceber a multiplicidade de experiências de formação dos professores: muitos bilíngües consecutivos, que aprenderam a L2 somente quando já haviam adquirido as bases lingüísticas da L1; alguns poucos bilíngües infantis, que aprenderam as duas línguas simultaneamente, na infância; alguns bilíngües subtrativos, que, ao alcançarem maior proficiência na L2, viram-se pouco a pouco relegando a L1 a contextos de uso cada vez menores por força de uma hegemonia nem sempre conscientemente percebida. No esteio dessas descobertas, a possibilidade de se alcançar um bilingüismo equilibrado foi desvelando um embate que demanda enfrentamento

constante, aqui colocado como uma pergunta que se mostrou central em nossas discussões: é possível alcançar nível de proficiência semelhante em duas línguas e, ao mesmo tempo, estabelecer uma relação com ambas as culturas também equilibrada? A resposta, imperfeita porque também complexa, mostrou-nos a necessidade de ressignificar o conceito de interculturalidade: ao trânsito entre duas línguas não corresponde o trânsito entre duas culturas. Nesse percurso, criam-se esferas de interculturalidade que, do ponto de vista identitário, por um lado reconfiguram o que é ser indígena e, por outro, o que é ser brasileiro.

A busca de um modelo de formação em serviço de professores indígenas para contexto bilíngüe

Na literatura sobre ensino, a compreensão sobre como agem e como pensam os professores é tema cada vez mais presente em inúmeros trabalhos que visam a explicitar as sutis diferenças entre os tipos de conhecimento que compõem as “teorias implícitas” que fundamentam o fazer docente. Trabalhos baseados em estudos etnográficos, em narrativas de professores, em diários reflexivos, em estudos de psicanálise, entre outros, possibilitaram a emergência de todo um campo científico a esse respeito, ao mesmo tempo abrangente e altamente especializado. Era preciso, porém, encontrar o cruzamento entre esse conhecimento e os contornos da formação de professores indígenas.

Especificamente no campo da formação de professores de línguas, Woods (1996), em sua pesquisa sobre os processos interpretativos que permeiam a ação docente, propõe o conceito de Rede CPC (*BAK Network – Beliefs, Assumptions and Knowledge*). Trata-se de um construto teórico que enfatiza as relações entre Crenças, Pressupostos e Conhecimentos para explicar como pensam e como agem os professores em um determinado momento de sua atuação profissional.

Essa rede é tecida e retecida pelos fios das concepções de língua, de aprendizagem e de ensino construídas pelo próprio professor, tanto aquelas advindas de sua experiência como aprendiz na escola – indígena ou não – e na comunidade, quanto àquelas advindas de sua experiência como professor.

Um dilema colocava-se como demandante de posicionamento: por ser uma formação de professores indígenas, a rede CPC não poderia ser marcada pela idiosincrasia, como um construto individual e autônomo; era necessário assumi-la como um construto cultural e coletivamente produzido, cujo desenvolvimento ocorre em um processo contínuo de apropriação e refinamento pelos professores, entendidos como sujeitos sociais.

Paulatinamente, dissolvía-se o aparente conflito entre indivíduo e cultura. Para Oliveira (1997), os limites entre diferenças individuais e diferenças culturais são tênues, na medida em que as diferenças individuais são embebidas de conteúdos culturais partilhados coletivamente. Nesse sentido, a abordagem histórico-cultural de Vygotsky forneceu-nos subsídios teóricos para compreender a dimensão coletiva do movimento de apropriação e construção de normas e valores acerca da definição do que é ser um professor indígena em contexto bilíngüe. Apesar de a autora discutir o desenvolvimento infantil, é possível transpor suas reflexões para o processo de desenvolvimento profissional vivido pelos professores em formação no FISPI. Nas palavras de Oliveira (1997, p.59), “*dada a plasticidade do sistema psicológico humano, são os outros* [em nosso contexto, os outros professores indígenas em formação, os mais velhos, a comunidade] *que vão mostrar à criança* [em nosso contexto, aos professores em formação] *como ‘ser pessoa’* [em nosso contexto, como ser professor indígena] *numa determinada cultura* [em nosso contexto, nas comunidades Guarani, Krenak, Kaingang, Terena e Tupi-Guarani]: *é assim que vivemos, esses são os objetos que fabricamos e utilizamos, essa é a língua que falamos, essas são as idéias em que acreditamos*”.

Concepção de linguagem – língua e práticas educacionais

A concepção interacional sociodiscursiva da linguagem está subjacente às atividades de oralidade, leitura e escrita propostas para o ensino e aprendizagem de línguas. Para Bakhtin (1981, p.123), “*A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua*”. Dessa forma, o foco, que anteriormente era voltado para o objeto-língua, se desloca para os usuários da língua, precisamente para a ação dos interlocutores na produção de sentidos.

Com o avanço dos conhecimentos sobre a natureza das línguas, torna-se fundamental que os gêneros textuais (diálogos, relatos, bilhetes entre outros) sejam privilegiados em função do contexto em que se situam os alunos. Ao discutir as práticas de linguagem e o uso dos gêneros na escola, Schneuwly & Dolz (2004, p.76) ressaltam que:

A escola é tomada como um autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se, assim, em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo necessária. Mais ainda, o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam. (...) Trata-se de colocar os alunos, ao mesmo tempo, em situações de comunicação que estejam o quanto mais próximas possíveis de verdadeiras situações de comunicação, que tenham um sentido para eles a fim de melhor dominá-las como realmente o são, sabendo, o tempo todo, que os objetivos visados são (também!) outros.

Ao serem propostas atividades em função dos gêneros textuais, privilegia-se um trabalho em sala de aula que seja significativo para o aluno. Nesse contexto de ensino e aprendizagem, uma série de conceitos-chave foi discutida com os futuros professores de línguas, a saber: as representações dos professores sobre linguagem, os conceitos de letramento emergente e alfabetização, a ludicidade na aquisição das modalidades oral e escrita da língua, o conceito de polissemia, a questão da variação lingüística, o tratamento diferenciado dos textos literários e

textos pragmáticos, os diferentes modos de ler, o processo de escrita e de reescrita, um trabalho com ortografia que leva em consideração o “erro construtivo”, mas assegura o desenvolvimento da percepção dos acertos, a avaliação diagnóstica e formativa, entre outros tópicos.

No que tange ao ensino de línguas, pode-se dizer que, quando existe um “programa prévio” que prioriza a “língua”, há fortes evidências de que as atividades serão voltadas para um “aluno ideal”. Entretanto, se o ponto de partida é o sujeito da aprendizagem, um “aluno real”, um princípio básico para a construção de um planejamento apropriado para o ensino e aprendizagem de línguas, tanto L1 como L2, é saber qual a capacidade de uso, o grau de domínio da língua pelo aluno nos diferentes gêneros textuais. Há, portanto, a necessidade de verificação dos conhecimentos prévios, ou seja, é necessária uma avaliação diagnóstica e formativa da modalidade oral e da modalidade escrita da língua (Semeghini-Siqueira, 2006, p.150).

Formação do professor para contexto bilíngüe

Para a formação do educador que atuará em contexto bilíngüe como professor de língua indígena e de língua portuguesa, em um primeiro momento, discutiram-se questões teóricas referentes ao ensino e aprendizagem de LÍNGUAS, no âmbito da Lingüística Aplicada, Psicolingüística e Sociolingüística. Além disso, no esteio da Etnolingüística, foram selecionados temas a ser desenvolvidos nas atividades pelos professores em formação, nos quais se manifesta a cultura dos povos das cinco etnias: Guarani, Kaingang, Krenak, Terena e Tupi-Guarani. Foram realizadas, também, leituras referentes ao panorama geral das línguas indígenas brasileiras e sua importância cultural; à classificação em troncos e famílias; à influência das línguas indígenas na língua portuguesa e a propostas concernentes à preservação das línguas indígenas.

Ressaltou-se a importância de se decidir qual a finalidade específica do ensino e aprendizagem da língua indígena na escola da aldeia, uma vez que, em função do foco, é preciso optar por uma determinada

metodologia. Tendo em vista que existe a possibilidade de se trabalhar, por exemplo, com leitura para fins acadêmicos, ou conversação, ou englobar o ouvir-falar-ler-escrever, foi necessário verificar se havia consenso entre as etnias. Decidiu-se optar pela terceira proposta, com ênfases diferenciadas nas várias etapas de aprendizagem: inicialmente, a ênfase recairia sobre a oralidade, ou seja, a conversação e as cantigas; após um período, sobre conversação e leitura, de modo que a escrita fosse introduzida paulatinamente.

A seguir, partindo da análise da estruturação de unidades didáticas contidas em diversos livros, destinados ao ensino e aprendizagem de língua portuguesa por estrangeiros, teve início o planejamento das SEQÜÊNCIAS DIDÁTICAS [SDs] que poderiam conter: diálogos, atividades orais a partir de imagens, a escrita bilíngüe dos diálogos, cantigas, jogos, a transformação do diálogo em uma história, vocabulário novo entre outros tópicos.

Na concepção das SEQÜÊNCIAS DIDÁTICAS, estava implícita **uma dupla finalidade**: elaboração de material didático para as CRIANÇAS da aldeia e, também, ampliação do grau de domínio no uso da língua indígena tanto na modalidade oral quanto na escrita pelo PROFESSOR.

O professor como autor de material didático

Tendo em vista as bases teórico-metodológicas, os professores indígenas iniciaram a elaboração das SEQÜÊNCIAS DIDÁTICAS para o ensino e aprendizagem de língua indígena.

A escassez de materiais didáticos nas línguas indígenas, inicialmente um problema, foi tomada como o disparador de um longo e significativo processo autoral. Nesse momento, a reflexão sobre os componentes fundamentais no planejamento de um curso foi empreendida e evidenciada, com destaque para o levantamento do perfil e das

necessidades de aprendizagem dos alunos, o estabelecimento de objetivos, a seleção de temas e de conteúdos e a elaboração de atividades para comporem as seqüências didáticas.

Divididos em grupos com integrantes de uma mesma etnia, os alunos escolheram o tema com o qual gostariam de trabalhar ao longo da construção das seqüências didáticas. Os temas que seguem -- *nascimento, atribuição do nome, ritual de passagem, colheita, alimentação, caminhos da cura, casamento, passagem do ano e morte* – haviam sido objeto de discussão em outros módulos do curso. Procurou-se garantir que os grupos de uma mesma etnia escolhessem temas diferentes uns dos outros, para que o compêndio pudesse conter lições sobre uma diversidade de temas.

Os estudos teóricos e as discussões até então empreendidas levaram-nos a optar por uma mesma estrutura organizativa para as seqüências didáticas:

- (a) diálogo bilíngüe;
- (b) atividades de compreensão e de vocabulário com base no diálogo;
- (c) atividades lúdicas em função da temática;
- (d) reescrita do diálogo em forma de relato / história;
- (e) vocabulário bilíngüe.

A cada etapa da produção das seqüências, conteúdos teóricos e metodológicos foram desenvolvidos para subsidiar o trabalho coletivo empreendido pelos alunos. Dessa forma, conteúdos como a aprendizagem e a ampliação de repertório lexical, a relação entre memória e aprendizagem de língua, a estrutura de uma narrativa, entre outros, entremearam as atividades de produção das seqüências.

O desafio enfrentado para a estabilização do sistema da escrita

Durante todo o trabalho de produção das seqüências didáticas, os professores em formação enfrentaram muitos problemas com relação a como escrever e dizer certas expressões e palavras, tanto em língua portuguesa quanto em língua indígena. Nas dúvidas sobre a língua portuguesa, os grupos foram auxiliados a encontrar a melhor maneira de expressar suas idéias. Nas dúvidas sobre a língua indígena, decidiu-se consultar membros de outros grupos, de modo a buscar soluções para as dificuldades encontradas. Assim, por meio da socialização dos conhecimentos, procurou-se realizar um trabalho de edição de modo colaborativo.

Como não há uma normatização ortográfica consensual estabelecida para as cinco línguas indígenas em questão, em especial para o Guaraní (falado em diversos Estados do Brasil e no Paraguai), optou-se por construir uma estabilização da grafia no interior das seqüências didáticas em elaboração.

Ao finalizar o trabalho de produção das seqüências didáticas, permaneceram muitas divergências em relação à escrita e mesmo em relação a como expressar certas idéias em língua indígena, em especial na língua guarani. Tal fato constitui motivo para buscar o auxílio de uma lingüista, Prof^a Dr^a Ruth Monserrat, especialista em língua guarani, com vistas a efetuar a estabilização dos textos para posterior publicação. Vale dizer que, dada a natureza coletiva e autoral do trabalho realizado, era necessário que essa estabilização ocorresse com a participação e anuência dos professores em formação. Dessa forma, em vez de simplesmente submeter as seqüências à lingüista, optou-se por solicitar que esse procedimento fosse realizado também de modo participativo, em encontros presenciais entre a lingüista e os professores-autores.

Deve-se ressaltar que a atuação da lingüista no Programa FISPI foi marcada por uma preocupação comum a todos os participantes – nós, os

professores em formação e a própria lingüista: a padronização deveria ser o resultado de um processo decisório ancorado no protagonismo indígena, e não em um saber sistematizado pelo viés do não-indígena. Assim, procurou-se manter no horizonte das discussões o alerta de Müller de Oliveira (2006, p.182):

A normatização ortográfica da língua escrita, isto é, o estabelecimento de que cada palavra só pode ser escrita de uma forma, de que há uma relação unívoca entre uma palavra e a forma de escrevê-la, é um fato do século XIX, não só para o Português, mas também para a maioria das línguas européias. Faz pouco mais de cento e cinquenta anos que temos uma ortografia no sentido estrito do termo. Ou seja, o Português funcionou como língua escrita durante seiscentos anos antes de uma fixação ortográfica mais rígida.

Considerações Finais

Enfrentar os desafios aqui delineados pressupõe um percurso que se erige no princípio da indissociabilidade entre cultura, estrutura curricular e as realidades social, política e econômica nas quais a educação indígena está inserida. Envidar esforços para não provocar cisões entre esses aspectos e as opções metodológicas representa uma possibilidade de superar a abordagem tecnicista no ensino das línguas, baseada na repetição e na reprodução.

Vale ressaltar, ainda, que na organização dos módulos de cada etnia, as seqüências didáticas são precedidas por três propostas de atividades que priorizam a oralidade. Inicialmente, foram realizadas pesquisas para levantamento das cantigas mais tradicionais da etnia. A seguir, foram selecionados diálogos temáticos para contatos iniciais com as crianças da aldeia. Finalmente, os diálogos mais usuais no dia-a-dia da sala de aula.

Essas propostas iniciais que focalizam a oralidade e as seqüências didáticas nas quais se articulam atividades de oralidade, leitura e escrita constituem um ponto de partida para que cada professor indígena possa construir o cotidiano escolar em contexto bilíngüe, realizando uma produção cultural com os recursos disponíveis na comunidade indígena a que pertence.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. [trad.] São Paulo: Hucitec, 1981.
- GRUPIONI, L.D.B. Contextualizando o campo de formação de professores indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, L.D.B. (org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC/SECAD, 2006.
- HARMERS, J. & BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MAHER, T.M. Formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, L.D.B. (org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC/SECAD, 2006.
- MÜLER DE OLIVEIRA, G. O que quer a lingüística e o que se quer da lingüística: a delicada questão da assessoria lingüística ao movimento indígena. In: GRUPIONI, L.D.B. (org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC/SECAD, 2006.
- OLIVEIRA, M. K. Sobre diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem histórico-social. In: AQUINO, J. G. (org.) *Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.
- RODRIGUES, A.D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. In: *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC, 1993.
- SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- SEMEGHINI-SIQUEIRA, I. Atividades de oralidade, leitura e escrita significativas: a construção de minidicionários por crianças com as mediação da professora. In: CATANI, D. B. & VICENTINI, P. P. *Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores*. São Paulo: Escrituras, p. 145-159, 2006.
- TREECE, D. H. *Victims, Allies, Rebels: Towards a New History as Nineteenth-Century Indianism in Brazil*. Portuguese Studies, London: King's College, volume 2, 1986.

Educação Escolar em Contexto Bilingüe Intercultural:

línguas indígenas e língua portuguesa

Guarani

Kaingang

Krenak

Terena

Tupi-Guarani



Interações em sala de aula

28

86

104

120

180

Conversas temáticas

30

88

106

122

182

Cantigas

40

90

108

128

189

Seqüências didáticas

43

91

109

131

193

Guarani



Escola	Aldeia	D.E.
EEl Aldeia Boa Vista	Boa Vista	Caraguatatuba
EEl Aldeia Uruity	Uruity	Miracatu
EEl Kuaray o ê a / Sol Nascente	Itaóca	São Vicente
EEl do Aguapeu	Aguapeu	São Vicente
EEl Capoeirão	Capoeirão	Miracatu
EEl Aldeia Ambaporã	Ambaporã	Miracatu
EEl Djekupe Amba Arandy	Jaraguá	Norte 1
EEl Aldeia Peguao-ty	Peguao-ty	Registro
EEl Aldeia Pindoty	Pindoty	Registro
EEl Aldeia Santa Cruz	Santa Cruz	Registro
EEl Aldeia Rio Branco II	Rio Branco II	Registro
EEl Aldeia Rio Silveira	Rio Silveira	Santos
EEl Krukutu	Krukutu	Sul 3
EEl Gwyra Pepó	Tenonde Porã	Sul 3



Interação em sala de aula



As falas aqui registradas representam interações verbais que ocorrem com bastante frequência na sala de aula. Elas podem ser reproduzidas em pequenos cartazes e depois, coladas nas paredes da sala de aula, para incentivar tanto a leitura quanto a oralidade!

Javy ju!

Aaju ma!

Cumprimentar e despedir-se.

Pegua py yvy py.

Pedir para sentar no chão.

Aa ta ranhe jai py?

Pedir permissão para ir ao banheiro.

*Ipara pa ha'évea rami
ha'évea rami hete pa ipara?*

Confirmar se a escrita / significado de uma palavra está correta(o).

Mba'exa tu nderery?

Perguntar o nome.

*Emombe'u ndee ju
amboae kuery pe.*

Pedir para um aluno contar para os outros o que entendeu.

*Pejapo mba'e
mo ra'angaa.*

*Emopytã mba'e
mo ra'angaa.*

Pedir para fazer desenhos.
Pedir para pintar desenhos.

Pejopy pende kuaxia.

Pedir para pegar o livro / caderno.

Penhomboaty.

Pedir para formar grupos / duplas.

*Mba'exa tu nhandeayu
nhanderupi?*

Perguntar como se diz algo em Guarani.

Ndeayvu nhande py.

Pedir para falar em Guarani.

Conversas temáticas



As conversas temáticas constituem registros para focalizar a oralidade como prática social, abrindo espaço para dramatizações, ampliação de vocabulário e atividades lúdicas.

Conversas sobre nomes

Autores: Jaciara Augusto Martim Pereira e Juliano Cabral Ramires

Professor	Nhande ka’arupa ju, kyringue!	Boa tarde, criançada!
Aluno	Nhande ka’aru ju.	Boa tarde!
Professor	Aỹ ma jajapota tery regua?	Vamos fazer uma lista de nomes?
Aluno	Ha’eve avy.	Sim, então vamos.
Professor	Mba’e tery rã tu nhamoĩ?	Quais os nomes que colocaremos na lista?
Aluno	Orexy kuery rery.	Da nossa mãe.
Professor	Nhamboy py ma aỹ. Jaxuka, mba’exa tu ndexy hery?	Então vamos começar. Jaxuka, como se chama a sua mãe?
Aluno	Hery ma Kerexu.	Ela se chama Kerexu.
Professor	Javypa ju, kyringue!	Bom dia, criançada!
Aluno	Javy ju!	Bom dia!
Professor	Xerery ma jurua py Juliano, nhande py ma Nhe’ëry. Ha’vy ndee mba’exa nderery?	Eu me chamo Juliano em português e Nhe’ëry em guarani. E você, como se chama?
Aluno	Xerery ma Para Poty.	Eu me chamo Para Poty.
Professor	Ha’vy ndee?	E você?
Aluno	Xerery ma Vera Jeguaka.	Eu me chamo Vera Jeguaka.
Professor	Ha’vy ndee?	E você?
Aluno	Xerery ma Ara Poty.	Eu me chamo Ara Poty.
Professor	Ha’vy ndee?	E você?
Aluno	Xerery ma Kerexu.	Eu me chamo Kerexu.
Professor	Ha’vy ndee?	E você?
Aluno	Xerery ma Jaxuka.	Eu me chamo Jaxuka.

Conversa sobre brincadeiras

Autores: Poty Poran T. Carlos, Cássio Martim Pereira, Jatiaci Fernandes Martins e Giselda (Jera) Pires de Lima

Professor	Peiko porã pa? Mba’e tu penhevangaxe vai ve?	Tudo bem? Qual brincadeira de que vocês gostam mais?
Aluno	Xee anhevangaxe manji’o.	Eu gosto de brincar de mandioca.
Professor	Anhetẽ! Ndee reikuaa pa amboae nhevanga?	Verdade!? Que outras brincadeiras que você conhece?
Aluno 1	Aikuaa “xoxĩ karaja”.	Eu conheço “xoxĩ karaja”.
Aluno 2	Xee anhevangaxe “akuxi ojere”.	Eu gosto de brincar de “roda-cutia”.
Aluno 3	Xee aikuaa “nhandu’ĩ”.	Eu conheço a da “aranhazinha”.
Professor	Mba’exa tu avy?	Como ela é?
Aluno 3	Pexa ma, aporai rã:	Olhem como eu canto.
	“Ejeupi, nhandu’ĩ Ejeupi okora re Ou oky Nhandu’ĩ oity”.	“Sobe, aranhinha, Sobe pela parede, Veio a chuva forte E a derrubou”
Professor	Ha’eve havy! Jaa nhambopara nhevanga regua!	Muito bem! Vamos escrever as brincadeiras numa lista!
Aluno	Jaa!	Vamos!

Conversas temáticas



Conversa sobre alimentos

Autores: Marcilio Mariope Castro, João Lira da Silva, Sebastião J. Fernandes e Adílio Wera Paraguassu

Professor	Javypa ju, kyingue!	Bom dia, crianças!
Aluno	Javy ju!	Bom dia!
Professor	Kyingue, aỹ ma aporandu ta. Mba’e-mba’e tu pende pe’u ve va’e pendero py.	Crianças. Hoje vou perguntar para vocês do alimento de que mais gostam quando estão em casa.
Aluno 1	Xee ma ha’uxe vai ve va’e aroi, kumanda, xo’o.	Eu gosto muito de arroz, feijão e carne.
Professor	Havy penhembo’ea py?	E aqui na escola?
Aluno 1	Anhembo’ea py ma ha’uxe vai ve va’e aroi, kumanda, xo’o, pireu. Amongue py ma ro’u “bolo”.	Aqui na escola, gosto muito de arroz, feijão, carne e macarrão. Algumas vezes, comemos bolo.

Conversa sobre bichos

Autores: Sergio M. da Silva, Antonio da Silva Santos e Marinalva Kerexu Paraguassu

Professor	Aỹ ma aexauka ta mba'emo ra’angaa.	Hoje vou mostrar alguns desenhos.
Aluno	Mba'e ra’anga tu upeva'e?	Que desenho é esse?
Professor	Kova’e ma mbore.	Esta é uma anta.
Aluno	Ha’e peva’e?	E aquele?
Professor	Kova’e ma mboi.	Esta é uma cobra.
Aluno	Upeva’e avy?	E aquele ali?
Professor	Kova’e manje nguu kuery ayvu noendui va’e ogueraa va’e.	Esta figura que está no papel é um bicho que leva as crianças que não obedecem aos pais.
Aluno	Mamo tu oiko?	Onde ele vive?
Professor	Ka’aguy mombyrya py itakua py manje hoo.	Ele vive na floresta, dentro da caverna.

Conversas sobre bichos

Autores: Pedro Miri Delane, Valmir Miri Macena Lima, Joel Augusto Martim e Cláudio Karai S. dos S. Oliveira

Professor	Nhande ka’aru ju kyingue porangue’i.	Boa tarde, crianças lindas.
Aluno	Nhande ka’aru ju, nhombo’ea’i.	Boa tarde, professorzinho.
Professor	Aỹ ma nhambopara ta mymba kuery rery nhande ayvu py.	Hoje nós vamos escrever os nomes de animais em guarani.
Aluno	Xee ma ambopara kuaa mokoĩ’i.	Eu sei escrever apenas dois nomes.
Professor	Ha’e rã embopara ayvu ndekuaxia re. Ha’eve pa?	Então escreva em seu caderno. Pode ser?
Aluno	Ha’eve.	Sim.

Professor	Nhande ka’aru ju, kyingue.	Boa tarde, crianças.
Aluno	Nhande ka’aru ju, nhombo’ea.	Boa tarde, professor.
Professor	Aỹ ma nhanhembo’e mymba regua re.	Hoje vamos estudar os bichos.
Aluno	Mymba ka’aguy regua pa ty rã oo rupigua?	Bichos da mata ou os de casa?
Professor	Mymba ka’aguy regua. Ah, kyingue, nhanhevanga ta mbaravija.	Bichos da mata. Ah! Crianças, vamos brincar de adivinhar.
	Mbaravija-mbaravija. Mba’e pa karai oime va’e, hexa quaxu va’eri ara py ndoexai va’e?	O que é o que é? Têm olhos grandes, mas no claro não enxerga?
Aluno	Pira’i pa nhombo’ea?	É o peixinho professor?
Professor	Any, pirai’i e’ỹ.	Não, não é o peixinho.
Aluno	Xee aikuaa. Urukure’a.	Eu sei. É a coruja.
Professor	Anhetẽ ko, urukure’a ae ma.	Isso mesmo, é a coruja.

Conversas temáticas



Conversa sobre habilidades

Autores: Abílio S. Martins e Angelo Silveira

Professor	Javy ju, kyingue!	Bom dia, crianças!
Aluno	Javy ju!	Bom dia!
Professor	Aĩma aikuaaxe mba'exa gua pa peikuaa ha'e pejapoxe vai ve va'e. Ha'eve pa, kyingue?	Agora eu vou querer saber de vocês o que vocês sabem e gostam mais de fazer. Tudo bem, crianças?
Aluno	Ha'eve!	Sim!
Professor	Mava'e nha'ã pemombe'uxe?	Quem gostaria de falar?
Aluno 1	Xee!	Eu!
Professor	Pejapyxaka avy pavẽ apy, Kuaray omombe'u ta mba'exa gua pa oikuaa. Ha'e ojaxoxe vai ve va'e. Ha'eve pa?	Prestem atenção, todos! Kuaray vai contar o que ele sabe e gosta de fazer. Tudo bem?
Aluno	A'eve.	Sim.
Aluno 2	Xee ma anhevangaxe vai ve va'e "o'u jera'e", e'i va'e.	Eu gosto mais da brincadeira para adivinhar os nomes das frutas.

Conversas sobre cantigas

Autores: Saulo Cabral Ramires, Odair Eusébio, Márcia Augusto M. de Campos, João Carlos Silveira e João da Silva

Professor	Javy ju, kyingue!	Bom dia, crianças!
Aluno	Javy ju, orembo'ea.	Bom dia, professor.
Professor	Kova'e ara ma nhandeayvu ta mboraei re, peiporavõ ta peteĩ mboraei penduxe ve va'e. Ha'eve pa?	Hoje vamos falar sobre as cantigas, vocês vão escolher qual cantiga vocês querem ouvir. Está bem?
Aluno	Ha'eve, orembo'ea.	Está bem, professor.
Professor	Peporandu joupe ha'egui ma pemombe'u xevy pe.	Perguntem uns aos outros e depois me digam a que escolheram.
Aluno	Ore roiporavõ "xoxĩ karaja".	Nós escolhemos "xoxĩ karaja".
Professor	Japorai avy!	Vamos cantar juntos!

Autores: Nicolau Tupã Mirim, Cora Augusto Matim Pereira, Cátia Martim Pereira, Lídia K. Reté Veríssimo e Valdecir V. dos Santos

Professor	Javy ju, kyingue.	Bom dia, crianças.
Aluno	Javy ju.	Bom dia.
Professor	Aĩ ma nhambo'e rã mboraei re pembopara aguã ha'e gui peporai aguã.	Agora nós vamos aprender músicas, vamos escrever e depois cantar.
Aluno	Ta, ha'eve.	Sim. Está bem.
Professor	Peporai pora'ĩ ta'vy, joo'i rami.	Cantem bem bonito, sem desafinar.

Conversas temáticas



Conversa sobre tempo

Autores: Abílio da Silva Martins e Angelo Silveira

Professor	Javypa ju kyingue!	Bom dia, crianças!
Aluno	Javyju orembo'ea!	Bom dia, professor!
Professor	Kova'é ara ma nhanhembo'é ta reguare jaikuaa aguã okyta pa pa terã any paa. A'eve pa kyingue?	Hoje nós vamos estudar sobre o tempo. Tudo bem, crianças?
Aluno	A'eve!	Sim!
Professor	Jaje'oi avy nhama'ẽ arai re ranhe jaikuaa aguã.	Então, primeiro vamos observar o céu para nós identificarmos o tempo.

Conversa sobre alimentação tradicional

Autores: Pedro Miri Delane, Valmir Miri Macena Lima, Maria Fernandes e Joel Augusto Martins

Professor	Aý ma kyingue, nhande ayvu ta nhanerembi'u regua re.	Bom, crianças, hoje nós vamos falar um pouco sobre os alimentos tradicionais.
Aluno	Nhombo'ea, xee ma aikuaa mba'e mba'e pa yma rupi nhande kuery ho'u raka'e.	Professor, eu sei quais eram os alimentos que antes eram consumidos.
Professor	Ha'e rã emombe'u avy ore vype.	Então conte para a classe.
Aluno	Yma rupi ma nheneramoĩ kuery ho'u raka'e avaxi ete'i, jety, manji'o, xo'o ka'aguy regua ha'e gui ei.	Antes os mais velhos comiam milho, batata doce, mandioca, carne de caça e mel.
Professor	Ha'e vete ko!	Muito bom!

Conversa sobre músicas

Autores: Cássio Martim Pereira, Giselda Pires de Lima (Jera), Poty Poran Turiba Carlos e Jatiaci Fernandes Martins

Professor	Kyingue nhade ka'aru ju!	Boa tarde!
Aluno	Nhade ka'aru ju.	Boa tarde!
Professor	Kova'é ka'aru ma nhande ayvu ta mborai regua re.	Nessa tarde, nós falaremos de música.
Aluno	Japorai rã pã?	Vamos cantar?
Professor	Pave'ĩ rã japorai. Nhande kuery ma jareko reta rei mborai'i.	Todos cantaremos. Nós temos muitas músicas.
Aluno	Mba'e xagua-xagua tu jareko?	Quais são elas?
Professor	Jareko mborai nhandeayvu aguã Ka'aguy re, mba'e maraë'y re, Nhanderu re ha'e mitã pegua.	Temos músicas para falar da mata, dos animais, de Nhanderu e de músicas de ninar.
Aluno	Xembo'ea eporai peteĩ mborai.	Professor, cante uma música.
Professor	Kurive'i ma kyingue. Mborai'i oiko nhande reko'i py, ha'e va'e ma Nhanderu ome'ẽ va'e kue.	Daqui a pouco, crianças. Temos as músicas nas nossas vidas que foram dadas para a gente por Nhanderu.
Aluno	Ha'e ramo ae ma nda'e vei nhande rexarai aguã.	E é por isso que não podemos esquecer-las.
Professor	Ha'e vea rupi ete pova'e nhandeayvu. Avy'a etevy aporai'i pendevy pe.	É verdade o que vocês estão falando. E com muita alegria, eu vou cantar para vocês.
"Oreru Nhamandu Tupã Oreru Oreru Nhamandu Tupã Oreru Nhamandu Tupã Oreru"		
Aluno	Iporã vaipa pova'e mborai!	Essa música é muito bonita!
Professor	Anhetẽ.	É verdade.

Conversas temáticas



Conversa sobre o corpo

Autores: Giselda Pires de Lima (Jera) e Joel Augusto Martim

Professor	Peiko porã pa kyringue?	Vocês estão bem crianças?
Aluno	Roiko porã xembo’ea. Ha’vy ndee?	Estamos bem, professor! E você?
Professor	Xee aiko porã, kyringue, aỹ ma jaexata nhaderete regua.	Eu estou bem, crianças, e hoje nós iremos conhecer o nosso corpo.
Aluno	Mba’e re xembo’ea?	Por quê, professor?
Professor	Mba’e ta jaikoa’ia ejavi re ma jaikuaa eravy mba’e mo ha’e vy manhande ae ranhe jaexa kuaa.	Porque durante toda a nossa vida, nós iremos conhecer e aprender sobre muitas coisas e se é assim, devemos começar conhecendo nós mesmos.
Aluno	Ha’e ve!	Muito bom! (saudação Guarani)
Professor	Nema’vy. Tete’i ma oja’o nhaneakã, nhanderete, nhandejyva ha’e nhaneretyma.	Vamos lá! O corpo humano se divide em: cabeça, tronco e membros (braços e pernas).

Conversa sobre famílias

Autor: Marcilio Mariope Castro

Professor	Javy ju kurigue!	Bom dia, criançada!
Aluno	Javy ju nhombo’ea!	Bom dia, professor!
Professor	Maramĩ nderery?	Como é o seu nome?
Aluno	Xerery ma Jaciara.	Meu nome é Jaciara.
Professor	Ha’vy nderu maramĩ hery?	E o de seu pai, como é?
Aluno	Xeru ma hery Mário.	O nome do meu pai é Mário.
Professor	Ha’vy ndexy, maramĩ hery?	E a sua mãe, como é o nome?
Aluno	Ha’i ma hery Salete.	O nome da mãe é Salete.
Professor	Ha’vy mbovy rereko nderyke?	E quantas irmãs mais velhas?
	Ha’vy ndeky mbovy rereko py’y?	E quantas irmãs mais novas?
	Ha’vy ndekyvy tujakue mbovy rereko?	E quantos irmãos mais velhos?
	Ha’vy ndekyvy kirĩ ve mbovy rereko?	E quantos irmãos mais novos?
Aluno	Areko mokoĩ xeryke, areko mokoĩ xeky py’y. Ndarekoi xekyvy tujakue ve. Xekyvy kurĩ ve va’e oiko peteĩ.	Tenho duas irmãs mais velhas, tenho duas irmãs mais novas também. Não tenho irmãos mais velhos. Irmão mais novo, tenho um.
Professor	Ha’vy ndee mbovy ma’etỹ rereko?	E você quantos anos tem?
Aluno	Xee ma areko mboapy meme peteĩ ma’ etỹ.	Eu tenho 7 anos.
Professor	Ha’vy nderyke kyrĩ ve va’e, mbovy ma’etỹ oguereko?	E a tua irmã mais velha do que você, quantos anos ela tem?
Aluno	Peteĩ nhiruĩ meme mokoĩ ma’etỹ.	Ela tem 12 anos.

Cantigas



Além de propiciar momentos de muita alegria, as cantigas ensinam valores culturais e enriquecem a educação.

TUVIXA, KYRI'Í

Xee ma xivi'í tuvixa, tuvixa
Xee ma anguja kyri'í, kyri'í
Tuvixa, kyri'í, tuvixa, kyri'í
(palmas, palmas, palmas)

Xee ma ka'í tuvixa, tuvixa
Xee ma tay kyri'í, kyri'í
Tuvixa, kyri'í, tuvixa, kyri'í
(palmas, palmas, palmas)

Xee ma piraguaxu tuvixa, tuvixa
Xee ma piky kyri'í, kyri'í
Tuvixa, kyri'í, tuvixa, kyri'í
(palmas, palmas, palmas)

Xee ma tarave tuvixa, tuvixa
Xee ma jaguaky kyri'í, kyri'í
Tuvixa, kyri'í, tuvixa, kyri'í
(palmas, palmas, palmas)

PARAKAU NDAJE

Parakau ndaje omano
Mba'e re pa omano?
Endy rei ojuka, xereroita
Kururu xeguero

Ije ije, ije ije

APYKAXU

Apykaxu minha je
Oirũ ojuka riré
Tape poku rupi, uu, uu, uu he'í
Tangara rape tape guaxu ve
Nhanderu rape tape po'í ve

Grande, Pequeno

Sou um gato muito grande
Sou um rato bem pequeno
Grande, pequeno, grande pequeno
(palmas, palmas, palmas)

Sou um macaco muito grande
Sou uma formiga bem pequena
Grande, pequena, grande pequena
(palmas, palmas, palmas)

Sou uma baleia muito grande
Sou um lambari bem pequeno
Grande, pequeno, grande pequeno
(palmas, palmas, palmas)

Sou uma barata muito grande
Sou uma pulga bem pequena
Grande, pequena, grande pequena
(palmas, palmas, palmas)

Papagaio

O papagaio morreu.
Por que ele morreu?
Uma faísca o matou.
Ele saltou e o sapo passou por baixo.

Pombo

O pombo também
Depois que matou o seu amigo
Pela estrada disse uu, uu, uu, he'í.
A estrada de Angara é maior.
A estrada de Nhanderu é menor.

XOXÍ KARAJA

Xoxí karaja, xoxí karaja
Yvytu jere jere
Jakupê rumby
Opê, opê

NHANDY'Í

Ejeupi nhandy'í
Ejeupi okora re
Ou oky
Nhandy'í ho'a ta

TOKE NA MITÃ

Toke na mitã tove nderu
Togueru vaka ra'y'í nerymba ra'í
Toke na mitã tove nderu
Togueru avaxi parai nemba'e ra'í
Toke na mitã tove nderu
Togueru tapixi nambikue'í nderupa ra'í

AKUXI

Akuxi ojere
Pyavy ara py
Uru ojapukai rã
Oo ho'apa

Passarinho

Passarinho, passarinho,
Roda, roda no redemoinho.
Pula, pula, jacutinga,
Quebra a espinha, quebra a espinha.

Aranhinha

Sobe, aranhinha,
Sobe pela parede,
Veio a chuva forte
E a derrubou.

Dorme neném

Dorme neném,
O pai vai trazer uma anta fêmea pra você.
Dorme neném,
O pai vai trazer milho pra você.
Dorme neném,
O pai vai trazer orelhinha de coelho pra ser sua caminha.

Cutia

Roda cutia
De noite e de dia.
O galo cantou
E a casa caiu.

Cantigas



AMOMBÓ YVYRÁ XVI

Versão para o Guaraní: *Poty Poran Turiba Carlos*

Amombó yvyrá xivi'í i i
Xivi'í i i
Nomanoĩ, noĩ, noĩ
Xary'í Chica ca
Onhemondyi, ndyi, ndyi
Okororõ, Okororõ
Xivi'í axẽ
Mi-au

JEXAKA ARANDU

Compositor: *(Karaí) Basílio Silveira*

Nhombo'ea omoexakã
Jexaka arandu
Mbeguei py aikuaa
Aroayvu ma aỹ
Mbegue-mbeguei'í py
Ore roikuaa ma
Numerais, mais e menos
Divisão, multiplicação

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato to,
Mas o gato to
não morreu reu reu.
Dona Chica ca
Admirou-se se,
Do berrô, do berrô
Que o gato deu
Mi-au.

Luz do meu saber

Professor é minha luz.
A luz do meu saber,
Pouco a pouco eu irei
Aprendendo a ler.
Assim pouco a pouco,
Estamos aprendendo
Numerais, mais e menos
Divisão, multiplicação.

Sequências didáticas



Tema da Lição:
Alimentação

Autores:
Edson Djejuaka Mirin Macena, Juliano Cabral Ramires, Andréia Pio e Jaciara Augusto Martim Pereira



Nota:
Em português, o “kaguijy” é conhecido como “cauim”. A mulher que faz a bebida deve ter sido preparada desde pequena para essa tarefa. Uma das práticas tradicionais é dar de comer à menina, quando criança, a larva do palmito. Assim, quando adulta, o “cauim” que ela preparar vai ser sempre doce.

1) Conversa entre professor e avó

Professor	Javy ju.	Bom dia!
Avó	Javy ju.	Bom dia!
Professor	Mba'exa guagui tu jajapo rã kaguijy?	De que podemos fazer nossa bebida fermentada?
Avó	Kaguijy rã ma jajoxo rã avaxi mboapykue angua py, ha'e gui nhambogua yrupeĩ py, ha'e gui apa'i py ju nhamboveve nhamboja'o aguã avaxi ku'i ha'e inhapingue'i. Inhapingue'i ranhe nhamoĩ ojy aguã vy opupu ma jave tykue py ae ju nhamoakỹ kaguijy akytã rã. Ha'e gui inhapingue'i py ae ju nhamoĩ ojy aguã. Ojy ma ramo nhanoemba rã yro'yxã ranhe aguã. Ha'e gui mãe ma kunhangue oixu'u aguã. Oixu'upa ma rire ma omoĩ rã yro'yxã omboje'apa porã aguã, ha'e gui ma omboyru rã y'akua ete'i py, ko'engue mãe o'u aguã.	Para fazer o “kaguijy”, é preciso socar o milho três vezes no pilão. Depois é preciso peneirar primeiro em uma peneira com furinhos – para separar o farelo da quirela, e em seguida, em uma peneira sem furos – para tirar as casquinhas. Então, deve-se colocar a quirela para cozinhar. O farelo deve ser umedecido no caldo quente da própria quirela. Feito isso, deve-se fazer bolinhos com a massa. Esses bolinhos são colocados junto com a quirela para cozinhar. Depois de cozidos, espera-se esfriar e as moças – ou mulheres – devem mastigá-los. Só então mistura-se água fria e guarda-se a bebida em potes para o outro dia.
Professor	Ha'e vy mba'exa tu jajapo rã kaguijy he'ẽ aguã?	Como fazemos para que a bebida fique doce?
Avó	Kaguijy he'ẽ aguã ma ojapo va'e ipo porã rã ramo.	Para o “kaguijy” ficar doce, a pessoa que faz deve ter muito jeito.

2) Compreensão

a) Mba'exa gua tembi'u tu nhaikotevẽ kaguijy jajapo aguã?	Qual o alimento principal para fazer o kaguijy?
b) Ha'eve pa jay'u aguã kaguijy tata gui oipe'a ramo ve? Mba'e re?	Podemos beber o kaguijy assim que sai do fogo? Por quê?
c) Mava'e rã tu kaguijy ojapo?	Quem deve fazer o kaguijy?

Tema da Lição:
Alimentação

3) Atividades lúdicas

a) Siga o código e descubra o que está escrito:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
B	A	C	V	H	J	E	X	O	I	F	D	K	G	P
16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
U	M	T	Y	L	R	N	Q	S	Z	-	~	!	.	?

Português

17	10	20	5	9	1	7	1	10	12	2	26	11	7	21	17	7	22	18	2	12	2

Guarani

2	4	2	8	10	13	2	14	16	10	6	19

b) Associe as ilustrações às palavras em Guarani e em Português



2



3



1



6



5



4

- () IPO
- () KUNHA'ĩ
- () AVAXI
- () TATA
- () YRUPĚ
- () ANGU'A

- () MENINA
- () FOGO
- () PILÃO
- () MÃO
- () PENEIRA
- () MILHO

4) História

AXY TATA MA'ETỸ RE
OIKUAA POTAVA'E

AS ESTRELAS QUE CUIDAM
DAS PLANTAÇÕES

Tekoa py ma je oiko peteĩ kunha
va'e, jaxy tata re, pytũ nhavõ
oma'ẽ.

Na aldeia, havia uma índia que
gostava muito de olhar as estrelas.

Ha'e oipota jaxy tata ojeapo ava
rami, ha'e re omenda aguã.

Ela queria que uma estrela fosse
um índio para se casar com ela.

Peteĩ pytũ re je ha'e oo oma'ẽ
jaxy tata re. Harã ha'e py ve e'ỹ
ojekuaa xapy'a rei py oexa peteĩ
tuja'ĩ.

Certa noite, essa índia foi olhar
novamente essa estrela, só que ela
não estava mais lá. De repente, ela
viu um velhinho.

Ha'e tuja'ĩ va'e ijayvu ha'e pe
hexe omendaxea rami, va'e ri
kunha va'e ndoipotai, tuja'ia rami
py oikuaa.

Esse velhinho disse que gostaria de
se casar com ela, mas ela não
aceitou, pois achava que ele era
muito velho para ela.

Ha'e rami rei ramo tuja'ĩ oo
tekoa re. Ikypy'y re tuja'ĩ va'e
onhanguareko.

Então o velhinho foi para a aldeia
e a irmã dela o viu e cuidou dele.

Kunumingue omba'eapo nhavõ
ha'e kuery rupive oo.

Toda vez que os homens da aldeia
iam trabalhar, ele ia junto.

Peteingue ha'e oo oma'ẽ tuja'ĩ
oma'etỹa py. Xapy'a rei py oexa
kunumi iporã va'e, ha'e kuery
mokoĩ oo tekoa re.

Uma vez, a irmã da índia que
gostava de ver estrelas decidiu ir
até a plantação onde o velhinho
trabalhava, só que viu um rapaz
jovem. Os dois voltaram juntos para
a aldeia.

Kunha omendaxe vai kunumi a'e
vy oexa vy, onha py oo ka'aguy
re vy onhembojera guyra'ĩ.

A índia que tanto queria se casar,
ao ver o rapaz, saiu correndo para
a mata e virou um pássaro.

Tuja'ĩ va'e kue oeja tekoa py
onhotỹ aguã: xanjau, andai,
manji'õ, jety.

O velho que havia rejuvenescido
deixou como presente para a aldeia
os seguintes alimentos: a melancia, a
abóbora, a mandioca e a batata-doce.

Ikypy'y guyra onhembojera va'e
kue pe, hexe onhatendeague re.
Ha'e ijayvu omenda aguã re,
kunha va'e ojou porã. Ha'e kuery
mokoĩ onhembojera aguã jaxy
tata, oikuaa pota aguã maetỹ re.

Porque a irmã da índia que virou
pássaro cuidou dele quando ainda
era velhinho, ele a pediu em
casamento. Ela aceitou e, então, os
dois juntos viraram estrelas que
cuidam sempre da plantação.

5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
andai	abóbora
angu'a	pilão
avaxi	milho
guyra	pássaro
ipo	mão
jaxy tata	estrela
jety	batata
kunha'ĩ	menina
kunumi	jovem
ma'etỹ	plantação
mba'eapo	trabalho
tata	fogo
tekoa	aldeia
tujai	velhinho
xanjau	melancia
yrupě	peneira

Tema da Lição:
Atribuição do Nome

Autores:
Giselda Jera Pires de Lima (Jera),
Jatiaci Fernandes Martins, Poty Poran T. Carlos
e Cássio Martim Pereira



1) Conversa entre o líder (uvixa) e crianças e jovens

Líder	Pende ka'aru aty rami pora'ĩ pa? Kyringue, kunumingue ha'e kunhataingue?	A tarde está boa para todos? Crianças, rapazes e moças?
Crianças e jovens	Ore ka'aru aty rami porã'ĩ ! Ndee ave'ĩ ndeka'aru aty rami porã'ĩ pa?	A tarde está boa para nós! E para você?
Líder	Xee ave'ĩ. Aỹ ma apy poroenoiмба opy re nhemongarai regua re xeayvu aguã.	Para mim também. Hoje eu chamei todos aqui na casa de reza para falar do batizado.
Crianças e jovens	Ha'e ve'ĩ.	Está bem.
Líder	Amboae jaxy rem a onhemopyrũ ta ma nhemongarai'ĩ.	No próximo mês se realizará o batizado.
Crianças e jovens	Rovy'a ko ha'e ramo!	Estamos felizes com isso.
Líder	Ha'e rami vy peikuaapa mba'e rã pa ha'e va'e vy'a oĩ?	Então vocês sabem para que essa festa acontece?
Crianças e jovens	Roikuaa a'e tu! Ha'e va'e ko kyringue hery'ĩ aguã.	Nós sabemos! É para as crianças receberem seus nomes.
Líder	Ha'e ramo ha'e ve te katu ra'e.	Assim está muito bem.
Crianças e jovens	Ha'e rami vy mba'e-mba'e rã tu jaiporu nhemongarai py?	Então quais as coisas que iremos usar no batizado?
Líder	Nhemongarai py ma nhaikotevẽ rã ei raity, petỹ, ka'a'ĩ, ha'e nunga.	No batizado vamos precisar de cera de abelha, fumo, erva-mate, essas coisas.

Crianças e jovens	Orero py ma oĩ ja'ea'ĩ ei raity.	Em nossa casa tem bastante cera de abelha.
Líder	Ha'e ve katu, ha'e va'e ma penderu kuery oiporu va'e rã.	Que bom, é isso que os pais de vocês irão usar.
Crianças e jovens	Mava'e rã tu kyringue omboery?	Quem vai dar nomes para as crianças?
Líder	Ojepopixy'ĩ va'e ra'ẽ ma kyringue'ĩ omboery'ĩ.	O líder espiritual é quem irá dar nomes para as crianças.
Crianças e jovens	Mba'exa gua tery tu ojekua ve kyringue pe?	Que nomes aparecem mais para as crianças?
Líder	Ha'e va'e py ma xee aexaa rami ramo tery amongue tekoa rupi ojekuave va'e ma: Vera, Karai, Para, Ara'ĩ, Yva, Jera ha'e va'e.	Eu acho que os nomes que aparecem mais em algumas aldeias são: Vera, Karai, Pará, Ara'ĩ, Yvá, Jerá.
Crianças e jovens	Anhetẽ ko. Xero py ma ikuai mboapy Vera.	É verdade. Na minha casa tem três Verá.
Líder	Ha'e vy ma xee aju apy pende vy pe xeayvu aguã, nhemongarai ma teĩ ke pembojerovia etc.	Então eu vim aqui para falar a vocês que respeitem bastante o batizado.
Crianças e jovens	Ha'e ve.	Está bem.
Líder	Xee aporandu pende vy pe peru ja'ea aguã petỹ.	Eu peço que vocês tragam bastante fumo.
Crianças e jovens	Rogueru'ĩ rã ko.	Traremos sim.
Líder	Amboae jaxy re ma, jajero ky, japorai vaipa rã Nhanderu pe.	No outro mês, iremos dançar e cantar muito para Nhanderu.
Crianças e jovens	Ha'e ve eko.	Sim.
Líder	Ha'e vy ma aỹ guikue jejapyxaka jaiko katu ma nhemongarai re. Aỹ ha'e ve ma peo'ĩ ju aguã. Japytu'u'ĩ ju.	Pois bem. Daqui para adiante, vamos nos concentrar e nos preparar para o batizado. Agora vocês podem ir embora. Boa noite.
Crianças e jovens	Japytu'u'ĩ ju.	Boa noite.

Tema da Lição
Atribuição do Nome

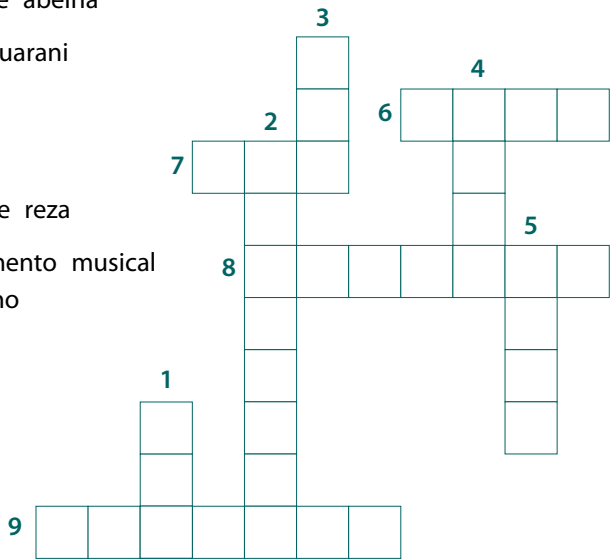
2) Compreensão

a) Mba'exa tu nhande py jaxarura ka'aru ma ramo?	Como cumprimentamos alguém à tarde em Guarani?
b) Mamo tu uvixa ijayvu nhemongarai re?	Em que lugar o líder fala do batizado?
c) Mba'e rã tu oiko nhemongarai?	Por que acontece o batizado?
d) Mava'e tu kyingue omboery?	Quem dá os nomes às crianças?
e) Mba'exa gua tu oiporu nhemongarai py?	O que usamos no batizado?
f) Ndeayvu pete? nhemongarai rexa va'e kue re. Mba'e tu rerovy'a ve raka'e?	Fale sobre um batizado que você já viu. De que você mais gostou?

2) Atividades lúdicas

a) Complete a cruzadinha com as palavras em Guarani equivalentes a:

- 1 erva-mate
- 2 cachimbo
- 3 cera de abelha
- 4 altar guarani
- 5 fumo
- 6 rabeca
- 7 casa de reza
- 8 instrumento musical feminino
- 9 violão



b) Pemopytã opy'i py oĩ va'e anho'ĩ. Pinte somente os objetos que pertencem à casa de reza.



4) História

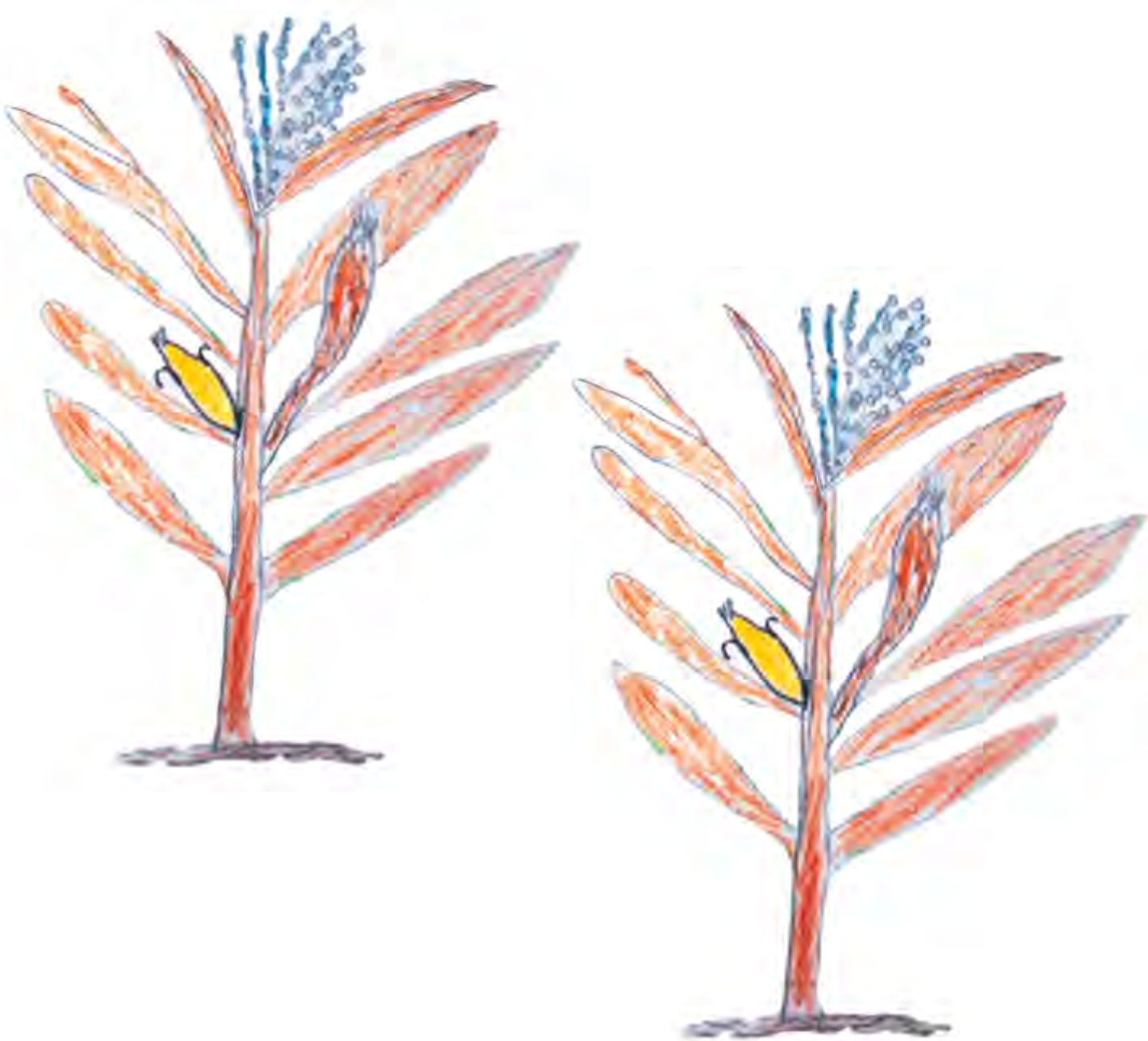
NHEMONGARAI NOĨ VOĨ AGUE	O BATIZADO ATRASADO
Kueve'i ma je peteĩ tekoa Guarani py, Opy'i okôtevẽ omoatyrõ aguã, oo joa'i ma je ikuapa.	Já faz algum tempo que, em uma aldeia Guarani, era preciso reformar a casa de reza, pois o telhado, que é feito de sapé, estava todo cheio de buracos.
Va'e ri nhuũ ma je jipovei, ha'e rami vy manje nomoatyrõ voi, ha'e vy nhemongarai oĩ rã gue py ndojekuai.	Mas aconteceu que o sapé estava escasso e, assim, a reforma atrasou, prejudicando a realização do batizado na data certa.
Ha'e rami ramo je kyingue imba'e axy pama okua py, ha'e rami ramo je nhande kuery, amboae kuery tekoa guigua kuery reve omoatyrõ Opy'i.	Com esse atraso, as crianças começaram a ficar doentes. Então, a comunidade se organizou junto com outras aldeias e conseguiram arrumar a casa de reza.
Ha'e vy maje ja nhemongarai oĩ ma pave'ĩ pe. Ha'e va'e py maje xamoĩ omombe'u mba'e re pa kyingue imba'e axy pa, nhemongarai noĩ voi ramo, he'i. Haxy py ha'e va'e jaxy re ae oĩ nhemongarai.	Podendo assim fazer o batismo, na hora do ritual, o líder espiritual afirmou que as crianças só adoeceram por causa do atraso na realização do batismo no mês certo.

5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
aguã	para
amba	altar Guarani
apy	aqui
aỹ	agora, hoje
ha'e rami	desse jeito, então
ha'e ve ete	muito obrigado
iporã	bonito, bom
jaxy	lua
ka'aru	tarde
kunhataingue	meninas
kunumingue	meninos, rapazes
kyringue	crianças
mbáraka	violão
nhaikotevẽ	nós precisamos, precisamos
nhemongarai	batizado que acontece anualmente na aldeia guarani. Nessa cerimônia, o líder espiritual atribui o nome a cada criança que tem mais de um ano de idade.
petỹ	fumo
petyngua	cachimbo
nunga	igual, semelhante
ravé	rabeca
rovy'a	estamos felizes, contentes
takuapu	instrumento musical feminino
tama	já
uvixa	líder
yxy	cera de abelha

Tema da Lição:
Colheita do milho

Autores:
Moacir Augusto Martim, Ângelo Silveira,
Antonio Macena e Abílio S. Martins



1) Conversa entre três homens adultos

Moacir	Karai, kova'e ara yma opa'ia re nhamoatyrõ avaxi tỹ rã.	Ângelo, no finalzinho de agosto vamos começar a limpar o terreno para plantarmos o milho.
Ângelo	Ha'e ve. Ha'e ndee Vera, orepytyvõ rã pa?	Sim, tudo bem. Mas, Abílio, você ajuda a gente?
Abílio	Ê, ha'e ve a'e tu, ha'e teĩ xee aipota ta avei mboapy'i rupi avaxi.	Ah, sim, tudo bem porque vou precisar de um pouco de milho também.
Moacir	Vera nhanepytyvõ ramo, nhandekokue iporã rã, nghanhotỹ ve aguã.	Com o Abílio ajudando a gente, a nossa roça vai ficar muito boa e vai dar para plantarmos mais.
Abílio	Ha'e ramo ha'e ve. Ko'erã aporandu ta avaxi ra'yĩ gue re xejaryi pe ha'e py, oguereko vaipa.	Então tudo bem. Amanhã vou pedir a semente para minha avó porque ela tem bastante.
Ângelo	Ha'e ve avy. A'e ramo ma reru jave ma araa rã nhaneramoi'ĩ pe omongara'i'ĩ rire ma nghanhotỹ aguã.	Está certo. Assim que você trouxe a semente, eu levo para o pajé batizar para a gente plantar logo.
	IRUNDY JAXY RIRE ONHEPYRÛ AVAXI NHAEMBOI	QUATRO MESES DEPOIS COMEÇA A COLHEITA DO MILHO
Abílio	Ma'ê, Karai! Ko'erã ko'emba'ĩ ma, nghanhepyrũ ma rã nhamboi avaxi.	Olha, Ângelo! Amanhã cedo, vamos começar a colher o milho!
Ângelo	Ha'e ve, avy. Eaxa voi'ĩ avy xea rupi jaa aguã avaxi tỹ py.	Tudo bem, então. Passe em casa amanhã de manhã para nós irmos para a roça.

2) Compreensão

a)	Mbovy tu ikuai kuaxia re ombopara va'e kue, ha'e mba'eixa tu ery?	Quantos são os personagens do e quais os seus nomes?
b)	Mbovy tu oje'oi ta avaxi nhotỹ vy Vera reve?	Quantas pessoas vão plantar milho com Abílio?
c)	Mbovy jaxy rire tu onhepyrũ onhemboi?	Após quantos meses começa a colheita?
d)	Mba'e re tu Vera jaryi re avei ijayvu?	O que Abílio vai pedir a sua avó?

Tema da Lição:
Colheita do milho

3) Atividade lúdica

Encontre no quadro as palavras em Guaraní equivalentes a:

milho

roça

colheita

batizar

plantar

está bom

S	D	F	G	J	J	K	L	K	Q	W	O
P	O	Q	N	H	A	M	B	O	I	S	X
L	M	A	V	P	V	W	E	K	P	X	C
O	O	Z	F	L	A	G	H	U	U	C	T
M	N	W	R	M	X	I	O	E	L	V	S
J	G	S	N	J	I	C	V	G	J	B	O
U	A	X	H	U	N	T	D	T	M	N	T
H	R	E	N	H	A	N	H	O	T	Y	I
N	A	D	H	J	K	L	O	P	X	E	H
G	I	C	F	R	H	A	E	V	E	T	E
T	I	F	V	G	B	T	Y	H	J	M	G

4) História

AVAXI TAKUA

A HISTÓRIA DO MILHO
TAQUARA

Yma maje peteĩ tekoa oĩ raka’e
ka’aguy mbyte re.

Antigamente havia uma aldeia
Guarani no meio da floresta.

Mbya kuery je oguereko avaxi
joegua e’ỹ e’ỹ kokue py.

O povo da aldeia vivia plantando
milho de diferentes tipos.

Peteĩ ara maje peteĩ ava va’e
ka’aguy re oo vy ogueru reta
takua ojapo aguã ajaka.

Um dia, um homem da aldeia
foi à mata e trouxe um monte
de taquara para fazer balaio.

Peteĩ takua ojoka va’e yvyĩ gui
maje ajou peteĩ avaxi ra’yí’ĩ oexa
va’e regua e’ỹ.

Quando ele quebrou uma das
taquaras, encontrou um grão de
milho desconhecido.

Va’e kue je onhotỹ rire a’e va’e
gui enhoĩ a’e mokoĩ yi’i oxẽ
kova’e gui je omboi a’e omoiporã
onhotỹ jevy aguã.

Esse grão de milho foi plantado
separado dos demais. Depois de
alguns dias, o grãozinho
germinou e surgiram duas
espigas, que foram colhidas e
guardadas para serem
replantadas.

Peixa maje kova’e avaxi eta
onhemboja’o ja’o opa tekoa rupi
oguereko aguã rami raka’e.

Assim esse novo tipo de milho
foi multiplicado e distribuído de
aldeia em aldeia.

Vyma kova’e avaxi
onhembojervia va’e ra araka’e
ore Mbya kuery pe.

Por isso, esse milho, conhecido
como milho taquara, é sagrado
para o povo Guarani.

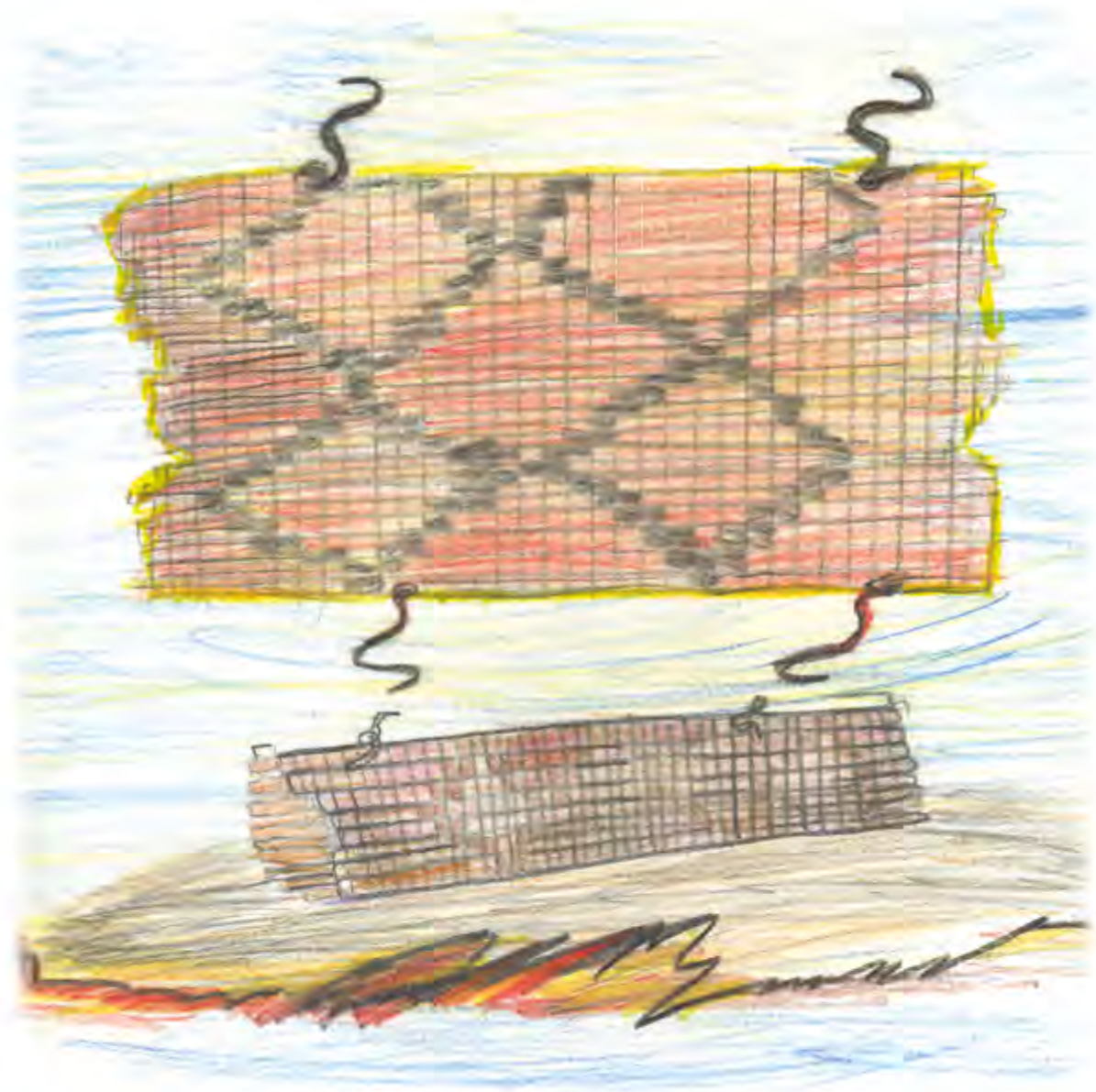
5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
ara	tempo, dia, nuvem
ava	homem
avakue	homens
ka’a	erva-mate
kunha	mulher
kunhangue	mulheres
nhanderamó’i	nosso líder espiritual
nhe’ẽ	espírito
(o)ĩ	ter, existir
tekoa	aldeia



Tema da Lição:
Morte

Autores:
João Lira da Silva, Adílio Wera
Paraguassu, Márcilio Mariope Castro,
Sebastião J. Fernandes



1) Conversa entre pai e filho

Filho	Xeru, jagua ra’y nomyĩ vei. Mba’e re tu?	Pai, o cachorrinho não se mexe. Por quê?
Pai	Xera’y, jagua ra’y ma imba’eaxy, ae rire omano.	Filho, o cachorrinho estava doente. Ele morreu.
Filho	Mba’e tu manoa?	O que é morrer?
Pai	Xera’y manoa ma oiko rã nhande kuery re e’y vy mymba re. Omano ha’e na’ipyтуẽ vei oikovea opa.	Bom, filho, a morte pode ser de pessoas ou de animais. Morrer é deixar de respirar. É o fim da vida.
Filho	Xeru, kyingue ha’e tujakue voi pa omano’rã?	Pai, crianças e adultos também morrem?
Pai	Ta. Nhamano’rã mba’eaxy gui ha’e opa mba’egui. Yvyra ha’e jai rogue voi omano’rã omano vy, ae ma hogue voi ipirupa.	Sim. Podemos morrer de doenças, ou em um acidente. As plantas também morrem, ao secar ou murchar.

2) Compreensão

Emoĩ (x) ha’e vea rami oĩ va’e py:	Coloque X na palavra certa.
a) Tuu ha’e ta’y ijayvu mba’ere: () mano () menda () tembi’u	No diálogo, pai e filho falam de: () alimento () morte () casamento
b) Tuu ombo’e gua’y nhamano va’e rãre: () vy’a gui () mba’ea xy gui () nhemo kyingue	O pai ensina ao filho que podemos morrer de: () doença () cócega () alegria
c) Nhamano vy: () ndajaiko vei’rã () jakyje’rã () javy’rã	Morrer é: () falecer () medo () levantar

Tema da Lição:
Morte

3) Atividade lúdica

Encontre no quadro as palavras em Guaraní equivalentes a:

- respirar
- não respirar
- secar, murchar
- morrer
- vida
- andar
- falar

N	A	I	P	Y	T	U	Ë	V	E	I
X	Q	R	Y	V	J	O	L	E	T	H
C	F	G	T	B	M	H	T	D	G	N
P	I	R	U	N	K	E	R	C	B	M
A	T	K	Ë	L	J	’O	M	B	V	C
S	S	D	F	G	M	M	Q	L	D	H
D	G	X	M	E	J	B	W	K	F	L
F	U	C	J	R	M	A	N	O	V	K
G	A	V	A	F	H	I	E	J	H	J
H	T	B	Y	V	P	X	R	H	N	H
N	A	N	V	E	K	O	V	E	J	T
J	H	J	U	D	L	R	T	G	P	Y

4) História

NHANDERU ETE OIPORAVO VA’EKUE REGUA	O PAJÉ ESCOLHIDO POR NHANDERU ETE
Yma je oĩ raka’e peteĩ tekoa yakã guaxu yvy ry.	Antigamente, havia uma aldeia ao lado de um grande rio.
Mokoĩ omenda va’e ha’e peteĩ ava ha’e va’e tekoa gui peteĩ ara oaxa yakã rovai gua re, amboae yakã yvy katy oo vy, ha’e vy ha’e py ojapo tekoa mboae ju.	Dois casais e um homem dessa aldeia um dia atravessaram o rio, indo para a outra margem, e lá decidiram fazer uma outra aldeia.
Ijypy jave ma je, mbovy’i ikuai raka’e, ha’e va’e tekoa pyau py, ha’egui hare e’y re hetave ma ikuai, ha’egui ma je amongue ha’e py ikuai va’e oje’oi tetã re, tujakue ve omongetaa re ojapyxaka e’y vy.	No começo, havia poucas pessoas morando nessa nova aldeia, mas aos poucos ela foi crescendo, e alguns de seus moradores resolveram sair para a cidade, desobedecendo o conselho dos mais velhos.
Oiko xapy’a mba’eaxy tekoa py. Ha’e rã ha’e ramo peteĩ teĩ omano kyringue ha’e tujakue.	De repente, surgiu uma doença na aldeia e as pessoas começaram a falecer, uma a uma, crianças e adultos.
Tuja kue oeka okuapy yvyra rupa rã.	Os mais velhos procuraram um local para fundar o cemitério.
Kova’e ha’e nuga rã ha’e ve, mombyry tekoa gui, mba’eta mava’eve rei omoageko he’y aguã, amgue, mombyry avi yakã gui iky’a he’y aguã ha’e nunga gui.	Esse local era longe da aldeia para que ninguém fosse incomodado por assombrações e era afastado do rio para não contaminar sua água.
Mbovy’i hemby re ha’e py hekoa va’e kuery, ndovy’a vei ojae’o te ma omano va’e kuere.	Poucas pessoas restaram na aldeia e, entristecidos, lamentaram por aqueles que foram para o além.
Kova’e okua ve va’e voi okyje omano gui, mba’e ve ndoikuai marami vy pa oo jepe aguã mba’eaxy gui.	Esses sobreviventes também tinham medo de morrer, pois não sabiam o que fazer para escapar da doença.
Ha’e kuery rupi ve oiko peteĩ i’arandu rei va’e. Ha’e Nhanderu pe oporandu’i rire oikuaa i’arandu rã Nhanderu ete oikuaauka moã ojapo aguã.	Dentre eles, havia um sábio que após ter invocado Nhanderu, recebeu inteligência e sabedoria para fazer os remédios necessários.
Ha’e oiko opita’i va’e, hery Guvyrapaxiĩ, ha’e Nhanderu ete ha’e oiporavõ, ha’e neĩ ndojepy’apyi ha’e rami oiko aguã opita’i va’e. Ha’e rami rire aỹ pe ve heko kue omombe’u a riae. Opita’i va’e ma tekoa py gua e’y oiporavõ opita’i va’e oiko aguã. Opita’i va’e rã ma Nhanderu ete ha’e oiporavõ, ha’e ramo rã e ma opita’i va’e oiko.	Ele tornou-se o grande Pajé chamado Guyrapaxiĩ, o Arco Branco. Ele foi escolhido por Nhanderu, pois ele mesmo nunca havia pensado em ser pajé. Por isso, até hoje a história se repete: um pajé nunca é escolhido pelas pessoas, é Nhanderu que o escolhe para ser pajé.

5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
ayvu	falar
e’omba	murchar
ekove	vida
hogue	folha
jagua ra’y	filhote de cachorro
kyringue	criança
mano	morrer
manoa	morte
mba’eaxy	doença
mymba	animais domésticos
naipytuẽ vei	não respirar
nomyĩ	estar sem movimento
(o)guata	andar
(o)iko	existir, ser
(o)kyje	ter medo
(o)menda	casar
piru	secar
pytuẽ	respirar
tembi’u	alimento
tujakue	adultos, velhos
vy’a	alegria
xera’y	meu filho
xeru	meu pai
yakã	braço de rio
yvyra	árvore

Tema da Lição:
Ritos de passagem

Autores:
Sérgio Martins da Silva, Antonio da Silva Santos
e Marinalva Kerexu Paraguassu



1) Conversa entre avó e mãe

Mãe	Ange, xememby Para’i inhimbe kuri.	Mãe, minha filha Para’i teve a sua primeira menstruação.
Avó	Ê anhetê, mba’e tu reikuaaxe?	Sim, e o que você quer saber?
Mãe	Nba’erã tu ajapo kunha re aý?	O que devo fazer com ela?
Avó	Rejaya rã hi’a.	Primeiro, ela terá que cortar o cabelo.
Mãe	Ha’e rami rive pa?	Mas é só isso?
Avó	Ha’e moko’ingue gueko re oiko apy ma oĩ ju’rã nhimbe py. Nda’e vei yvy re ypyrõ aguã. Moa rive’rã oy’u.	Não. Na primeira e na segunda menstruação, ela vai ficar reclusa dentro de sua casa. Ela não pode pisar descalça no chão, nem tomar vento e nem beber água.
Mãe	Mba’e re?	Mas por quê?
Avó	Ojejogua vai e’ý aguã.	Há espíritos maus que vivem na terra e no ar. Durante esse período, a mulher fica frágil. É preciso ficar protegida.
Mãe	Ha’e ve pa ijayvu katu aguã?	E ela poderá conversar com as pessoas de casa?
Avó	Ndereve ha’e xereve anho’ĩ.	Somente com você e comigo.

2) Compreensão

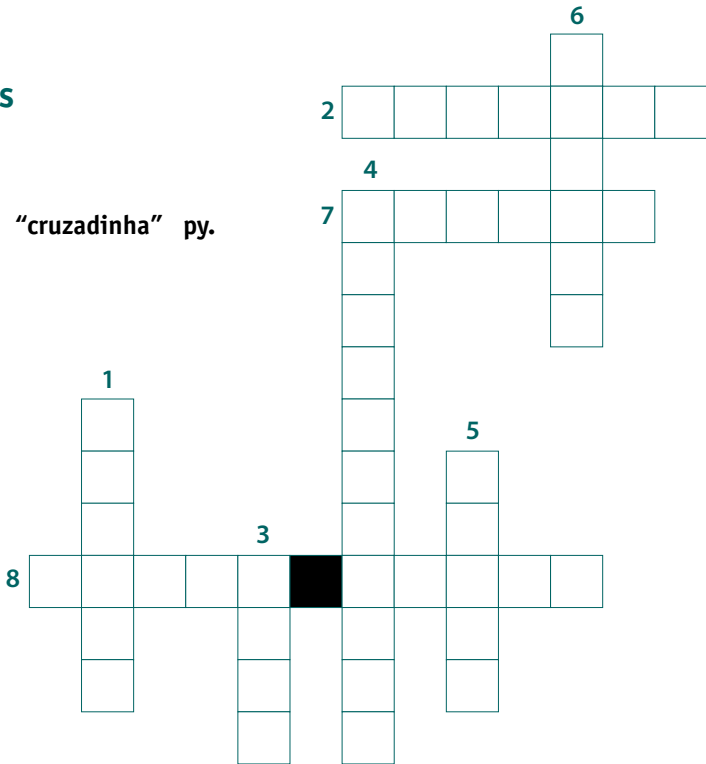
a) Kova’e ayvu i py, ijayvu va’e nhõeta rapa?	Que pessoas de uma mesma família aparecem no diálogo?
b) Mba’e nungare joguero ayvu?	Sobre o que elas estão conversando?
c) Mba’e re tu Para’i ho’a ojayarã?	Por que Para’i terá que cortar o cabelo?
d) Mba’e pa Para’i nda’evei ojapo aguãdurante monkoi gue oguapyare?	O que Para’i não poderá fazer durante as duas primeiras menstruações?
f) Oguapy are pa Para’i ha’eve’rã ijayvu aguã vetara kuery reve?	Durante esse período, Para’i poderá conversar com todas as pessoas de sua família?

Tema da Lição:
Ritos de passagem

3) Atividades lúdicas

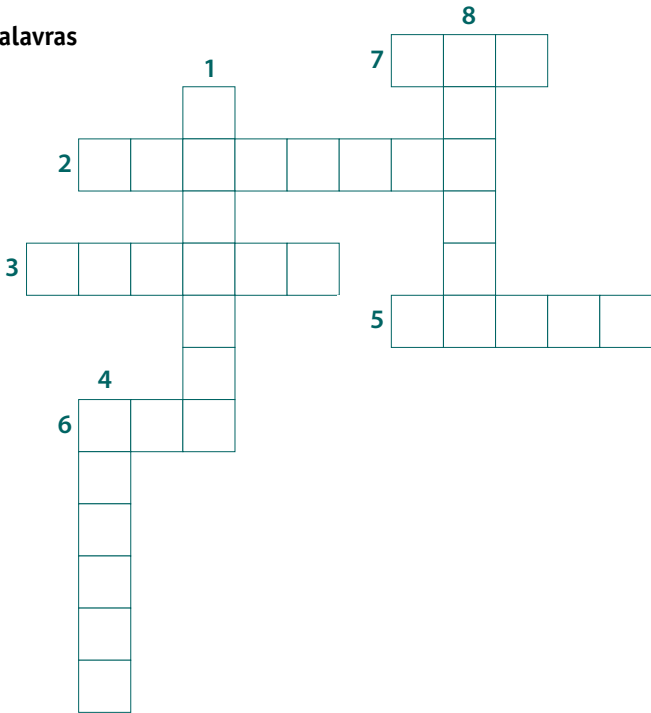
a) Embo para ayvu juruapy “cruzadinha” py.

- 1 Xereve
- 2 Anhetẽ
- 3 Apy
- 4 Ojejogua
- 5 Ijayvu
- 6 Hia
- 7 Kunhã
- 8 Xememby



b) Escreva, na cruzadinha, as palavras em Guaraní equivalentes a:

- 1 minha filha
- 2 transformação, metamorfose
- 3 comigo
- 4 verdade
- 5 mulher
- 6 aqui
- 7 cabelo
- 8 falou



4) História

NHE'Ë NGUXU	RITOS DE PASSAGEM PARA O MENINO
Ava kueí inhe'ë nguxu apy, tuu ha'e tamoĩ omongueta.	Quando chega a puberdade, o pai e o avô do menino conversam com ele.
Ha'e inhe'ë nguxu va'e inhaka'ãta ramo ma, hembe ombokua. Ha'arã anyí ramo ma nombokuai.	Se for um garoto muito levado, o pai e o avô furam o lábio dele; se for um garoto comportado, não é preciso furar o lábio.
Tuu ha'e tamoĩ ha'egui omobe'u ha'e rami oiko aguã, omba'eapo aguã tekoa rupi, ngoopy, ha'e okopi aguã, ha'e mãe tyrã.	O pai e o avô conversam com o menino sobre a importância de aprender a fazer o trabalho dentro da aldeia, na casa ou na roça familiar.
Ha'e gui ma omobe'u rã marãmi rãpa omenda aguã ojou jave. Ha'e omenda aguã ma ojapo rã ngoo ha'e py joguereko aguã, oo ojapo va'e kuepy.	Depois de tudo isso, explicam que quando o garoto arrumar uma companheira, ele vai ter que fazer uma casa e viver com ela na casa que construiu.
Ha'e tuja ma oikovy vy ma ha'e ju rã oguereko ayvu porã omboaxa aguã kunumingue pe ekorãre ogueroayvu aguã.	Com o passar dos anos, já adulto, é ele quem irá passar as orientações aos mais jovens sobre a fase da puberdade.

5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
amoĩ	avô
angue	hoje
anhetẽ	verdade
apy	aqui
hi'a	cabelo
ijayvu	falou
kunhã	mulher
moã	chá, remédio
ndereve	com você
oje poraka	caçar
ojejogua	metamorfose, transformação
pytu	ar
ta'y	filho
tembé	lábio
xememby	minha filha
xereve	comigo
xeru	pai
yvy	terra
yy	água

Tema da Lição:
Ano novo

Autores:
Cláudio Karai S. dos S. Oliveira
e Valmir Miri Macena Lima



1) Conversa entre menino e avô

Menino	Javy ju, xamoi'ĩ!	Bom dia, vô!
Avô	Javy ju!	Bom dia!
Menino	Xee ma aju apy aporandu aguã raka'e tu ara pyau onhepyrũ.	Eu vim perguntar quando é o início do ano novo.
Avô	Ndee ma reikuaa rã. Ara pyau ma onhepyrũ, yvyra rogue rekovi'a jave re yvoty ojepeapaa re.	Você vai saber. O ano novo se inicia quando as árvores renovam suas folhas, no desabrochar de todas as flores.
Menino	Mbovy jaxy ara pyau oguereko?	Quantas luas tem o ano novo?
Avô	Ara pyau ma oguereko mboapy meme jaxy. Nhandekuery ma peteĩ ma'etỹ nhamboja'o mokoĩ henda rupi, ara ymã, ha'e gui ara pyau.	O ano novo tem seis luas. Nós, guaranis, dividimos o ano em dois ciclos: o ano novo e o ano velho. O ano velho também dura seis luas.
Menino	Mba'e tu ara pyau re jajapo ha'e jarovy'a rã?	O que fazemos e celebramos no ano novo?
Avô	Ara pyau re ma onhepyrũ, ma'etỹ mono'õ, nhemongarai ha'e gui ka'a jaroike.	O início da colheita. Celebramos a festa do batismo das crianças e da erva-mate.

2) Compreensão

a) Mba'e tu oguerovy'a ara pyau re nhande kuery reko py?	O que é celebrado no ano novo na cultura Guarani?
b) Mava'e va'e tu'ijayu katu a py ikuai?	Quem são as pessoas envolvidas no diálogo?
c) Mba'e mba'e tu ava'ĩ ndoikuaai va'e?	Quais são as dúvidas do menino?
d) Ava'ĩ ramoĩ aipoe'ĩ harami, peteĩ ma'etỹ mokoĩ henda. Rupĩ omboja'o. mba'exa tu oenoĩ?	De acordo com o avô do menino, o ano novo é dividido em dois ciclos. Como eles são chamados?

Tema da Lição:
Ano novo

3) Atividades lúdicas

a) Embo para ayvu ha’evea rami.

AJU ARA ONHEPYRÕ KA’E APY XEE APORANDU
ARA TU PYAU.

TÚ PYAU OGUEREKO JAXY MBOVY ARA?

b) Pejapó iparava’e.

- 1 Mba’e nunga tu oveve ha’e gui oporai va’e?
- 2 Mba’e xagua ka’y guapy yyreve nhamboje’a
- 3 Mba’etu ojeapó kyri va’e hery oguereko aguã
- 4 Mba’etu guarani nhande ayvu py
- 5 Mba’e xatu nós nhande ayvu py

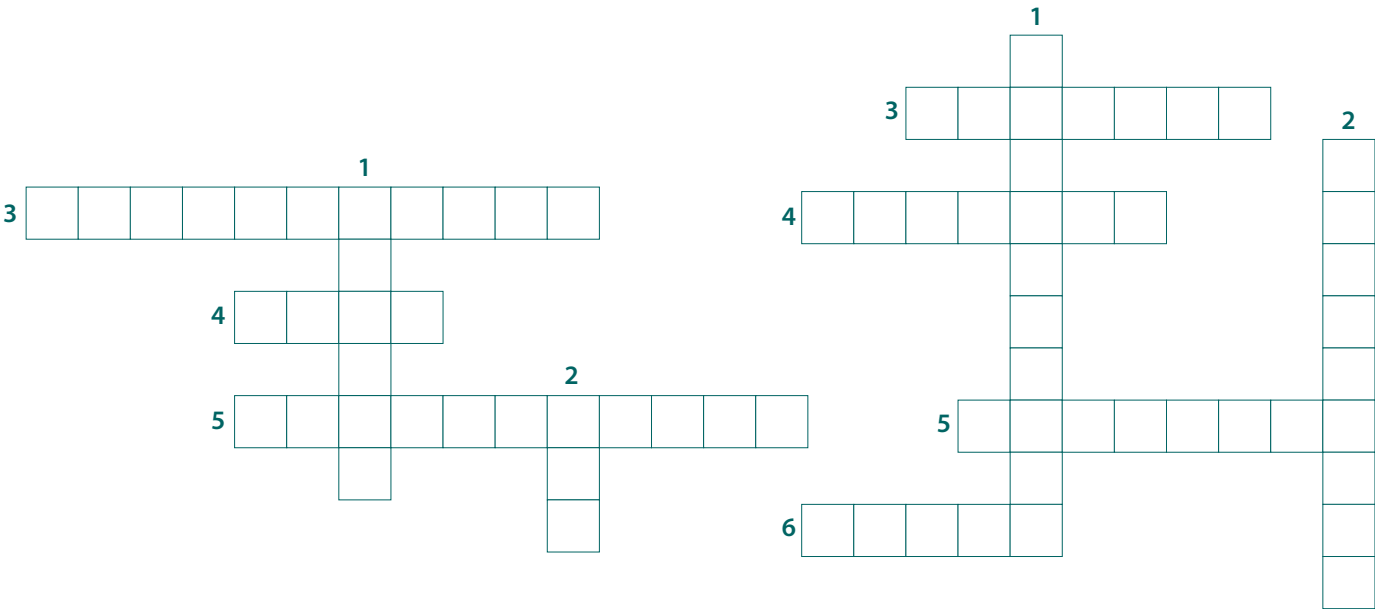
Desembaralhe as palavras para formar frases
que aparecem no diálogo.

VIM O PERGUNTAR EU NOVO QUANDO AQUI
COMEÇA ANO.

NOVO MESES QUANTOS TEM ANO O?

Leia as pistas e complete a cruzadinha.

- 1 animal que voa e canta
- 2 o período em que as coisas se tornam novas é período de ...
- 3 Mbya em português
- 4 cerimônia em que a criança recebe seu nome
- 5 pertencente aos índios
- 6 como os Guarani chamam cada estação do ano



4) História

ARA PYAU

Ore mbya kuery pema, oĩ mokoĩ ma’etỹ ara pyau, ha’e gui ara ymã.

Ara pyau ovãe vy, ore kuery roguero vy’a, mokoĩ ara peve, nhemongarai ma avakue pe ranhe onhepyrũ. Ha’e rire ma kunhangue peju.

Peteĩ teĩ tekoa gui ou va’e, ogueru ka’a nhaneramoĩ omongarai va’e rã, nhe’ẽ omombaraete aguã.

NOVO TEMPO OU ANO NOVO

Para nós, povo Guarani, o ano tem dois períodos: o novo tempo, “ara pyau”, e o tempo velho, “ara ymã”.

Quando chega o “ara pyau”, nós fazemos uma grande festa da erva-mate, que dura dois dias. No primeiro dia, a cerimônia é para os homens. No segundo dia, a cerimônia é para as mulheres.

Cada pessoa da aldeia é representada com uma porção de erva-mate, que é benzida pelo líder espiritual para que seu espírito fique forte.

5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
ara	tempo, dia
ava	homem
avakue	homens
guyrai	passarinho
inhỹma	velho, antigo
ka’a	erva-mate
kunha	mulher
kunhangue	mulheres
nhandekuery	nós
nhaneramoĩ	líder espiritual, pajé
nhe’ẽ	espírito, alma
oĩ	tem, está
pyau	novo
tekoa	aldeia
xamoĩ	vô
yvoty	flor

Tema da Lição:
Caminho da Cura

Autores:
Catia Martim Pereira, Cora Augusto
Martim Pereira, Cleberson E. de Almeida,
Lídia Krexu Reté Veríssimo, Nicolau Tupã
Mirim e Valdecir F. dos Santos Oliveira



1) Conversa entre professor e aluno

Professor	Mba’e tu ndee rendu?	O que você está sentindo?
Aluno	Xeakā raxy ha’e gui xeakanhy.	Dor de cabeça e tontura.
Professor	Rendu xapy’a rei pa, terā mba’emo ndeapo vai ?	Você começou a se sentir assim de repente ou alguma coisa te fez mal?
Aluno	Ndaikuaai, aikuaa va’e ma nda’evei ve ovy te ma.	Não sei. Só sei que está piorando.
Professor	Tereo voi ta vy opy’i re! Kova’e mba’eaxy ma nda’evei rā, xamōi vy te ma omombe’u rā.	Vá logo à casa de reza! Esta doença pode ser carnal ou espiritual. Isso só o pajé poderá dizer.
Aluno	Ha’e ve, aata ma ha’e katy. Ha’e ve ete.	Está bem, já vou indo para lá. Obrigado.
Professor	Ma’ê! Moã ka’aguy py guarã ramo ma, ndaxyi. Ha’e e’ỹ ramo ha’e ae rā, oikuaa rā mba’e pa ojapo aguã.	Olha! Se for carnal, será fácil tratar com uns chazinhos de ervas, mas se for espiritual, somente o pajé irá saber o que fazer.
Aluno	Pteingue ju, ha’e ve ete ma!	Mais uma vez obrigado!
Professor	Xee aa ju ma.	Estou indo.
Aluno	Xe voi aa ju ma.	Estou indo também.

Na cultura não-indígena, muitas ervas também são utilizadas como remédios. Veja algumas delas no quadro abaixo.

Nhande e’ỹ kuery reko py teĩ, eta moã ka’aguy régua jaiporu. Pexa avi py oĩ no.

- A erva-doce é usada para tratar insônia e dor de cabeça.
- O chá de erva-cidreira é um bom calmante e é usado para tratar doenças do sistema digestivo.
- O chá de carqueja é bom para limpar o sangue.
- O boldo é uma erva amarga usada para tratar doenças do fígado e do estômago.
- A hortelã funciona como vermífugo.
- O chá de camomila é calmante e é bom para os nervos.
- A babosa é boa para tratar queimaduras e picadas de insetos.
- A folha de batata-doce alivia a dor de dente.
- O alho serve para dor de ouvido.

Na cultura Guarani, somente o pajé sabe que ervas usar para curar doenças, tais como: dor de cabeça, tontura, dor de barriga e diarreia, entre outras.

Nhande kuery reko py ramo ma nhaneramoĩ opy régua vy tema oikuaa rā, mba’exagua, moã ka’aguy pa omongueraa rā mba’eaxy. Akā raxy - akanhỹ, tye raxy, amboae-ae regua voi.

Tema da Lição:
Caminho da Cura

2) Compreensão

i) Releia a conversa e responda:

a) Mba’e tu onhembo’e va’e oendu raka’e?	O que o aluno estava sentindo?
b) Mara katy nhombo’ea omondouka onhembo’e va’e?	Para onde o professor mandou o aluno ir?
c) Onhembo’e va’e eko axy ramo mba’exa tu jajapó rã okueraa aguã?	Se a doença do aluno for carnal, como poderá ser tratada?
d) Onhembo’e va’e va’e imba’eaxy yro’yxã va’e kuery ojopy ramo mba’exa nhamongueraa rã?	Se a doença do aluno for espiritual, como poderá ser tratada?

ii) Releia o quadro que se encontra após a conversa e responda:

- a) Quais são as ervas citadas?
- b) Para que serve a erva cidreira?
- c) Que erva funciona como vermífugo?

iii) Assinale verdadeiro (V) ou falso (F):

- a) A erva doce cura picadas de insetos. ()
- b) O boldo é uma erva amarga. ()
- c) As ervas são utilizadas para o tratamento de doenças espirituais. ()
- d) A dor de cabeça pode ser tratada com erva doce. ()
- e) Na cultura Guarani, o cacique é quem sabe que ervas usar para tratar as doenças. ()
- f) Na cultura Guarani, o pajé resolve qualquer problema espiritual. ()

3) Atividades lúdicas

a) Encontre e copie, abaixo, os nomes das seguintes doenças em Guarani:

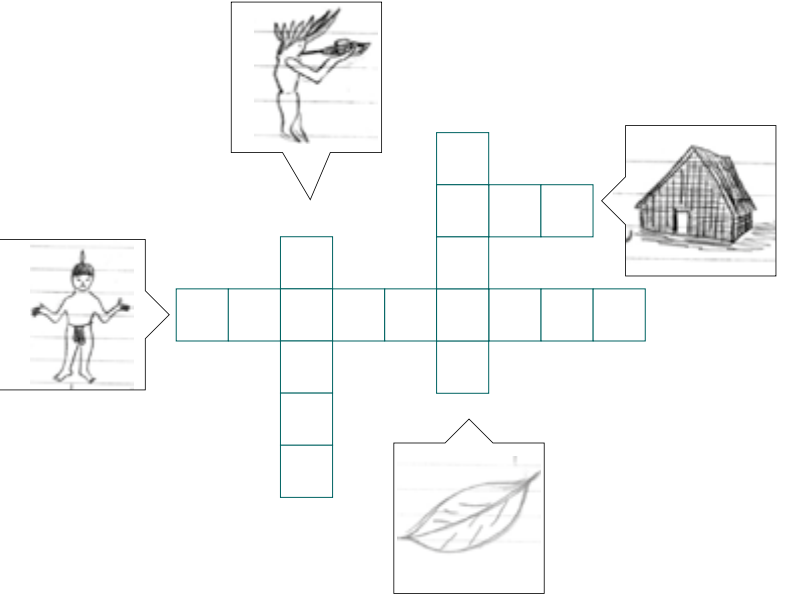
- 1 dor de cabeça: _____
- 2 dor de dente: _____
- 3 dor de ouvido: _____
- 4 dor de garganta: _____
- 5 dor de barriga: _____

W	E	F	G	A	X	C	V	B	G	J
Q	J	V	N	K	O	P	U	R	E	K
W	Y	M	U	Ã	D	F	G	H	D	L
S	R	S	D	R	U	Y	T	R	C	U
F	Y	L	T	A	Î	R	A	X	Y	Y
J	V	X	C	X	B	N	M	T	V	D
K	I	A	P	Y	X	A	R	A	X	Y
L	R	G	H	J	K	L	O	I	B	C
P	A	L	K	T	R	E	W	Q	T	V
O	X	W	T	Y	E	R	A	X	Y	F
I	Y	E	X	C	B	R	U	Y	J	G
W	E	F	G	H	J	U	Y	T	N	N

Tema da Lição:
Caminho da Cura

3) Atividades lúdicas

b) Observe as ilustrações e complete a cruzadinha com palavras em Guaraní:



c) Complete as frases com as palavras abaixo:

PETEĨGUE

KATY

XEAKĀNHY

RENDU

XEE

JUMA

1

Mba’e tu ndee _____?

2

Akā raxỹ ha’egui _____.

3

Ha’eve, aata ma ha’e _____. Ha’evete.

4

_____ ju, ha’eve te ma!

5

_____ aa juma.

6

Xevoi aa _____.

4) História

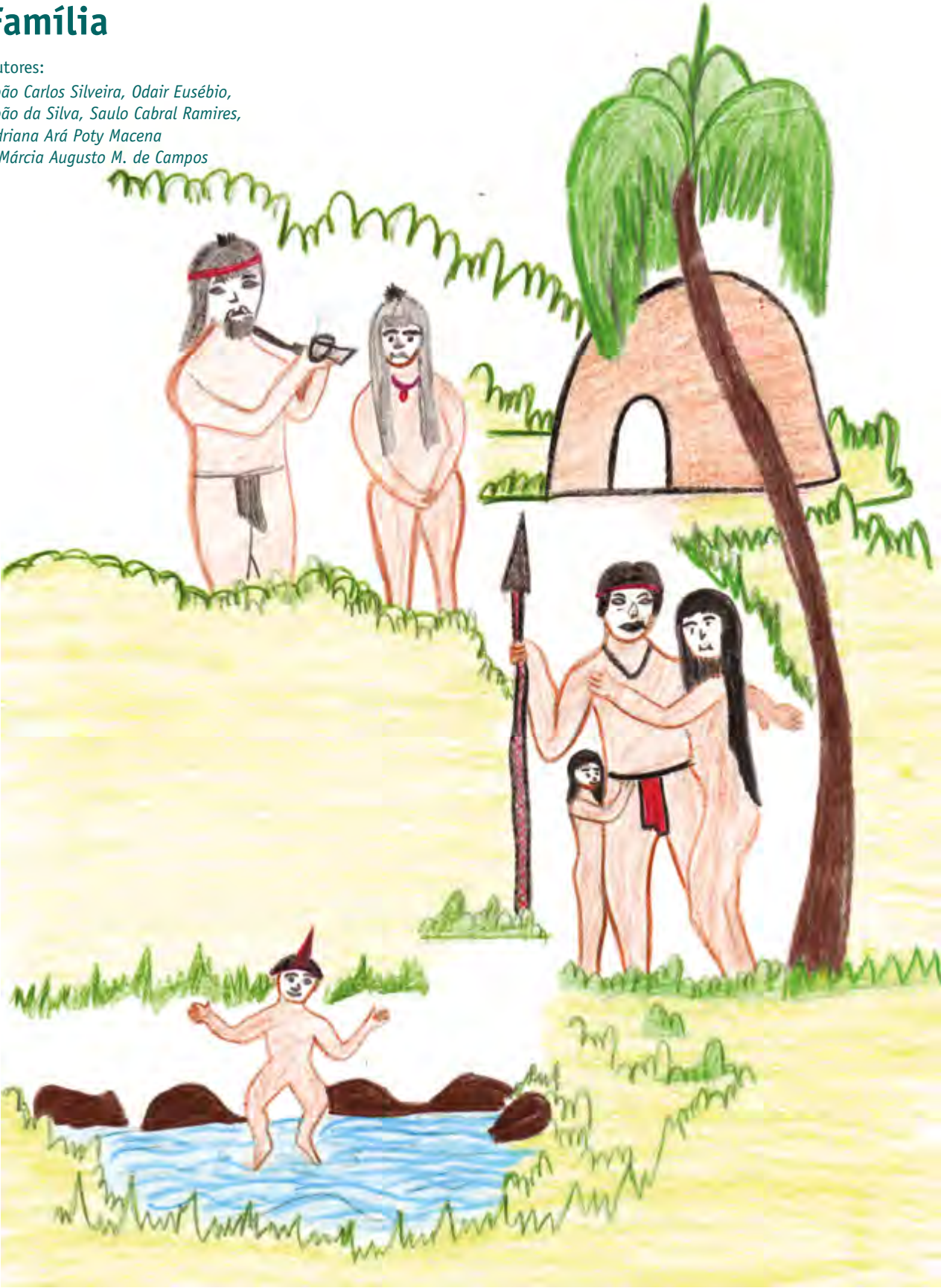
TAPE NHOMONGUERAA	O CAMINHO DA CURA
Kueve oiko peteĩ nhande va’e 80 ma’ëty ma oguereko va’e, oguereko mba’eaxy vaikue pire régua: ai vaikue.	Há algum tempo, um velho índio de 80 anos estava com um sério problema de pele: ele tinha terríveis feridas.
Tekoa py he’y guive oĩ, ha’e rami vy teĩ ke oeka poropoanoã, mbovy kue rei ve’y ojexauka oikovy poropoanoã pe. Teĩ ndoikuaai mba’e nunga mba’eaxy ete pa oguerekoa.	Como não morava na aldeia, teve que procurar um médico e, assim, fez muitos exames, mas não descobriram a doença.
Ha’e gui nda’eveive ma, ndoguata vei ma guive, ramo eraa peteĩ tekoa py.	Quando estava muito mal e não podia mais andar, ele foi levado para uma aldeia.
Opy regua nhaneramoĩ ojapo moa ka’aguy régua oguerojapyxaka reve. ***	O pajé fez umas ervas e rezou muito. ***
Peteĩ nhiruĩa py tuja’i va’e, okuera ma.	Uma semana depois, o velho índio já estava curado.
Nhaneramoĩ opy regua ma ha’eveve va’e ae ma, nhande kuery reko py.	O pajé é muito importante na cultura Guaraní.
Amongue ma opy’i re guarã ae ma voi oiko’i. Ha’e rã amongue ma opy regua oikoxe vy oikuaa pota nhaneramoĩ arandua re.	Alguns nascem com o dom, e outros se interessam e desenvolvem essa sabedoria com o pajé.
Oikuaa potave va’e rã ma moa ka’aguy reko’i re. Ikuai avi ndoikuaa ukai va’e rã, opy regua anho rã oikuaa.	A maior parte do conhecimento sobre as ervas fica restrita apenas ao pajé.
Ha’e nunga rupi ae tekoa nhavõ rupi nhande kuery ombojerovia vaipa opy’i régua. Mba’eta ha’e ae joete’i, ha’e nhonhe’ẽ’i reraa jepea tekoa ha’e javi rupi.	É por isso que toda aldeia Guaraní valoriza muito seu pajé. Ele cuida da saúde espiritual e física de todos os índios da aldeia.

5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
akā raxy	dor de cabeça
akanhy	tontura
apy xa raxy	dor de ouvido
ejevy voi ke	volte logo, volte
eju voi ke	venha logo, vem
jyryvi raxy	dor de garganta
hogue	folha
mba’e tu rendu?	o que está sentindo?
mba’eaxy	doença
ndaikuaai	não sei
ndeapovai	te fez mal
nemba’eaxy pa?	está doente?
opy	casa de reza
(re)endu	(você) sentir
tereo voi ta vy	vai logo, vá logo
taĩ raxy	dor de dente
tye raxy	dor de barriga
xamoĩ	pajé
xee aa ta	vou indo, estou indo

Tema da Lição:
Família

Autores:
João Carlos Silveira, Odair Eusébio,
João da Silva, Saulo Cabral Ramires,
Adriana Ará Poty Macena
e Márcia Augusto M. de Campos



1) Conversa entre avô e netos

Avô	Xeramymino kuery, agỹ ma xeyvutu pende vy pe!	Meus netinhos, agora quero conversar com vocês!
Netos	Ha'e ve xeramoĩ, ndeayyu katu.	Está bem, vovô, pode falar.
Avô	Pavẽ pende kuery avakue'i, kunhangue'i ma pemenda va'e rã meme. Ha'e gui pemenda ma vy ma pende ra'y rã ema. Xee aipota peteĩ reve peiko pende tuja'ĩ pa pe ve, ndaipotai pende ra'y kuery pembo'a re pa, pemombopa rei. Kova'e ma ajerure pende vy pavẽ pe. Ha'e ve ete xeramymino'ĩ kuery pejapyxaka xeyvua re.	Todos vocês, meninos e meninas, um dia irão se casar, e quando se casarem, terão seus filhos. Eu quero que se casem e vivam até envelhecer. Eu não quero que abandonem seus filhos. Isso eu peço para todos vocês! Obrigada, meus netinhos, pela atenção à minha palavra.
Netos	Ha'e ve ete, xeramoĩ.	Obrigado, vovô.

2) Compreensão

a) Mava'e tu ijayu reta ve?	No diálogo, quem fala a maior parte do tempo?
b) Mava'e kuery petu yjayu?	Para quem essa pessoa está falando?
c) Mba'e regua retu ijayu?	Sobre o que essa pessoa fala?
d) Exauka A (anhente) ha'eỹvyma I (ijapu).	Assinale V (verdadeiro) ou F (falso).
() Kyringue noendu xei guamoĩ ijayua.	() As crianças não querem ouvir o que o avô tem a dizer.
() Tamoĩ ojerure guãmymino kuery pe omobo parei aguã gua'y kuery.	() O avô pede a seus netos que abandonem seus filhos.

Tema da Lição:
Família

3) Atividades lúdicas

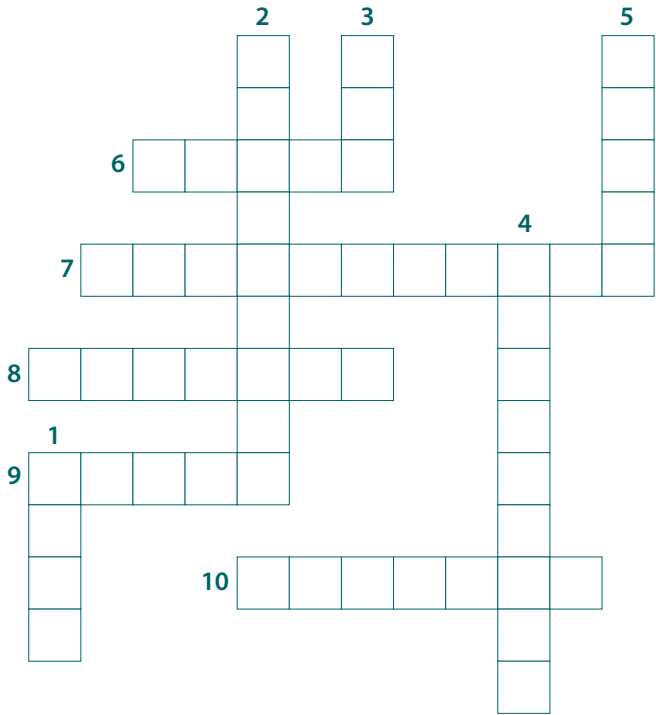
a) Encontre e copie abaixo as palavras em Guaraní equivalentes a:

- 1 sogro: _____
- 2 criança: _____
- 3 aldeia: _____
- 4 todos: _____
- 5 sogra: _____
- 6 vocês: _____
- 7 homem: _____
- 8 mulher: _____
- 9 vovô: _____
- 10 não quero: _____
- 11 não separar: _____

W	E	D	F	G	Y	G	U	A	I	X	O	X	C
U	N	L	K	J	H	U	F	D	R	E	Y	W	S
P	D	K	J	N	D	A	I	P	O	T	A	I	D
E	O	Q	W	E	R	T	C	V	B	N	J	P	F
N	P	Q	G	E	K	Y	R	I	N	G	U	E	G
D	O	T	U	T	Y	U	M	H	H	O	C	P	T
E	I	A	A	G	H	J	I	L	P	P	V	O	H
Q	W	G	Y	S	T	E	K	O	A	L	B	I	J
A	K	L	X	X	C	V	B	N	V	E	R	J	I
S	U	D	Y	F	T	G	H	J	Ê	E	A	V	A
E	N	S	A	H	A	X	C	V	B	N	M	P	L
F	H	C	F	Y	M	W	G	U	A	R	E	O	P
B	A	G	H	J	O	E	R	T	W	S	D	L	I
Q	W	E	R	T	Í	X	C	V	B	N	M	K	G

b) Complete a cruzadinha com as palavras em Guaraní equivalentes a:

- 1 todos
- 2 meninas
- 3 eu
- 4 não quero
- 5 velho
- 6 vocês
- 7 meu netinho
- 8 meninos
- 9 uma
- 10 obrigado



4) História

MENDA XE REKO PREPARAÇÃO PARA O CASAMENTO

Peteĩ kunumĩ je omendaxe oikovy ramo.	Um jovem estava querendo se casar.
Tamoĩ ijayvu heko rã re ma vy omombe’u mba’eixa rã pa oiko ta’y pytä vy aipoe’i tamoĩ:	Por isso, o avô o chamou para dar conselhos sobre os alimentos:
– Nda’e vei ma opamba’e rei re’u aguã, remoataxĩ uka e’ỹ re, xo’o ha’egui yva’a ma haja ramo, he’i.	– Quando você tiver um filho, você não deve consumir alimentos antes de serem benzidos pelo pajé ou pelo mais velho da aldeia.
Rire ma tamymino ta’y oiko’i ramo, guamoĩ ijayvua gue rupi oiko vy exaĩ riae.	Então, quando ele teve um filho, seguiu o conselho do avô e permaneceu saudável.

5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
ava	homem
avakue’i	rapazes
guaixo	sogra
guaty	sogra
ha’e ve ete	obrigado
kunhangue’i	meninas
kyringue	criança
ndaipotai	não quero
ndopoi	não separar
pende	vocês
peteĩ	um
tamoĩ	vovô
tekoa	aldeia
xee	eu
xeramoĩ	meu vovô
xeramymino’ĩ	meu(s) netinho(s)

Tema da Lição:
Nascimento

Autores:
Laurinha da Silva, Basílio Silveira,
José Roberto da Silva Santos e
Edílson Euzébio Fernandes



1) Conversa entre uma criança, Pará Mirĩ, e uma mulher gestante, Jaxuka

Pará Mirĩ	Javyju, xexy'y Jaxuka.	Bom dia, tia Jaxuka.
Jaxuka	Javyju, Pará Mirĩ.	Bom dia, Pará Mirĩ.
Pará Mirĩ	Mba'ére tu nde rye ovu ri?	Por que a sua barriga está crescendo?
Jaxuka	Mitaĩ xerye py oĩramo.	Porque eu tenho um bebê.
Pará Mirĩ	Xy'y, xee aexa xe ma ra'ga!	Ah, eu quero vê-lo, tia!
Jaxuka	Ikatu py oiko rirema.	Só depois que ele nascer.
Pará Mirĩ	Arakáe 'rã tu oiko ikatupy?	Quando ele vai nascer?
Jaxuka	Amboae jaxy re.	No próximo mês.
Pará Mirĩ	Mara rami tu oiko'i 'rã ikatu re?	E como nasce um bebê?
Jaxuka	Mitã rexaa kuery ma oexa 'rã.	Com a ajuda das parteiras.
Pará Mirĩ	Mba'é tu ojapo mitã rexaa kuery?	E o que as parteiras fazem?
Jaxuka	Ha'e kuery ma oitykua poã ha'e oipytyvõ mitã xy pe, oiko'i ha'e ojae'o peve mitã.	Elas preparam um chá que ajuda as mães e ficam até o bebê nascer e chorar pela primeira vez.
Pará Mirĩ	Mba'ére tu mitaĩ haxẽ 'rã?	Por que o bebê precisa chorar?
Jaxuka	Hexaĩ ty ra'ea oikuaa aguã.	O choro mostra que o bebê é saudável!

2) Compreensão

Leia a conversa e responda.	
a) Mava'e revê tu jaxuka ijayvu katu?	Com quem Jaxuka está conversando?
b) Jaxuka ha'e Para Mirĩ pa nhoetarã?	Jaxuka e Pará Mirĩ são da mesma família?
c) Mava'e tu oipytyvõ mitã xy pe? Mba'e tu ojapo?	Quem ajuda a mãe na hora do parto? O que elas fazem?
d) Mba'e re tu mitã ojae'o'rã?	Por que o bebê precisa chorar?

Tema da Lição:
Nascimento

3) Atividades lúdicas

a) Ligue as palavras em Guaraní às palavras em Português:

BARRIGA	MITĀREXAA
PARTEIRAS	MITĀ
SAUDÁVEL	HEXAĪ
CHORAR	POĀ
NASCER	TYE
BEBÊ	OIKO'I
CHÁ	OJAE'O

b) Escreva, na cruzadinha, as palavras em língua guarani equivalentes a:

A crossword puzzle grid with 6 clues in Portuguese. The clues are:

- 1 Parteiras
- 2 Chá
- 3 Chorar
- 4 Barriga
- 5 Saudável
- 6 Nascer

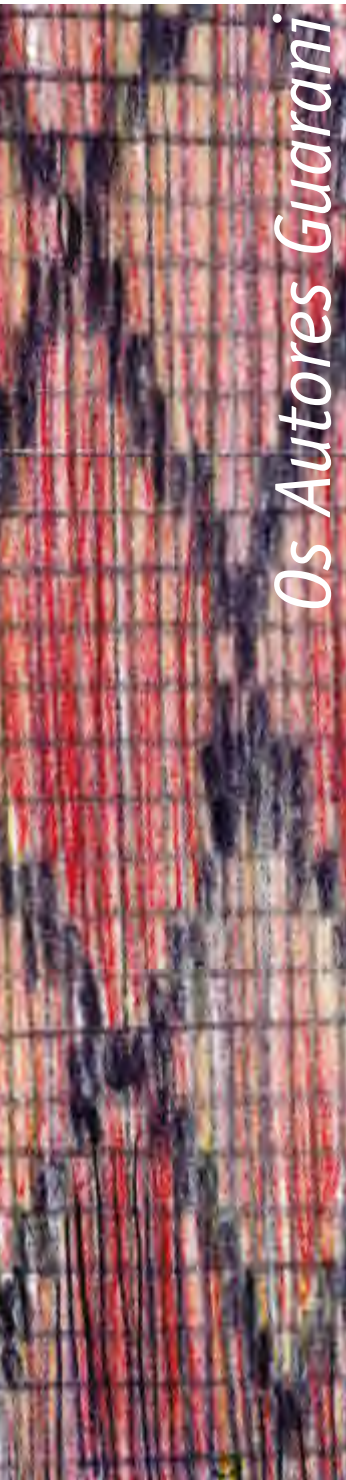
The grid is composed of white squares for letters and grey squares for empty space. The clues are numbered 1 through 6, indicating the starting position of each word. The grid is 10 squares wide and 10 squares high.

4) História

OMENDA VA'E TA'Y E'Ỹ VA'E	O CASAL QUE NÃO TINHA FILHOS
Oĩ je peteĩ tekoa hery va'e "Ka'aguy Poty".	Era uma vez uma aldeia chamada "Flor do Mato".
Ha'e py je oiko peteĩ omenda'ĩ va'eri ndata'yi va'e.	Nela morava um único casal que ainda não tinha filhos.
Oexa amboae kuery ta'y ramo, oipota vaipa ha'e onhemboaxy.	Ao ver outros casais tendo filhos, eles às vezes ficavam tristes.
Peteĩ ara omenda'ĩ va'e jogueraa, yyvra'ija-apy ome'é aguã memby raku'ija.	Um dia, o casal resolveu visitar o Xamã para que ele fizesse um remédio.
Ha'e rire ha'ekuery ta'y ryru'ĩ ma vy ovy'a mokoĩ ve.	Assim, conseguiram ter um filho, e os dois estavam felizes.
Hare jave oiko peteĩ ava'l, omboery Kuaray Mirĩ.	Depois de meses, nasceu um menino, a quem deram o nome de "Kuaray Mirĩ", o "Pequeno Sol".

5) Glossário

GUARANI	PORTUGUÊS
ava'ï	menino
mitã	bebê
mitãrexaa	parteiras
ohemboaxy	triste
oiko'ï	nascer
oipou	visitar
ojae'ó	chorar
omendava'é	casal
ovy'a	felizes
poã	chá, remédio
ta'y	filho
tery	nome
yvyra'ija	pajé



Abílio da Silva Martins, Verá Poty em Guarani. Nasceu na aldeia Limeira, Chapecozinho, em Santa Catarina. Atualmente mora na aldeia Pakurity, na Ilha do Cardoso, São Paulo. Trabalhou como professor durante 3 anos na aldeia Peguao’ Ty, foi Vice-diretor por 2 anos na aldeia onde mora no momento e atualmente é professor.

Adílio Wera Paraguassu, Wera Ruvixa em Guarani, mora na aldeia Tekoa Jaexaa Porã (Boa Vista), em Ubatuba, São Paulo, onde é professor desde 2004.

Adriana Ará Poty Macena nasceu na aldeia do Bananal, em Peruíbe, mas mora atualmente em Rio Silveira, São Sebastião. É professora desde 2003 na escola Nhembo’ea Porã.

Andréia Pio nasceu em Bauru, na aldeia Kopenoti. Em 2006 começou atuar como professora na aldeia Jaraguá, onde mora atualmente. É casada e tem 2 filhos.

Ângelo Silveira, Karai em Guarani. Nasceu na aldeia indígena Limeira, em Xaxim, SC. Atualmente mora em Pariquera-açu. Professor desde 2004, é casado e tem 6 filhos.

Antonio da Silva Santos nasceu em Ubatuba, em São Paulo, na aldeia Tekoa Jaexaa Porã. Hoje tem 19 anos e pretende, ao terminar o curso de Formação, atuar como professor indígena.

Antonio Macena, em Guarani Karai Guyra, nasceu em Cascavel, Paraná, e mora na Aldeia de Bertioga, Boracéia, desde 1980. É representante da educação indígena com os demais caciques do estado de São Paulo desde 1982. Em 1990 passou a atuar também como professor. Atualmente leciona na Escola Municipal Indígena Nhembo’ea Porã em Bertioga, litoral norte de São Paulo.

Basílio Silveira, cujo nome indígena é Karai Tataendy Ratá, nasceu na Argentina. Naturalizado brasileiro, mora há 11 anos na Aldeia Itaóca, em Mongaguá, São Paulo. É professor da escola Kuaray Oêá (Sol Nascente) há cinco anos.

Cássio Martim Pereira, Tupã Mirim em Guarani. Nasceu no bairro do Ipiranga, São Paulo e mora atualmente na aldeia Krukutu, no bairro Barragem. Começou a lecionar como voluntário em outubro de 2005 e como professor em 2006, na escola Djekupé Amba Arandu, Jaraguá. Em 2007, assumiu a vice-direção da escola Krukutu.

Cátia Martim Pereira nasceu em São Paulo e não foi criada na aldeia Tekoa Ytu, onde mora até hoje. Em 2006, formou-se em licenciatura em Letras pela PUC de São Paulo e em 2007 teve seu primeiro filho. Leciona na escola Djekupe Amba Arandu desde 2005.

Cláudio Karai Samuel dos Santos nasceu em Peruíbe, mas mora na aldeia de Rio Silveira em Bertioga, litoral norte de São Paulo. Leciona há dois anos na EMIG Nhembo’ea Porã.

Cleberson Evaristo de Almeida nasceu em Itanhaem na Aldeinha Coronel. Já morou em quatro aldeias diferentes, todas litorâneas e atualmente mora na aldeia Rio Silveira. Ele ainda não leciona.

Cora Augusto Martim, Ara Poty Dju, em Guarani. Nasceu em São Paulo. Em 2006 lecionou na aldeia Jaraguá e atualmente é professora na aldeia Krukutu.

Edílson Euzébio Fernandes, Karai Nhamandu em Guarani. Nasceu na Aldeia Limeira, em Chapecó, Santa Catarina. Desde os 7 anos de idade, mora na Aldeia Itaóca, onde é professor desde o início de 2006.

Edson Djejuaka Mirim Macena nasceu na aldeia Bananal, em Peruíbe, São Paulo. Quando tinha 5 anos, Edson mudou-se para a Aldeia Rio Silveira onde mora até hoje. Pai de uma filha, Djejuaka é professor há dois anos.

Giselda Pires de Lima, Jera Poty Miri em Guarani, nasceu na aldeia Tenonde Porã, na Capital de São Paulo. É professora da escola Guyra Pepo desde 1997.

Jaciara Augusto Martim Pereira, nome indígena Para Miri, nasceu em São Paulo e mora atualmente na comunidade do Jaraguá Tekoa Pyau, localizada no bairro de Pirituba. Leciona desde fevereiro de 2006 na escola Djekupé Amba Arandy.

Jatiaci Fernandes Martins, Para Miri em Guarani. Nasceu em São Paulo e mora na aldeia Jaraguá. Iniciou sua carreira como secretária da escola e começou a atuar como professora após o curso FISPI. Foi Vice-diretora e no momento leciona na escola EEI Djekupé Amba Arandy.

João Carlos Silveira, cujo nome indígena é Karai Xondaro, nasceu na aldeia Limeira, SC, e atualmente mora na aldeia Pindo-Ty, no município de Pariquera-açu. Lecionou na EEI Pindo-Ty e atualmente é vice-diretor.

João da Silva nasceu no Rio Grande do Sul, mas foi criado no estado de São Paulo. Atualmente mora na aldeia Subauma, Iguape. Lecionou por três anos na escola Nhamandu Oguataa, em Cananéia, e atualmente é professor na EEI Kuaray Poty.

João Lira da Silva, Werakãgua em Guarani, nasceu na aldeia Morro da Saudade, em São Paulo. Há três anos mora na aldeia Uru’ity, em Miracatu, São Paulo. Iniciou sua atuação como professor indígena em 2004 e em 2006 tornou-se vice-diretor.

Joel Augusto Martim, Karai Miri em Guarani, nasceu e mora atualmente na aldeia Tekoa Ytu, no Pico do Jaraguá, em São Paulo - SP. É professor de Ciências e Matemática dos alunos das 5º e 6º séries da E. E. I. Jekupe Amba Arandu. Leciona desde 2005.

José Roberto da Silva Santos, Karai Nhemboápaa em Guarani, nasceu na aldeia Boa Vista. É casado e tem 6 filhos. Começou a trabalhar na Educação em 1990. Além de professor, é também Vice-diretor.

Juliano Cabral Ramires, Nhe’ Éry em Guarani, nasceu em Jaguarizinho, no município de São Francisco de Assis, no Rio Grande do Sul. Morou em outros estados do sul antes de se instalar na aldeia Rio Branco II, localizada em Cananéia. Leciona na EEI Rio Branco II.

Laurinha da Silva nasceu na Aldeia de Palmeirinha do Iguaçu, no Paraná. Há dez anos mora na Aldeia Aguapeú, em Mongaguá, no litoral sul de São Paulo. Já trabalhou como professora durante dois anos, e agora é Vice-diretora da EE Indígena do Aguapeú.

Lídia Krexu Retê Veríssimo nasceu em 27 de agosto de 1974, no posto indígena Rio das Cobras, no Paraná. Mudou-se para São Paulo há 5 anos e atua como professora há 2 anos. Krexu casou-se aos 17 anos e tem 5 filhos. Atualmente mora na aldeia Tenonde Porã, Bairro da Barragem, São Paulo.

Márcia Augusto M. de Campos nasceu em Itanhaém, na aldeia Rio Branco. Atualmente mora em Pirituba, na Vila Clarice. É professora formada desde 2002. Atualmente leciona na EEI Djekupe Amba Arandu.

Maria Fernandes, Para Poty em Guarani, nasceu em Paranaguá, no Paraná. Atualmente mora em Ribeirão Silveira, em São Paulo. Leciona na EEI Nhembo’ Ea Porã e participa do Curso de Formação Intercultural Superior Indígena.

Marcílio Mariope Castro, Tupã Miri em Guarani, nasceu na aldeia Palmeirinha do Iguaçu, no Paraná no município de Chopinzinho. Atualmente mora na aldeia Aguapeú. É professor indígena desde 1986. Hoje tem 53 anos e tem 10 filhos e 23 netos.

Marinalva Kerexu Paraguassu nasceu na aldeia Boa Vista, em Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, onde vive até hoje. Começou a trabalhar como professora indígena em 2004.

Moacir Augusto Martim nasceu em São Paulo, perto da represa Billings. Foi vice-diretor e professor na EEI Djekupé Amba Arandy, na aldeia de Jaraguá. Fez o MagInd e deu início ao FISPI.

Nicolau Tupã Mirim nasceu em Laranjeira do Sul, no Paraná, e em 1986 veio para São Paulo. Mora atualmente na aldeia Barragem. Trabalha como professor desde 1998, mas formou-se na área de educação em 2003. Lecionou na EEIG Gwyrá Pepó, onde é vice-diretor desde 2004.

Odair Eusébio, Xunû Miri em Guarani, nasceu na aldeia indígena Limeira, Chapecó, SC. É professor desde 2003 e atualmente mora na aldeia Peguao Ty, no município de Sete Barras, SP. Além de professor, Xunû Miri é coordenador de canto e dança da aldeia e participa do Curso de Formação Intercultural Superior Indígena.

Pedro Vera Popygua Miri Delane nasceu em Laranjeiras do Sul, no Paraná. Atualmente mora na aldeia Tenonde Porã, em São Paulo. Ele leciona desde 2003 na E.E.I.G. Gwyrá Pepó (Pena de Pássaro). É casado e tem 3 filhas.

Poty Poran Turiba Carlos nasceu em São Paulo e mora na comunidade do Jaraguá, na aldeia Tekoa Ytu. Leciona desde 2001. Foi a primeira professora da E. E. I. Djekupe Amba Arandu. É casada e tem 1 filho.

Saulo Cabral Ramires nasceu na aldeia Pacheco, em Camaquã, no Rio Grande do Sul. Atualmente mora na aldeia Amboi Porã, também conhecida como Altar Sagrado. Ele começou a lecionar em 2003, na aldeia Rio Branco II, em Cananéia.

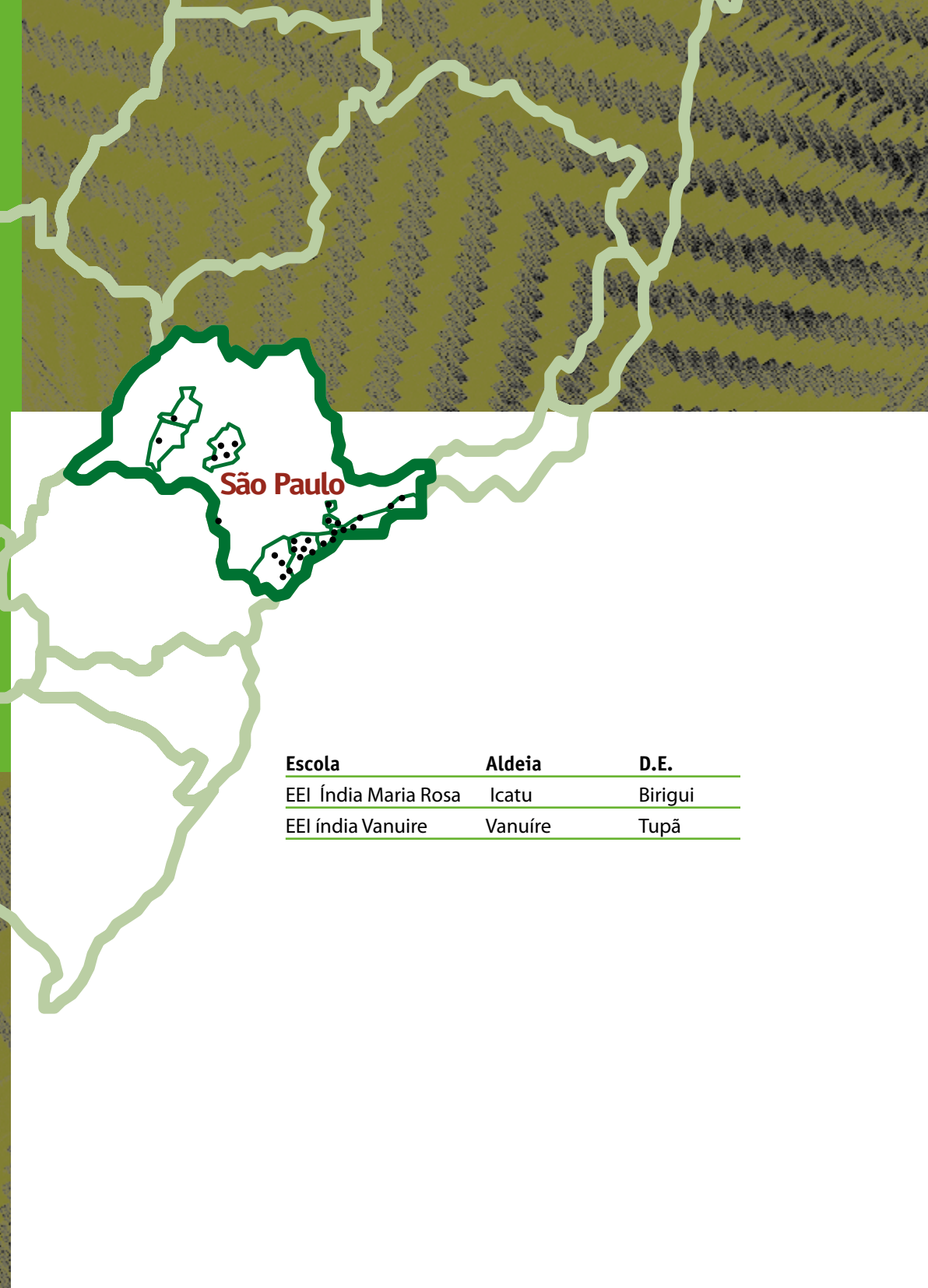
Sebastião Jejuaka Fernandes, nasceu no posto indígena Rio das Cobras, em Laranjeiras do Sul, no Paraná. Atualmente mora na aldeia Paraná Poã, em São Vicente, SP. Começou sua carreira como professor na aldeia Rio Branco, em 2000. Depois, na aldeia Capoeirão, em Itariri, continuou seu trabalho entre os anos 2004 e 2006.

Sérgio Martins da Silva, Popygua, em Guarani, nasceu na aldeia Barragem, atualmente chamada de Tenonde Porã. Nos anos de 2004 e 2005, lecionou na aldeia Rio Branco, em Itanhaém, no litoral sul de São Paulo. Em 2006, mudou-se para Miracatu para lecionar do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental na aldeia Uru’ity. Pretende terminar o Curso de Formação Intercultural Superior Indígena e escrever um livro de histórias tradicionais Guarani.

Valdecir Fernandes dos Santos Oliveira, Karai Miri, em Guarani. Nasceu na aldeia Tenonde Porã, onde vive até hoje. É professor na EEIG Gwyrá Pepó desde 2006. Participa do Curso de Formação Intercultural Superior Indígena e após seu encerramento deseja estudar informática. É casado e tem 1 filho.

Valmir Miri Macena Lima, Kuaray Miri em Guarani, nasceu na aldeia Pinhais, no estado do Paraná, mas mora atualmente na aldeia chamada Tenonde Porã, em Parelheiros, zona sul de São Paulo. Leciona na escola EEIG Gwyrá Pepo desde 2003.

Kaingang



Interação em sala de aula



As falas aqui registradas representam interações verbais que ocorrem com bastante frequência na sala de aula. Elas podem ser reproduzidas em pequenos cartazes e depois, coladas nas paredes da sala de aula, para incentivar tanto a leitura quanto a oralidade!

Mahâ!

Ik wan ti!

Cumprimentar e despedir-se.

Rut kera!

Pedir para fazer silêncio.

Ik wan tin iôie hat.

Pedir permissão para ir ao banheiro.

Mahâ!

Wan koré!

Confirmar que está certo ou errado.

Ik wan le la tin.

Pedir permissão para sair da sala.

Em mâ ki krop?

Perguntar se entenderam.

Em ij ij engue?

Ij ij?

Perguntar o nome.

Ik kaio ro tã wé.

Dizer que não entendeu.

To wen hat inhatin.

Pedir para escrever ou fazer desenhos.

Mâ nim iawe nhawera.

Pedir para pegar lápis para escrever.

To ngâ krinim.

Pedir para sentar no chão.

Conversas temáticas



As conversas temáticas constituem registros para focalizar a oralidade como prática social, abrindo espaço para dramatizações, ampliação de vocabulário e atividades lúdicas.

Conversa sobre brincadeiras

Autores: Carlos Roberto Indubrasil, Álvaro Francisco Iaiati e Adriano César Rodrigues Campos

Professor	Mahã kotit ak!	Bom dia, meus alunos!
Alunos	Hã, krĩhã!	Bom dia, professor!
Professor	Em wãn uri kanhirĩ iatĩ.	Hoje nós vamos brincar.
Alunos	Em mahã, krĩhã! Ne kanhihrĩ iake?	Muito bom, professor! De que vamos brincar?
Professor	Ê wan kanhirĩ kehã?	De quais brincadeiras vocês gostam?
Aluno 1	Ê wan kanhirĩ peivira!	Eu gosto de brincar de esconde-esconde.
Aluno 2	Ê wan kyi wenre wot . kara umavot	Eu gosto de jogar peteca.
Aluno 3	Ê wan kanhirĩ krin wãra.	Eu gosto de brincar de bola.
Aluno 4	Ê wan kanhirĩ ê nô thõro.	Eu gosto de brincar com arco e flecha.

Conversa sobre alimentos

Autores: Carlos Roberto Indubrasil, Álvaro Francisco Iaiati e Adriano César Rodrigues Campos

Professor	Mahã, kotit ak!	Bom dia, crianças!
Alunos	Hã, krĩ hã!	Bom dia, professor!
Professor	Eng wã uri nhẽ rat nhatĩ. Lucas, en né koia mõi?	Hoje nós vamos falar sobre alimentos. Lucas, qual comida você gosta de comer em casa?
Lucas	I wã lengró koia tĩ.	Eu gosto de arroz e feijão.
Professor	Carol, en né koia mõi?	E você, Carol, qual comida você gosta de comer em casa?
Carol	Grewy, koioro, kot kot, kofõro.	Ovo, carne, galinha e peixe.
Professor	João, en né koia mõi?	João, qual sua comida preferida?
João	I wã koioro koia tĩ.	Eu gosto de comer carne.

Conversa sobre partes do corpo

Grupo: Valdenice Cardoso S. Vaiti, Edevaldo Cotuí e Rosimeire B. Dias

Professor	Mahã kotit ak!	Bom dia, crianças!
Alunos	Mahã!	Bom dia!
Professor	Enwã uri enhã toiake. Nen nan wê? (o professor mostra uma parte do corpo)	Hoje vamos falar sobre as partes do nosso corpo. Como se fala isso? (o professor mostra uma parte do corpo)
Aluno 1	Ningren.	Orelha.
Professor	Nen nan wê?	E isso?
Aluno 2	Nhen.	Cabelo.
Professor	Athó! Krin! Nen nan wê?	Não! É cabeça! E isso?
Aluno 3	lopen.	Braço.
Professor	Enwan uri kanhire inhatin. Ik wan to enhak wan hat. Krin! lopoen! Fã! Ningué!	Agora vamos brincar. A palavra que eu falar, vocês vão mexer a parte do corpo. Cabeça! Braço! Perna! Mão!

Cantigas



Além de propiciar momentos de muita alegria, as cantigas ensinam valores culturais e enriquecem a educação.

NORO KOTIT

Adaptação

Noro kotit
Kotit wan norowen
Noro kotit
Kotit wan norowen
Noro kotit
En iok iapantotin
Noro kotit
Kotit wan norowen
En ian fok totin
lamin kaiem iatim
Noro kotit
Kotit wan norowen

BÂK, TIN

Ti wan(1)..... bâk
Ti wan(2)..... tin
Bâk, tin, bâk, tin
(ningué, ningué, ningué)
(1) (2)
Kanhêre / penkri
Grut / katin
Remé / kofôro
Kenthôro / kotkot

KRIN

Krin
lokÿ
lakrin e pen
lakrin e pen
Krin
lokÿ
lakrin e pen
lakrin e pen
Kané
Ningren
Nhenkÿ e ninhé
Krin
lokÿ
lakrin e pen

Nana neném

Dorme neném
Que a cuca vem pegar
Papai foi pra a roça
Mamãe foi trabalhar

Grande, pequeno

Sou um(a)(1)..... muito grande
Sou um(a)(2)..... bem pequeno(a)
Grande, pequeno, grande, pequeno
(Palmas, palmas, palmas)
(1) (2)
Macaco / formiga
Gato / rato
Jacaré / peixe
Cachorro / galinha

Pombo

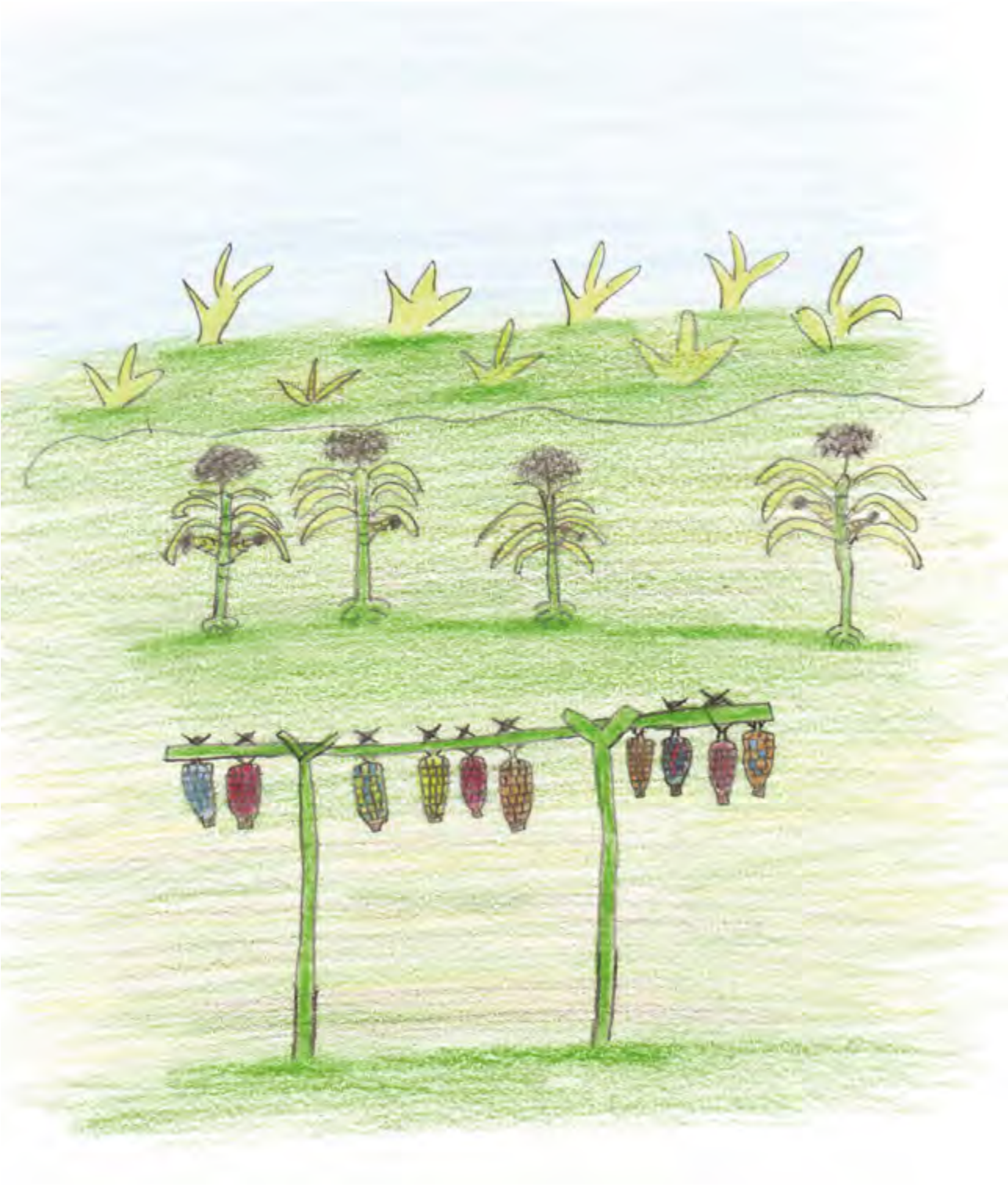
Cabeça
Ombro
Joelho e pé
Joelho e pé
Cabeça
Ombro
Joelho e pé
Joelho e pé
Olho
Ouvido
Boca e nariz
Cabeça
Ombro
Joelho e pé

Sequências didáticas



Tema da Lição:
Alimentação

Autores:
Adriano César Rodrigues Campos,
Rosimeire B. Dias, Valdenice Cardoso S. Vaiti
e Carlos Roberto Indubrasil



1) Conversa entre duas mulheres adultas

Nice	Mahâ, Goiowe!	Olá, Meire!
Meire	Mahâ, Thuwei! Ehẽ tỳ nhe?	Olá, Nice! Onde você estava?
Nice	Ik wã mã in totí. Wi mãke nhere tho em iẽn kaingã.	Na casa de minha avó. Ela me disse que o milho é o principal alimento dos Kaingang.
Meire	Mahâ! Wi wã nhere tho hat kamé?	Que bom! E o que ela gosta de fazer com o milho?
Nice	Iamin!	“Iamin”, o pão Kaingang!

Como fazer o iamin

Nhere tho ngoio kêkénim pentkawê.	Coloque o milho preto de molho por três dias.
Ngoio vot kara kreie ki tỳnýt.	Retire a água e soque no pilão.
Kara tikynoin kara mgrêia kara ngoio ki tiwot nhamin hat.	Passe o milho socado na peneira para fazer o fubá.
Ngoio kukron kêkénim kara tinan kaien langré.	Misture água e deixe em uma vasilha por dois dias para a massa ficar azeda.
Iamin men kamo tiwéia ki hat ementka kara mbrenhe kenkiwot.	Faça bolinhos e enrole na folha de bananeira. Coloque para assar na cinza e na brasa.
Iamin hat, pona, tikunoin, kânkó.	Depois, é só pegar o iamin e comer.

2) Compreensão

i) Assinale a resposta correta.

- a) Nice estava na casa de
() uma amiga.
() sua avó.
() sua mãe.
- b) O “iamin” é feito de
() milho.
() mandioca.
() melancia.

Tema da Lição:
Alimentação

2) Compreensão (continuação)

ii) Complete as frases abaixo com palavras do texto.

a) O _____ é o alimento principal do povo Kaingang.

b) O iamin, por exemplo, é um _____ muito gostoso.

iii) Assinale V (verdadeiro) ou F (falso).

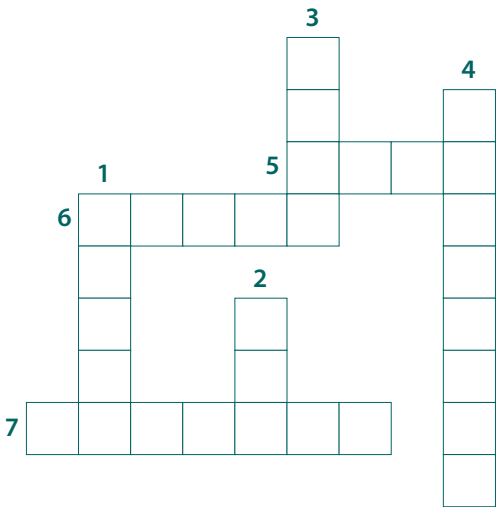
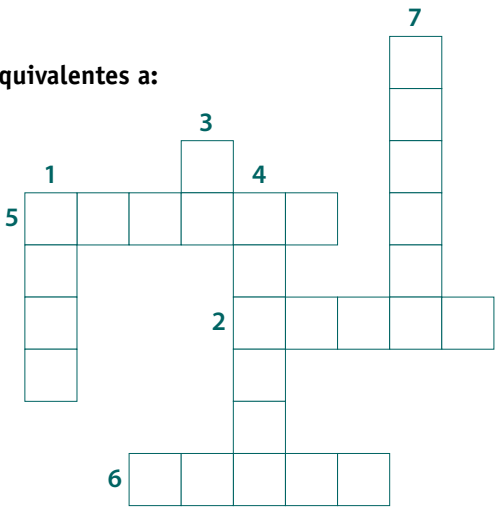
() Meire convidou Nice para ir a sua casa onde lhe ensinaria a receita.

() Meire não ficou curiosa para saber sobre a receita.

3) Atividades lúdicas

i) Coloque, na cruzadinha, as palavras em Kaingang equivalentes a:

- 1 gostoso
- 2 pão
- 3 casa
- 4 nome indígena de Meire
- 5 Kaingang
- 6 milho
- 7 nome indígena de Nice



ii) Wenhio Português:

- 1 nhere
- 2 iamin
- 3 tui Thuwei
- 4 kaingâ
- 5 in
- 6 tui Goiowe
- 7 kohâ

4) História

KAN'Y KO NHERE THO

Piri kofá Nhara, wengu k'ý ti d'ý wyri piri d'ý Kangá, k'ýri wi mrék tchikipê ungré kanhê piri tĩ d'ý ka.

Ó ungré hané ó k'ý nhara lanhatĩ k'ý manĩ.

Wã nhara manĩ timank ungré k'ý piri mróro. Em wĩ d'ýi w'ý gag ti pók'ý.

Wê wi ha em wã p'ýni k'ý ti tere, kom'ý wi ha n'ý d'ý gag k'ýtchêi â kani enĩgua honte wê piri k'ýtchê.

Ó ungré hané ó k'ý narra wã manĩ a honte wê piri k'ýtché ti nhamé piri krê.

Bak nhere tâi â d'ý kokini towê.

HISTÓRIA DO SURGIMENTO DO MILHO

Um velho chamado Nhara, percebendo que seu povo passava por um tempo de sofrimento, reuniu sua comunidade e disse aos homens que limpassem um pedaço da mata.

Os homens fizeram o que o velho tinha pedido.

Então, Nhara pediu que os homens amarrassem uma corda em seu pescoço e o arrastassem até a terra que eles tinham preparado.

Ele pediu que arrastassem seu corpo em todas as direções até que ele morresse. Pediu, também, que enterrassem seu corpo no centro da terra preparada e só voltassem ao local após sete luas.

Os homens fizeram o que o velho tinha pedido e, após as sete luas, eles encontraram uma plantação alta, com espigas verdes.

A partir daí, esse povo nunca mais passou fome.

5) Glossário

KAINGANG	PORTUGUÊS
d'ý	pescoço
gag	terra
ha	corpo
in	casa
ka	mata
kaingâ	kaingang
kofá	velho
kohô	gostoso
kokini	fome
k'ýtchê	lua
mahâ	bom
nhamin	pão
nhere	milho
tarap	vamos
t'ýi	verde
ungré	homem

Tema da Lição:
Nascimento

Grupo:
Edevaldo Cotuí, Álvaro Francisco Iaiati
e Ivanilda Iaiati



1) Conversa entre dois adultos

Adulto 1	Wi kotit kutên kã kotit kina tohâ ti iók tiyã ti tohâ tawí.	Quando uma criança nasce, a família fica feliz.
Adulto 2	Wi nunhê nã woro wi na penfurun krot kara kan wi na kotit pewen.	E às vezes é preciso fazer o penfurun para a mãe beber para fortalecer o leite.
Adulto 1	Eiwan ke penfurun kaiaoron. Eiman ke penfurun toia.	Eu não sei fazer o penfurun. Fala pra mim como é que faz penfurun.
Adulto 2	Nhere tho penfurun. Kukron ki nhere petot, kara kreia ke tÿnÿt kara ti penfurun hat kara ngoio rã kara ki tiwot kara rã ti nêie.	O penfurun é feito de milho. Primeiro, é preciso torrar o milho na panela. Em seguida, devemos socá-lo no pilão. Depois de socado, é preciso colocá-lo em uma panela de água quente e cozinhá-lo até ficar grosso.
Adulto 1	Wi ne pire tantã krot penfurun?	E só a mulher bebe o penfurun?
Adulto 2	Atcho. Wi met wi kotit wi mret krot.	Não, o marido dela e os filhos podem beber com ela.

2) Compreensão

I) Assinale a alternativa correta.

a) Penfurun netá () nhere. () kó. () kanherê.	O penfurun é feito de () milho. () banana. () mandioca.
b) Rané króia penfurun? () Ungré. () Tantã. () Kotit.	Quem bebe o penfurun? () Só o homen. () A mulher, o marido e os filhos. () Só os filhos.
c) Kien kotit tyikanhkan tiwan () fékei. () ihonkamá. () tohâ.	Quando a criança nasce, a família fica () triste. () com raiva. () contente.

Tema da Lição:
Nascimento

2) Compreensão (continuação)

ii) Complete as frases com palavras do texto.

a. Kiến píre _____ tyi kanhkan tíwan tohâ.	Quando uma _____ nasce a família fica feliz.
b. _____ hunhunk goio?	_____ se faz essa bebida?
c. Penfurun neta _____	Penfurun é feito de _____
d. Ne píre _____ kroia penfurun?	Só as _____ bebem o penfurun?
e. Ne, _____ tantâ.	É, _____ as mulheres.

3) Atividade lúdica

Corrida

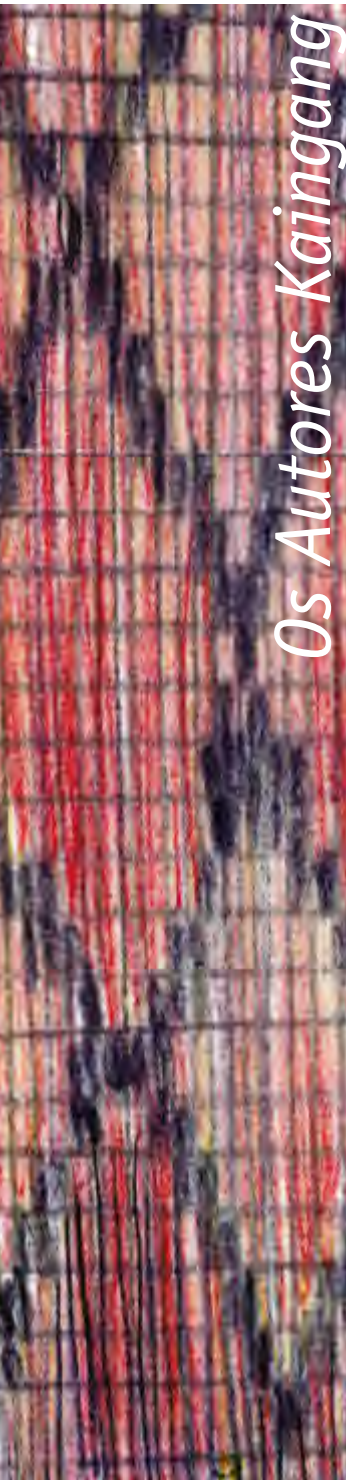
- Objetivo:** praticar vocabulário (memorização): NHERE, KÓTIT TANTÂ, KUKRON, KÓTIT UNGRÉ, KREI, KANHERÊ, UNGRÉ, TANTÂ, KAMÓ
- Material:** desenhos e nomes (legendas dos desenhos) em língua indígena; fita adesiva (fita crepe)
- Procedimentos:**
- 1) Cole os desenhos e seus respectivos nomes na lousa.
 - 2) Fale os nomes (legendas) e mostre as ilustrações até quando você perceber que os alunos já memorizaram.
 - 3) Forme dois grupos com o mesmo número de alunos em cada um.
 - 4) Posicione os dois grupos em duas filas, marcando a linha de saída à mesma distância da lousa.
 - 5) Retire os nomes (legendas), deixando apenas as ilustrações.
 - 6) Fale um dos nomes (legendas). O primeiro aluno de cada grupo (lembre-se de que os grupos estão posicionados em fila) deve correr e pegar o desenho certo. Esses alunos vão para o final da fila.
 - 7) O passo 6 é repetido até que todas as ilustrações tenham sido pegas.
 - 8) Ganha o grupo que conseguir pegar o maior número de ilustrações.

4) História

ENG KANHKAN NÉ PÍRE KÓTIT	OS PRIMEIROS DIAS DE UMA CRIANÇA
Ũn piri kulên na mbre, ũn píre tantâ Kainga, Isabel lálhatin píre kótít ungré.	Um dia na aldeia, uma índia Kaingang chamada Isabel teve um filho.
Né wãn Isabel bâk kainá athu totén bâk pawai. Nhã Claudia íafan penfurun.	Como Isabel era muito nova e não tinha muito leite, sua mãe, Claudia, preparou o penfurun.
Wuru langrê kulên rênrá kótít tantâ Isabel tiwãn kainá tohâ rênrikekân.	Após dois dias, Isabel passou a ter muito leite.
Wuru a lalhatin kainá pawai ne kótít ungré Geraldo tiwãn tanbâk.	Ela ficou muito feliz e seu filho, Geraldo, ficou gordo e saudável.
Geraldo huri piretó thu pýnýt mã kangá.	Geraldo, hoje com dez anos, não tem nenhum problema de saúde.
Awinha Isabel bâk kotit langre kotit pýnýt wi thumã tong.	A sua mãe, Isabel, teve mais dois filhos e o problema que ela tinha quando era nova desapareceu.
Huri wi bâk pawai tohâ kotit langre tambák.	Hoje ela tem bastante leite, e seus filhos são saudáveis.

5) Glossário

KAINGANG	PORTUGUÊS
ian	mãe
kotit	criança
kra	mão de pilão
kreia	pilão
kukron	panela
ngoio	água
nhere	milho
pawai	leite
rankama/ lankama	quente
tantâ	mulher
tohâ	gostar
týnýt	socar



Adriano César Rodrigues Campos, cujo nome indígena é Kaingru, nasceu em Penápolis, São Paulo. É professor indígena desde 2003 e atualmente é vice-diretor da escola da Aldeia Icatu.

Álvaro Francisco Iaiati, cujo nome indígena é Penkri, nasceu na cidade de Penápolis, São Paulo. Atualmente mora na Aldeia Icatu, onde atua como professor desde 2004.

Carlos Roberto Indubrasil, cujo nome indígena é Lerengui, nasceu na cidade de Penápolis, São Paulo. Carlos, que mora na aldeia Icatu, sempre quis ser professor, profissão que exerce desde 2001.

Edevaldo Cotuí, cujo nome indígena é Nokenkri, é casado e tem um filho. Nasceu em Tupã, São Paulo, e mora na aldeia Vanuíre, onde dá aulas de língua e cultura étnicas desde 2001.

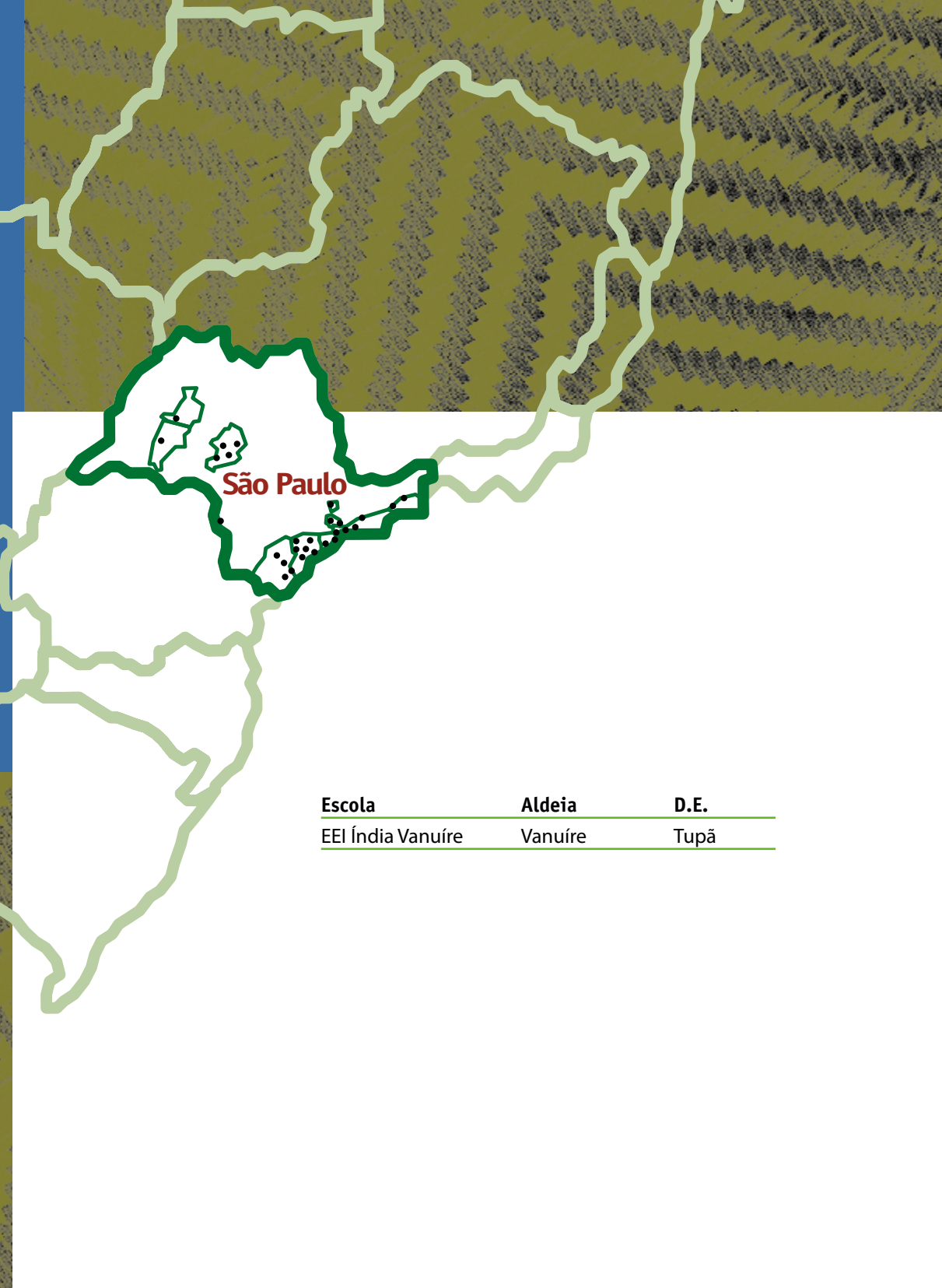
Ivanilda Iaiati, cujo nome indígena é Penvi, nasceu em Braúna, São Paulo. É casada e atualmente mora em Birigui. Em 2005, formou-se em Pedagogia e pretende concluir o curso FISPI em 2008.

Rosimeire Barbosa Dias, cujo nome indígena é Goiowe, nasceu na cidade de Tupã, em São Paulo e atualmente mora na aldeia Vanuíre, também em São Paulo. Meire, como é mais conhecida, tem três filhos e é professora há 3 anos.

Valdenice Cardoso Soares Vaiti, cujo nome indígena é Thuwei, nasceu no município de Tupã e atualmente mora na aldeia Vanuíre, em São Paulo. Thuwei completou seu curso de pedagogia em 2005 e atualmente é vice-diretora.



Krenak



Escola	Aldeia	D.E.
EEl Índia Vanuíre	Vanuíre	Tupã



Interação em sala de aula



As falas aqui registradas representam interações verbais que ocorrem com bastante frequência na sala de aula. Elas podem ser reproduzidas em pequenos cartazes e depois, coladas nas paredes da sala de aula, para incentivar tanto a leitura quanto a oralidade!

Ruti rerré.

Mun rara.

Cumprimentar e despedir-se.

Ererré

Nuk ererré!

Confirmar que está certo ou errado.

Nin kurān jibiang?

Pedir permissão para ir ao banheiro.

Ruti jagi?

Perguntar se entenderam.

Nin mum narrím nathia?

Pedir permissão para sair da sala.

Nin jagi nuk.

Dizer que não entendeu.

Ruti Kanaik?

Ererré nin Kanaik.

Confirmar o nome.

Ruti grimbó.
Ruti krituit.
Ruti inhait.

Pedir para formar duplas.
grupos de três.
grupos de quatro.

Rép nak.

Pedir para sentar no chão.

Amreêm.

Pedir para fazer silêncio.

On nim Krenak!

Pedir para falar em Krenak.

Conversas temáticas



As conversas temáticas constituem registros para focalizar a oralidade como prática social, abrindo espaço para dramatizações, ampliação de vocabulário e atividades lúdicas.

Conversa sobre brincadeiras

Autor: Constantino Jorge da Silva

Colaboração: Itamar Ferreira Krenak

Professor	Andhuk ererré, nan tondon!	Vocês estão bem, crianças?
Aluno	Ererré!	Estamos bem!
Professor	Irñão mum amanharmra nhuk rinkat.	Hoje vamos falar sobre as partes do nosso corpo.
Aluno	Kon on, o nin?	Como se fala, professor? (o aluno mostra sua orelha)
Aluno1	Rinruõn.	Orelha.
Professor	Ra-ãn?	E isso? (o professor mostra sua cabeça)
Aluno	Krengué.	Cabelo.
Professor	Nuk ra-ãn. Kren.	Não! É cabeça.
Aluno	Nirnun!	Braço! (um aluno mostra seu braço)
Professor	Irñão mum mro dê nin on. Roti mum angulon angueu rinkat.	Agora vamos brincar. As palavras que eu falar, vocês vão mexer a parte do corpo.
Professor	Kren.	Cabeça.
Professor	Nirnun.	Braço.
Professor	Mak.	Perna.
Professor	Pó.	Mão (ou pé).

Conversa sobre alimentos

Autor: Constantino Jorge da Silva

Colaboração: Itamar Ferreira Krenak

Professor	Andhuk ererré, nan tondon!	Bom dia, crianças!
Aluno	Ambimbim ererré!	Bom dia!
Professor	Andhuk amanharmra amangut. Lucas, rakré amangut ererré?	Hoje vamos falar sobre alimentos. Lucas, qual comida você gosta de comer em casa?
Aluno	Nim prãn marot, penhão.	Eu gosto de arroz e feijão.
Professor	Ruti, Carol, rakré amangut ererré nhuk kiem?	E você, Carol, qual comida você gosta de comer em casa?
Aluno	Hã-hã ingu, tim, ka-hã bok.	Ovo, carne, galinha e peixe.
Professor	João, rakré amangut ererré?	João, qual sua comida preferida?
Aluno	Nim prãn amangut tim.	Eu gosto de comer carne.

Cantigas



Além de propiciar momentos de muita alegria, as cantigas ensinam valores culturais e enriquecem a educação.

UATU

Ô uatu minhang rerré
Ô uatu minhang rerré
Ô uatu bók inhait
Oburum amangut ererré

O rio da água boa
O rio da água boa
O rio tem muito peixe
Os índios comem bem

NANGRAN TANDON

Nangran tondon non gri
Nangran tondon non gri
Gri rerré, pó amé
Gri rerré, pó amé
Pó ame, gri rerré
Pó ame, gri rerré
Pó amé, gri rerré
Gri rerré, pó amé

Todas as crianças vão cantar
Todas as crianças vão cantar
Cantando bonito, batendo o pé
Cantando bonito, batendo o pé
Batendo as mãos, cantando bonito
Batendo as mãos, cantando bonito
Batendo as mãos, cantando bonito
Cantando bonito, batendo as mãos

KRAI CON PEN

Krai inhait rirá Caxangá
Con men
Con jen
Nuk con pen
Kraí, kraí amú, amú con pen

Escravos de Jó jogavam Caxangá
Tira
Põe
Deixa ficar
Guerreiros com guerreiros fazem zig,
zig, zag

IMRAM, TONDON

Nim(1)..... imram
Nim(2)..... tondon
Imram, tondon, imram, tondon
(pó ame, pó ame, pó ame)

(1) (2)

Rirem / pitân
Bitim / nat-nat
Kurré / bók
Cavã / prik

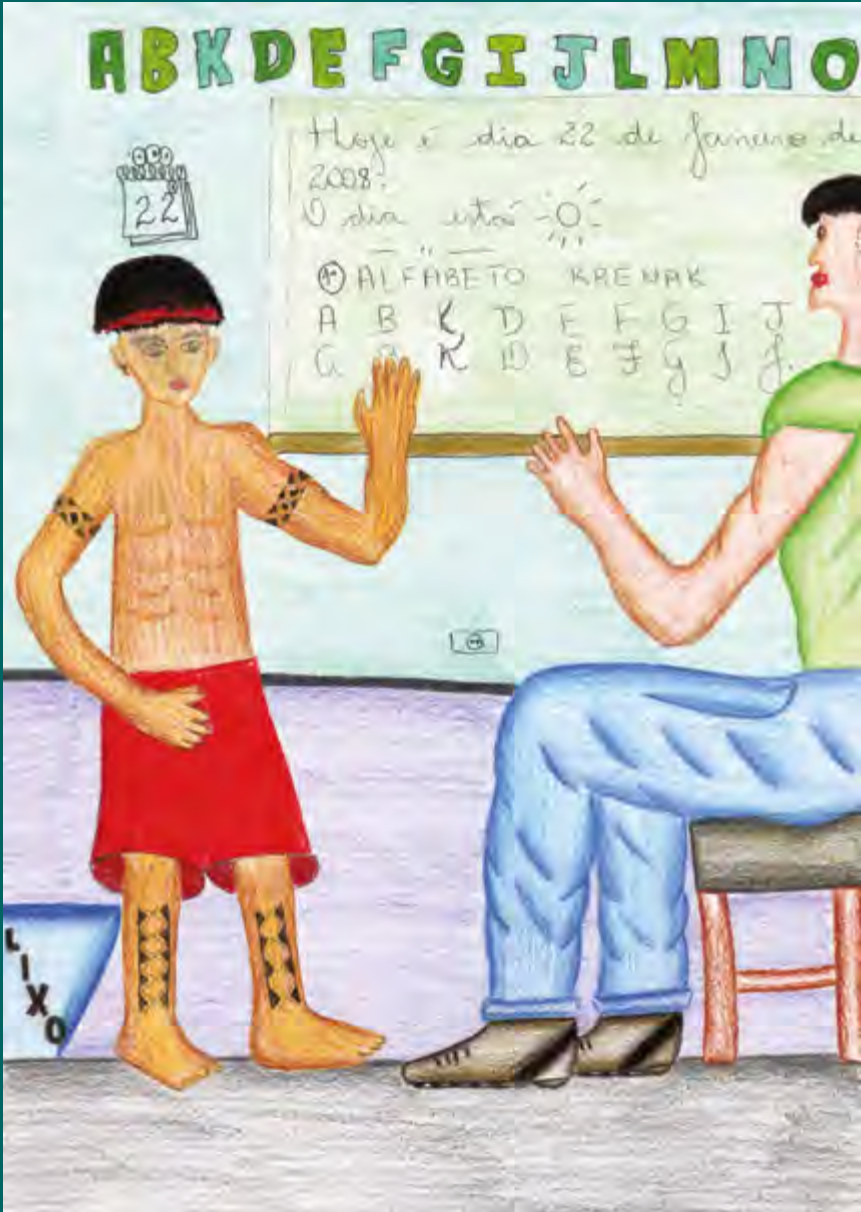
Grande, pequeno

Sou um(a)(1)..... muito grande
Sou um(a)(2)..... bem pequeno(a)
Grande, pequeno, grande, pequeno
(Palmas, palmas, palmas)

(1) (2)

Macaco / pernilongo
Gato / rato
Jacaré / peixe
Cavalo / formiga

Sequências didáticas



Tema da Lição:
Casamento

Autores:
Altieri Damaceno de Oliveira,
Fabiana Damaceno de Oliveira e Constantino Jorge da Silva



Perguntas para iniciar a conversa sobre o ritual do casamento Krenak.

- 1) Alguém já viu um casamento Krenak?
- 2) Como se vestem a noiva e o noivo?
- 3) O que acontece depois da cerimônia?

1) Conversa Entre Dois Adultos

Fabiana	Ambim ererré, Watu.	Boa noite, Altieri.
Altieri	Ambim ererré, Kanaik.	Boa noite, Fabiana.
Fabiana	Rutí mu tembrân rundhun inhaut ererré?	Você vai amanhã ao casamento da Naiara?
Altieri	Nim mu inhaut ererré. Uarrá conjen kiakang brukuku.	Eu vou sim, pois vai ser muito bonita a cerimônia. O noivo fica de calção vermelho e tem o corpo pintado.
Fabiana	Dhiknân inhaut ererré ave kiankang krenak kiakang jírum. Nhin kati thonbék kuem ererré nhim múrrará. Nhim grí, rundhum amangut.	E a noiva fica muito bonita com sua saia feita de taboa e camiseta branca. Além disso, é colocada cinza por onde eles passam. Depois eles cantam, dançam e comem.
Altieri	Koneakang rundhum inhaut tembrân.	Então vejo você na festa amanhã.

2) Compreensão

i) Complete as frases após ler o diálogo.

- a) _____ ererré, Kanaik.
- b) _____ rundhun inhaut ererré?
- c) Nim mu _____ ererré. Uarrá conjen _____.
- d) Dhiknân inhaut _____ Krenak kiakang jírum. Nhin kati _____ ererré, nhin múrrará. Nhin grí, _____.
- e) Koneakang _____ tembrân.

ii) Coloque Verdadeiro (rerré) ou Falso (onnuk).

- a) Dhiknân um kiang brukuku. ()
- b) Vuatu on Kanaik ruti mu inhaut ererré. ()
- c) Kanaik on Watu. ()
- d) Furô on Watu. ()

Tema da Lição:
Casamento

3) Atividades lúdicas

i) Bingo de Palavras

- I. O professor escreve na lousa uma lista de palavras (pelo menos 12 palavras diferentes). Palavras sugeridas para esta lição: RUTI, KIAKANG, JÍRUM, GRÍ, KONÉAKANG, BRUKUKU, UARRÁ, AMANGUT, MURRARÁ, KANAİK, AMBIM, MÚ.
- II. Cada aluno desenha um quadro em seu caderno, contendo 3 colunas e 3 linhas. Em cada espaço do quadro, o aluno deve colocar uma das 12 palavras que estão na lousa, sem repetir nenhuma delas.

III.	IV.	V.
VI.	VII.	VIII.
IX.	X.	XI.

- XII. O professor diz uma das palavras que está na lousa. Se o aluno a tiver colocado em seu quadro, ele deve riscá-la; se não, ele deve aguardar a próxima palavra.
- XIII. O professor continua dizendo uma palavra por vez.
- XIV. O primeiro aluno que conseguir riscar as três palavras de uma mesma linha ou de uma mesma coluna deve gritar: “Bingo!” Esse aluno será o ganhador.
- XV. Se quiser, o professor pode continuar dizendo outras palavras até que um de seus alunos consiga riscar todas as palavras de seu quadro.

ii) Caça-Palavras

Objetivo: localizar desenhos em lugares escondidos da sala de aula

Material necessário: oito pequenos desenhos com a palavra escrita correspondente

Procedimentos:

- I. Usando os desenhos, apresente e pratique o vocabulário.
- II. Cole os desenhos em lugares escondidos da sala de aula (ou um outro espaço da escola que fique perto da sala de aula) sem que os alunos vejam.
- III. Reúna os grupos e diga, em língua indígena: “Fulano, pegue o (nome de um dos objetos, por exemplo, um pedaço de pau)”. Na língua, “Watu, konem thon.” O primeiro grupo que encontrar o desenho deve entregá-lo ao professor, que atribuirá um ponto ao grupo somente se forem capazes de falar o nome do objeto.
- IV. Repita o procedimento até que todos os objetos tenham sido encontrados.

4) História

BURUM KRENAK	OS ÍNDIOS KRENAK
Kom uarrá dhukurnăn num mat kântă ererre kom gundhum, rimbon, bakăn nhauit watu bok nhauit.	Havia um homem e uma mulher que viviam em uma bonita mata, cheia de animais e um rio com muitos peixes diferentes.
Uarrá, dhukurnăn nuk kom iagi. Uarrá nhonga num mat kântă, nuk te nan pip dhukurnăn.	Esse homem e essa mulher não se conheciam. O homem caçava sempre naquela mata, mas nunca tinha encontrado a mulher.
Dhukurnăn irnăo mum thomkren, nuk te nan pip uarrá.	A mulher sempre colhia frutos, mas também nunca tinha encontrado o homem.
Kom ambi-bim, uarrá irnăo mum nhonga iupi uarrá embrăn nhomga num mat kântă.	Um dia, o homem resolveu caçar em um lugar diferente, pois já havia se cansado de caçar no mesmo lugar.
Dhukurnăn embră irnăo mum num mat kântă thomkren. Dhukurnăn irnăo mum iupi te kom mem thomkren.	A mulher também se cansou de sempre colher frutos no mesmo lugar e resolveu também procurar um lugar diferente para colher frutos.
Kom ambi-bim uarrá dhukurnăn, irnăo mum broon iupi remp ambim.	Foi então que, quando os dois estavam caminhando para onde eles haviam pensado, anoiteceu.
Uarrá dhukurnăn te nan pip.	De repente, eles se encontraram.
Uarrá dhukurnăn, nhimim grú thă uarrá dhukurnăn. Nhimim kăndhăn irnăo mum. Num mat kântă kăndhă.	Os dois ficaram assustados, pois eram diferentes, mas logo se aproximaram, conheceram-se, ficaram juntos e, assim, saíram pela mata felizes.
Uarrá dhukurnăn embăn burum, burum Krenak.	Esse casal formou um grande povo, o povo Krenak.

5) Glossário

KRENAK	PORTUGUÊS
bók	peixe
catí	também
dhik-năn	mulher
ererré	bonito
grimbó	dois
inhauit	muito
kiakang	roupa
konoé akang	olhando
matethon	mata
mu	vai
warrá	homem
watu	rio

Tema da Lição:
Danças e Cânticos

Autor: Constantino Jorge da Silva
Colaboração: Itamar Ferreira Krenak



1) Conversa entre dois adultos

Constantino	Batik, mum rumdhum?	Vamos dançar, Itamar?
Itamar	Mum.	Vamos.
Constantino	Burum, mum gri maret ererré.	Meus parentes, vamos cantar para os espíritos bons.
Itamar	Kiemen ererré. Mum rum dhum, mum gri.	A casa está pronta. Vamos dançar, vamos cantar.
Todos	Mum.	Vamos.
Constantino	Gri ithok Krenak. Gri nan tondon X 3 Gri burum uatu Gri ererré nengam X 2	Vamos cantar na língua Krenak. Canta menino X 3 Canta índio do rio Canta bonito aqui X 2

2) Atividade lúdica

O professor pede para as crianças sentarem em roda. No meio da roda, coloca alguns objetos, incluindo instrumentos musicais usados na dança Krenak. O professor fala em Krenak o nome de um objeto. O aluno que souber qual é o objeto fica em pé e imediatamente pega o objeto. Se estiver correto, senta-se de novo em seu lugar e fica segurando o objeto. Se não estiver correto, apenas volta para o seu lugar. A brincadeira continua até que todos os objetos estejam com as crianças.

3) História

O povo Krenak antigamente era conhecido como Botocudos. Esse nome vem dos adornos que faziam de botoques. Atualmente, os Krenak têm em suas aldeias os sábios da língua que ensinam para as crianças e para os jovens, principalmente as músicas e danças. É através delas que buscamos força e paz de espírito para continuarmos vivendo como Povo Ererre Krenak!

4) Glossário

KRENAK	PORTUGUÊS
rumdhum	dançar
gri	cantar
mum	vamos
nengam	aqui
nan tondon	crianças
burum	índio
kraí	não-índio (homem)
Inhorá	não-índio (mulher)
maret ererré	espírito bom
maret thon	espírito mau



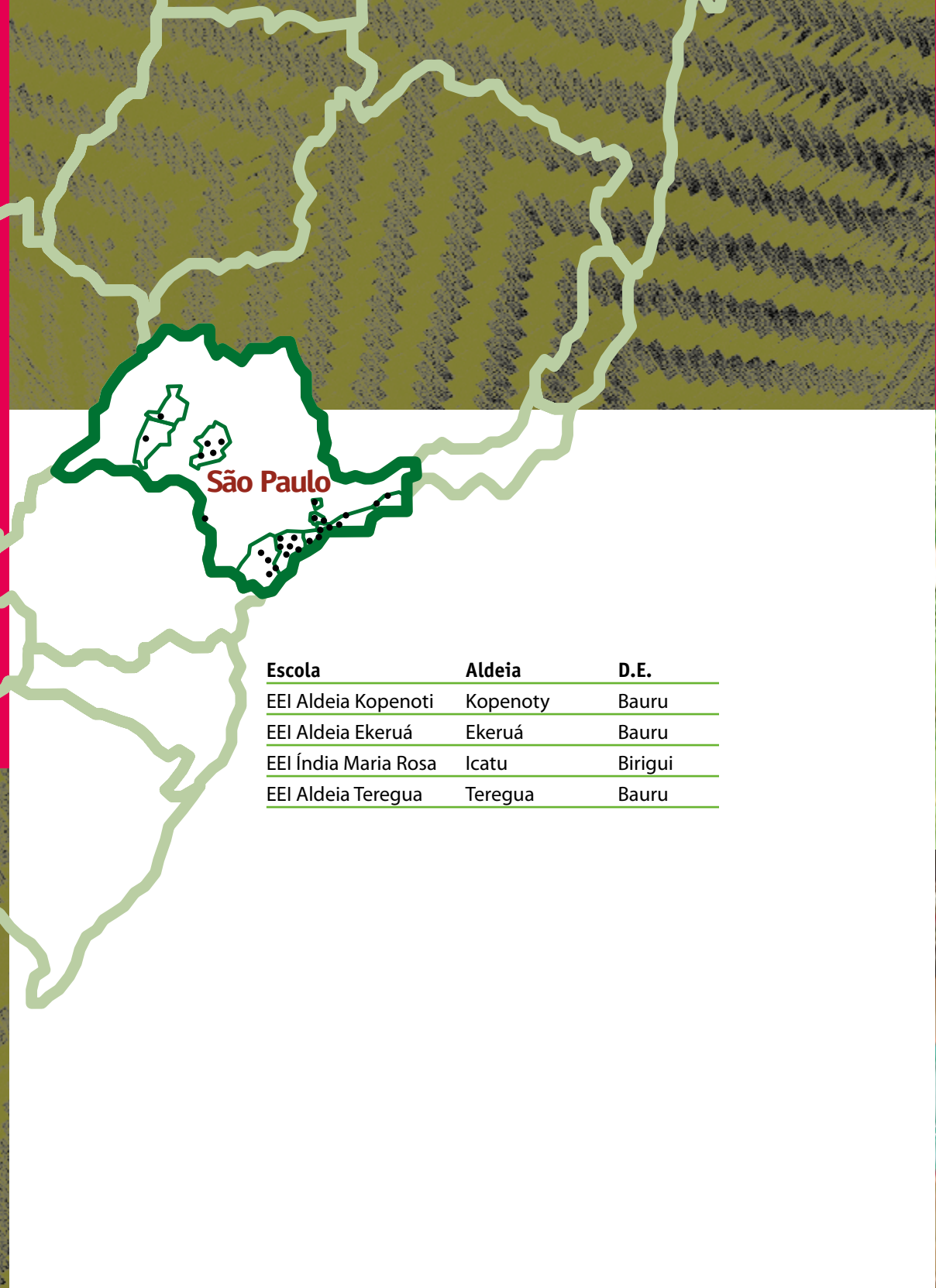
Os Autores Krenak

Altieri Damaceno de Oliveira, cujo nome indígena é Watu, nasceu e mora até hoje na Aldeia Vanuíre, no município de Tupã, São Paulo. Watu é professor desde 2005.

Constantino Jorge da Silva, cujo nome indígena é Nongrâk, nasceu e mora até hoje na aldeia Vanuíre. É professor eventual desde 2006.

Fabiana Damaceno de Oliveira, cujo nome indígena é Kanaik, nasceu e mora na Aldeia Vanuíre. É casada e tem três filhos. Começou a dar aulas em 2004.

Terena



Escola	Aldeia	D.E.
EEI Aldeia Kopenoti	Kopenoty	Bauru
EEI Aldeia Ekeruá	Ekeruá	Bauru
EEI Índia Maria Rosa	Icatu	Birigui
EEI Aldeia Teregua	Teregua	Bauru



Interação em sala de aula


As falas aqui registradas representam interações verbais que ocorrem com bastante frequência na sala de aula. Elas podem ser reproduzidas em pequenos cartazes e depois, coladas nas paredes da sala de aula, para incentivar tanto a leitura quanto a oralidade!

Nakéyeye!	Cumprimentar.	Ivetaka noe poké'eke!	Pedir para sentar no chão.
Mbihópone!		Yunu yákoé!	Pedir para fazer silêncio.
Ihâroti!	Despedir-se. Dizer até amanhã.		
Motova ndóponeovo?	Pedir permissão para fazer xixi.	Únati ra ako'ó pahúkovó?	Confirmar se está certo ou errado.
Motova imbúhikea?	Pedir permissão para sair da sala.	Yexoa nóe?	Perguntar se entenderam.
		Ako énja!	Dizer que não entendeu.
Kuti kéha?	Perguntar o nome.	Keyuka keyúhoyi!	Pedir para falar de novo.
Itika noe homóeti!	Pedir para fazer e pintar desenhos.	Nemuka noe ne keyúhope!	Pedir para pegar o livro ou caderno.
Kuti vihaxea ra emoútike?	Perguntar como se diz algo na língua indígena.	Koyuho yákoinonu!	Pedir para falar em Terena.

Conversas temáticas



As conversas temáticas constituem registros para focalizar a oralidade como prática social, abrindo espaço para dramatizações, ampliação de vocabulário e atividades lúdicas.

(*) “Únati” pode significar “Bom dia”, “Boa tarde” ou “Boa noite” e também a resposta para a pergunta “Você está bem?”. “Nakeyeye” pode significar “Bom dia”, “Boa tarde” ou “Boa noite” e também a pergunta “Como vai você?”

Conversa sobre nomes

Autores: Tereza Silvério, Maria Luísa Lipu, Cláudio da S. Felix

Professor	Nakéyeye’noe, kalivonohíko!	Bom dia, crianças!
Aluno	Únati!(*)	Bom dia!
Professor	Xeóyakoe’noe.	Fiquem em pé.
Aluno	Nakóeti’iye ihíkaxoti?	Por que, professora?
Professor	Vitúkoti oração. Vepemóvoti Itukó’oviti.	Vamos fazer oração. Vamos agradecer a Deus.
	UKEENE ORAÇÃO...	DEPOIS DA ORAÇÃO...
Professor	Ivétakanoe. Kó’oyene vihíkaxovoti vemóu. Kuti itúkovo káxena sêmana kó’oyene?	Vamos sentar. Hoje vamos estudar o nosso idioma Que dia da semana é hoje?
Aluno	Ike-lûmingu.	Segunda-feira.
Professor	Kuti itúkovo kaxena kohê kó’oyene?	Qual a data de hoje?
Aluno	Nove na julio.	Nove de julho.
Professor	Kó’oyene embemópitinoe ihê yá vé mou. Kuti kehá?	Agora vou perguntar o nome de cada um em Terena. Qual é o seu nome?
Aluno	Maria Luísa ngóeha.	Meu nome é Maria Luísa
Professor	Eneponé ihâe Maria Luísa, ihâ hoyenó kalivono?	Maria Luísa é nome de menino?
Aluno	Ako’o. Ihâ seno kalivôno.	Não. É de menina.
Professor	Nayeayene xeinaina?	Quantos anos você tem?
Aluno	Yêhi koe njóenaena.	10 anos.
Professor	Kene iti?	E você?

Conversa sobre brincadeiras

Grupo: David H. da Silva Pereira, Zélia Luiz, Márcio Pedro e Aparecido Vitor

Professor	Nakeyeye noe kalivonó!	Bom dia, crianças!
Aluno	Únati!	Bom dia!
Professor	Hinga vitukoti oração vepemovoti ituko’oviti. Xe’o yakoe noem!	Vamos fazer uma oração. Fiquem em pé!
	UKEENE ORAÇÃO...	DEPOIS DA ORAÇÃO...
Professor	Kó’oyene, vihikaxomo mohikenati.	Hoje vamos falar sobre brincadeira.
Aluno	Kuti itukovoye mohikenoti, ihikaxoti?	Que brincadeira, professor?
Professor	Mohikena terena, kuati’íko vituke.	Brincadeira Terena, que é nossa.
Aluno	Kuti itukóvoye, ihikaxoti?	Qual, professor?
Professor	Mohíkена ituke kipâe.	É a brincadeira da Ema.
Aluno	Enone ihikexovi ko’oyene?	É isso que você vai explicar hoje?
Professor	Êm. Hará koe ne mohikenati. Vitukó roda, namu kiyokokoti vo’u! Pohutimo xané itukovoti kipâe. Epone kipâe, oposikoa ovoku he’oneovo. Usono’e ne roda, konokoti yunu keiyinoe ye’ekone urukeovo né kipâe.	Sim. A brincadeira é assim. A roda deve ficar aberta! Uma pessoa será a Ema. A Ema procura um lugar para se esconder. Com a roda pronta, todos devem ficar em silêncio quando a Ema estiver chegando.
Aluno	Nakotiye konokino yunu koyia ûti?	Por que temos que ficar em silêncio?
Professor	Enepo okonokoi kayukopu votimo xoko ovoku.	Porque a Ema irá se assustar e voltar para o seu esconderijo.
Aluno	Enepone urukapú kipâe?	E quando a Ema entrar?
Professor	Enepo urukovoné kipâe exexovo roda epemo’i koatiné kipâe itukovotiye tikoti.	Quando a Ema entrar, todos devem fechar a roda e a Ema pergunta o nome das árvores para cada pessoa até o final da roda.
Professor	Enepone kalivono hiko koyuhotine ihá xuvetikoti: mará’o, vâma, arâha.	E as pessoas respondem com o nome de uma árvore, por exemplo: paratudo, jatobá, goiabeira.
Professor	Hinga meukeké vitukoati epara mohikenati.	Vamos lá fora fazer esta brincadeira.

Conversas temáticas

Conversa sobre alimentação

Autores: Edilene Pedro, Márcia Pio Martins e Jehei Pio

Professor	Hinga varamusakoti! Hinga kipovóuxovoti úti!	Vamos sair para almoçar! Antes vamos lavar as mãos!
Aluno	Kuti apê ko’oyene?	O que temos hoje?
Professor	Macaraonada. Yahá’a xonoe?	Macarronada. Vocês gostam?
Aluno 1	Anza’axo!	Eu gosto!
Aluno 2	Kaliha...	Não muito...
Aluno 3	Ako’o!	Eu não gosto!
Professor	Kuti itukovoye nikokonóti yahaxo?	Que alimentos vocês mais gostam?
Aluno 1	Nakáku yoko pêxou.	Arroz e feijão.
Aluno 2	Naum váka yoko hóe.	Carne e peixe.
Aluno 3	Anza’axo xúpu, káme yoko koe’e!	Eu prefiro mandioca, abóbora e batata.

Conversa sobre partes do corpo

Autores: Tereza Silvério, Maria Luísa Lipu e Cláudio da Silva Felix

Professor	Nakéyeye, kalivonohiko! Ko’oyene vihikaxovoti koeku oyuhópea muyo úti.	Boa tarde, crianças! Hoje nós vamos estudar sobre as partes do corpo.
	(a professora mostra as partes de seu corpo, diz o nome na língua e as crianças imitam o gesto da professora e repetem as palavras)	(a professora mostra as partes de seu corpo, diz o nome na língua e as crianças imitam o gesto da professora e repetem as palavras)
Aluno	Ndüti	Minha cabeça
Aluno	Nguêno	Minha orelha
Aluno	Ûngué	Meu olho
Aluno	Ngíri	Meu nariz
Aluno	Mbâho	Minha boca
Aluno	Ndâki	Meu braço
Aluno	Ôen	Meu dente
Aluno	Mbôvo	Meu ombro
Aluno	Njïpo	Minha unha
Aluno	Njêne	Meus seios
Aluno	Mbûyu	Meu joelho
Aluno	Njûra	Minha barriga
Aluno	Ûron	Meu umbigo
Aluno	Njêve	Meu pé
Professor	Kuti koehara? (a professora mostra uma das partes do corpo que ensinou antes e os alunos respondem)	Como se chama essa parte do corpo? (a professora mostra uma das partes do corpo que ensinou antes e os alunos respondem)

Conversas temáticas

Conversa sobre bichos

Autores: Edilene Pedro, Márcia Pio e Jeheí Pio

Aluno	Ihikaxóti, itukoa xeeti nza’a mekuke apê xapa hoi enó ho’openó!	Professora, meu pai conta que antigamente na mata tinha muitos animais!
Professor	Kuti itukovo ho’openó?	Que animais?
Aluno	Apé maiané kamó, sîni, vayáho, xulûki, óvoe, kâi, tokôro, kimôum, evakáxu, típe.	Tinha anta, onça, cervo, tatu, jabuti, macaco, bugio, queixada, capivara, veado.
Aluno 2	Koane ákone heokoeti epora hoopenó!	Hoje já não tem todos estes animais!

Conversa sobre tempo

Autores: Edilene Pedro, Márcia Pio Martins e Jeheí Pio

Professor	Nakéyeye nôe! Nakóeye kaxe kóyene? Kótuti, kássati, kevôti, ihurime kôe mêum?	Bom dia! Como está o dia hoje? Quente, frio, chuvoso, nublado?
Aluno 1	Ngotúxoty!	Eu estou com calor!
Aluno 2	Ngasáxoty!	Eu estou com frio!
Aluno 3	Ihurime kôe.	O dia está nublado.
Professor	Turixóvotine víhikaxeovo!	Vamos começar a aula!



Cantigas



Além de propiciar momentos de muita alegria, as cantigas ensinam valores culturais e enriquecem a educação.

KÓEXO

Kóexoe akó héve
Kóexoe akó vo’u
Namia kixovo alu’ókea tikóti

Namia kixovo alu’ókea tikóti

Kóexoe akó héve
Kóexoe akó vo’u
Namia kixovo alu’ókea tikóti

MARAKAIA

Apé mbeyo
Marakaia
Imokóti
Imokóti
Uhe’ékoti
Uhe’ékoti
Miau, miau, miau
Miau, miau, miau

(Continua com outros animais)

AINAPOYAKÓE UNAE

Ainapoyakóe Unae
Ainapoyakóe, ainapoyakóe Unae
Yayupóniti hó’openo
Imokoíko hanaiti Unae
Ya hahámeiti sikisíki Imokóikoti
Hanaiti Unae

Cobra

A cobra não tem pé
A cobra não tem mão
Como é que ela sobe no pezinho de limão
Como é que ela sobe no pezinho de limão
A cobra não tem pé
A cobra não tem mão
Como é que ela sobe no pezinho de limão

Gato

Tenho um gatinho
Tenho um gatinho
Que está dormindo
Que está dormindo
É tão bonitinho
É tão bonitinho
Miau, miau, miau
Miau, miau, miau

(Continua com outros animais)

Graças ao Senhor

Damos graças ao Senhor
Damos graças
Graças pelo seu amor
De manhãzinha os passarinhos
Estão cantando louvando o criador

HÁNAITI, KÁLIHUTI

Undi hánaiti(1).....
Undi kálihuti(2).....
Hánaiti, kálihuti, hánaiti, kálihuti
(Palmas, palmas, palmas)

(1) (2)

Ka’i / kosíu
Marakaya / ôho
Vétekeke / hõe

HÔE

Enepo indukapu kali hõe
Haponi enja araunguea
Mani veombopiti
Upénoyáku úne

HOVÔVO

Ako kipaika heve’ne hovôvo
Ako kipaika akoti akaha’a
Xeókuke lavona óvo
Ako kipaika hevé
Akoti akaha’a

KONOÛM

Ape mbeyo konoûm
Koyekuné ominonu koputoe
Poehaxó, pi’axó, mopo’axó haraitová
Poehaxó, pi’axó, mopo’axó haraitová

Grande, Pequeno

Sou um(a)(1)..... muito grande
Sou um(a)(2)..... bem pequeno(a)
Grande, pequeno, grande, pequeno
(Palmas, palmas, palmas)

(1) (2)

Macaco / formiga
Gato / rato
Jacaré / peixe

Peixe

Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar
Eu tirava
Do fundo do mar

Sapo

O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer
Ele mora lá na lagoa
Não lava o pé
Porque não quer

Coelho

Coelhinho coelhinho
Sempre traz ovo pra mim
Um ovo, dois ovos, três ovos assim
Um ovo, dois ovos, três ovos assim

Cantigas

IMOKÓ'IKOTI MUYOITI

Tûtiye
Povoti
Puyuti
Heveti
Poyuti, heveti

Tûtiye
Povoti
Puyuti
Heveti

Poyuti, heveti
Uketi, kenoti
Pahoti, kiriti

Tûtiye
Povoti
Puyuti
Heveti
Poyuti, heveti

Música do Corpo

Cabeça
Ombro
Joelho
Pé
Joelho, pé

Cabeça
Ombro
Joelho
Pé

Joelho, pé
Olhos, ouvidos
Boca, nariz

Cabeça
Ombro
Joelho
Pé
Joelho, pé

INZUKO NE MARAKAYA

Inzuko ne marakaya, ya
Ite ako ivakapu ne marakaya, ya
Seno xika, ka konokoi
Vo'óku vo'óku yáikoi ne marakaya
MIAU

Atirei o Pau no Gato

Atirei o pau no gato, to
Mas o gato, to não morreu, reu, reu
Dona Chica, ca admirou-se, se
Do berrô, do berrô que o gato deu
MIAU

ÛNATI YAKOYE

Ûnati yakoye
Yara a'ke xeinaina
Yupihovo yunatiyea
Yakoyeneye ye

Parabéns Pra Você

Parabéns pra você
Nesta data querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida

Sequências didáticas



Tema da Lição:
Casamento

Autores:
Alicio Lipu, Márcia Pio,
Edilene Pedro
e Jehei Pio



1) Conversa entre três adultos

Márcia	Itínoe koyénotí ako’o?	Vocês são casados ou não?
Alicio	Êem.	Sim.
Márcia	Kene îti? Na kixovoye keyenoyi? Hekóa kixovoku ne kuxoti xâne mekúke?	E você? Como você se casou? Você seguiu a maneira do casamento de antigamente?
Alicio	Ako’o, kuteati koyenoyea xanéhiko ko’oyene.	Não. Foi um casamento como outro qualquer.
Jehei	Undímaka koyénoti, áko enjá kixovoku koyenoyea ne xâne mekuke.	Eu também sou casado e nem sei como era um casamento tradicional.
Alicio	Mekúke enepone xe’a uti konokoati voméa íhokea. Yane, enepone êho. Omínoatinemo êno xokoyoke ne sinenámo. Yane úsexoane oye’ékea, kurikopoi na’tinemo êno xokoyokê ne sinámo. Yane hixopátinemo únatiyea ne nikokónoti, é’nepomo aunáti ne nikokónoti koyenóatimo ne arunõe, kene hakóti áunati ákomo okóyenoa.	Antigamente, para o filho se casar, o pai o levava para caçar. A caça era entregue para a mãe, que a levava para sua futura nora preparar. Assim que a moça preparava a caça, a mãe da moça levava o alimento para seu futuro genro provar. Caso o rapaz gostasse do alimento preparado por ela, ele se casava. Se ele não gostasse, ele não se casava.
Márcia	Êno koe konókoti éxea oye’ékea ne árunoe, epó’oxo ne homôehou, konókoti éxea íhokea?	Então, para se casar a moça deveria saber cozinhar e o rapaz deveria saber caçar?
Alicio	Enone kôe!	É isso mesmo!
Jehei	Koékune nokóne, íhokea oyéiékea yóko níkea?	E era só isso? Caçar, cozinhar e comer?
Alicio	Akó’o. Yane ikeneke hixópea ne imámo, únatine oke’ékea, yane eto’okotinemo nâti, koixómonetí yoko iyenoxapáhiko. Poihane kiyói káxe koitúkeyea ne koixomoneti, onomekopovone káxe, yane ikoyenoxoatine ne árunoe yoko homôehou. Yane enovotinemo pôreo, êkati ho’o xupú hiyá’îti.	Não. Depois da aprovação do noivo, era feito o comunicado ao cacique, ao pajé e à comunidade. A cerimônia ou ritual tinha início no pôr-do-sol e todos bebiam do “poréo”, uma bebida feita de caldo de mandioca mansa!

Tema da Lição:
Casamento

2) Compreensão

- I. Sobre o que as pessoas do diálogo estão conversando?
Assinale a alternativa correta.:
() nascimento
() morte
() casamento
- II. Encontre, no diálogo, a palavra na língua Terena que você assinalou no exercício 1.
- III. Como se chamam as pessoas que participam do diálogo?
- IV. Que integrantes de uma família são mencionados por Alicio?
- V. Assinale a alternativa correta.:
a) Em português, xúpu é () mandioca. () caça.
b) Em português, nâti é () pajé. () cacique.
c) Em português, káxe é () lua. () sol.
d) Em português, níkea é () beber. () comer.
- VI. Assinale V (verdadeiro) ou F (falso):
a) Para se casar na tradição Terena, não era preciso saber caçar. ()
b) Alicio casou-se na tradição indígena. ()
c) Na tradição indígena, o casamento só era realizado ao pôr-do-sol. ()
d) Para a moça se casar, ela precisava saber cozinhar. ()
- VII. Responda:
a) Kuti itukohiko, xêti ne xanehiko? (Que história estão contando essas pessoas?)
b) Kuti koehahiko ne xâne itukoti xêti? (Como se chamam as pessoas que contam a história?)

3) Atividade lúdica

Encontre as palavras em Terena equivalentes a:

- ANTIGAMENTE - _____
VOCÊ - _____
HOJE - _____
MOÇA - _____
MANDIOCA - _____
SOL - _____
NÃO - _____
NÓS - _____
RAPAZ, JOVEM - _____

S	M	R	T	Y	U	I	K	Á	X	E	Q
X	E	D	I	T	I	N	O	E	S	D	W
D	K	F	G	H	J	K	’O	P	X	H	E
C	U	V	A	V	N	M	Y	L	C	O	R
F	K	B	R	F	X	H	E	K	V	M	T
V	É	c	U	P	Ú	J	N	J	G	Ô	Y
G	Q	B	N	W	P	H	E	M	B	E	U
B	Û	X	Ô	G	U	J	K	N	H	H	I
H	T	C	E	V	A	K	O	’O	G	O	N
N	I	A	S	D	F	G	H	J	K	U	L

4) HISTÓRIA

POI KIXÓVOKU KOYENOE TERENA	OUTRO CASAMENTO TÍPICO
Apé maka po’i kixóvoku koyenoyea né terena, tuitikehi óvo.	Há um cerimonial tradicional de casamento na cultura Terena, o casamento na rede.
Mahi yekotenó koixomoneti ikoye no xoa poehané iyenoxapa né koyenókokoti apéhikó.	A cerimônia é celebrada pelo índio mais velho, o koexomonéti, e dela participam a família do noivo e a família da noiva.
Koekuti koitukeyea né koexomonéti, vatáka koyé ne koyenókókti tuitíke.	Durante toda a cerimônia, os noivos ficam sentados em uma rede tecida.
Enepó eketokó ne tuiti akóhi aunati, kené ako’o eketaka mbiu, koehi akohi, kurikaka.	Caso a rede não suporte o peso, o casamento dos noivos não durará muito; se a rede suportar o peso, eles viverão juntos para sempre.
Mekuké, apé koyenóti terena, hanaiti ayuiti itukevó koane, enó nikokonóti kuteati híhi, lapapé yokó poréo.	Antigamente quando os Terena se casavam, havia uma grande festa e eram servidas muitas comidas tradicionais, como o “híhi”, o “lapâpe” e o “poréo”.
KO’OYENE...	HOJE EM DIA...
Ko’oyene apé apé koe Terena kuteati koyenoyea purutuy. Enepone xanehikó Terena kuveoke ipuxovoku o’vo koyenoyea apémáka nâti yoko xererehiko pahukoti, apemaka póhuti ihâe Funaike.	Hoje, alguns Terena se casam em cerimônias iguais a dos não-índios. A comunidade realiza o casamento na aldeia com a participação do cacique, das lideranças e de um representante da FUNAI.

5) GLOSSÁRIO

TERENA	PORTUGUÊS
ako’o	não
arunõe	moça
ekâti	bebida
homôehou	rapaz
itinoe	você
káxe	sol
ko’oyene	hoje
koixómoneti	curandeiro, pajé
mekuké	antigamente
nikokónoti	comida
xúpu	mandioca
ûti	nós

Tema da Lição:
Alimentação

Autores:
Cláudio Felix,
Lícia Vitor,
Maria Luísa Lipu
e Tereza Silvério



1) Conversa entre adultos sobre alimentação na cultura Terena

Tereza	Yéxoanuem, nika uti mekuké yoko kó'oyene?	Vocês sabem se há diferenças entre o que comemos hoje e o que os Terenas comiam antigamente?
Maria	Enoné poé'aya nika uti koene.	Já modificou bastante o nosso alimento de hoje.
Lícia	Kuti nikoinóvo, uti mekuké?	E o que se comia antigamente e não comemos mais?
Maria	Mekuke ká'aye nikonovo úti. Naum hó'openo, hôe, hai tikoti ihae hói. Yoko nikokonoti ukeati xupuke koanemaka koê'e kâme yoko sopôro koane nikomaka uti lapâpe. Kó'oyene poitine kixuaku itukuatiné lapâpe akoné topi anahí.	Antigamente, comíamos caça, pesca, frutas nativas e alimentos feitos com mandioca, batata, abóbora e milho. Também comíamos biju. Hoje em dia fazemos biju diferente, com mais ingredientes.
Tereza	Óritine vitukia kó'oyene lapâpe?	Hoje em dia é difícil fazer o biju?
Lícia	Oritî vitukea, apéko xane itukóati!	É difícil a gente fazer, mas tem gente que faz ainda.
Cláudio	Nínkeane?	Você já comeu?
Maria	Nguteane níngoane café injánexo'á. Kene iti?	Eu já comi com café. E você?
Cláudio	Níngoane máka. Xaná hí'e injanexo'á.	Eu já comi com chá de cidreira.
Tereza	Nakóiti'ye itukinua anahí purutuye ne nika uti?	Por que será que introduziram açúcar e sal nas nossas refeições?
Lícia	Vo'oku vanahíxeovone purutuye kó'oyene.	Pela proximidade com a cultura não indígena, muitos hábitos foram modificados.
Tereza	Koane ákone kuati itúkoati kó'oyene vó'oku óriti itúkeovo.	Hoje poucas pessoas fazem esses tipos de alimentos, porque dá trabalho e também porque há falta de lenha em nossa mata.

Tema da Lição:
Alimentação

2) Compreensão

a) Nayeayê xane itukuati?
Kuti koehahíko?

b) Ipihinía pohuti x tokopovoti yutueti.

I. Kuty itukovo kopenôty'ra?
() Guarani.
() Terena.
() Krenak.

II. Kuty itukohíko exêtina?
() Poeha xo'opeti xoko hûve'o.
() eEpoéxoti.
() Nikokónoti.

c) Yítaxa ihá'ra piâti nikokonoti
apeti yayêke.

a) Quantas pessoas participam do diálogo?
Como cada uma delas se chama?

b) Assinale com um X a alternativa correta.

I. A que etnia essas pessoas pertencem?
() Guarani.
() Terena.
() Krenak.

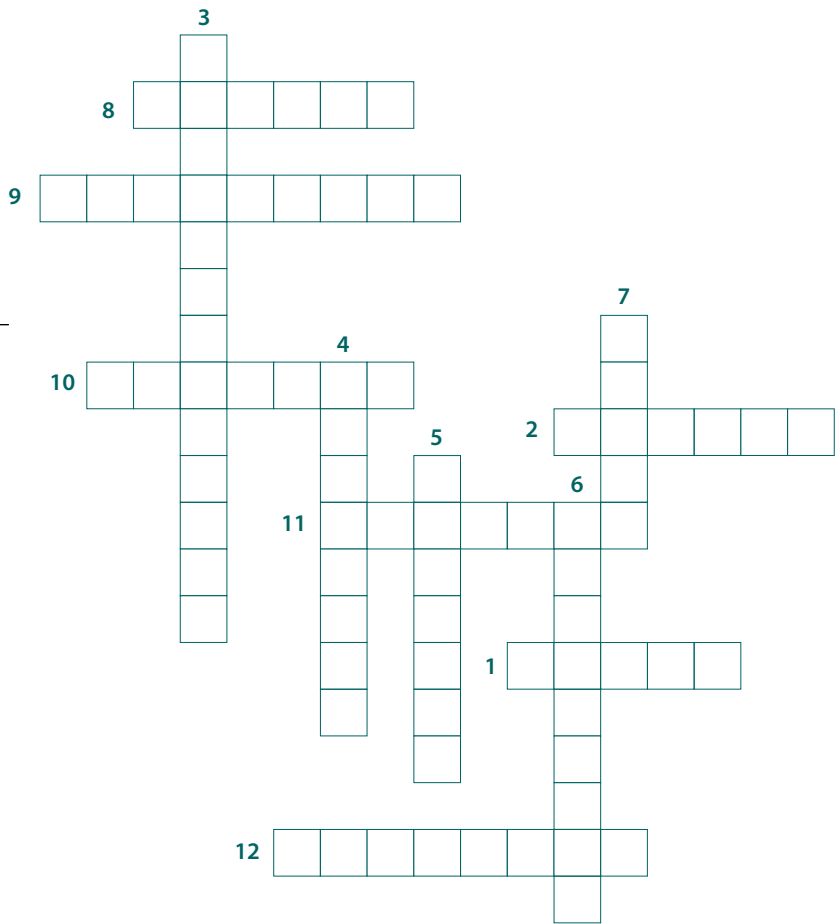
II. Sobre o que as pessoas estão conversando?
() Um passeio na praia.
() Um jogo de futebol.
() Alimentação.

c) Escreva o nome de dois alimentos que
aparecem no diálogo.

3) Atividade lúdica

Escreva, na cruzadinha, as palavras em Terena equivalentes a:

- 1 porque _____
- 2 biju _____
- 3 quando se mistura _____
- 4 já comi _____
- 5 como fazer _____
- 6 o que foi _____
- 7 também _____
- 8 farinha _____
- 9 eu misturei _____
- 10 aquele _____
- 11 eu também _____
- 12 não-indígena _____



4) História

EXETINA XÚPU	SOBRE A MANDIOCA
Uke'atine simeáko Brasi, inúxoti Terena, yomotíhiko, noi'yêa xúpu exoti yoko ipuhokóvoti.	Desde sua chegada ao Brasil, os primeiros Terena sempre cultivaram a mandioca, tanto a de mesa quanto a brava.
Aha'axóhiko nikea Terena, xúpu.	Para a comunidade Terena, a mandioca é o alimento sagrado.
Koa'hati nikane mekuke, koane ako'topi kixo'aku. Oyena kixoa itukopovo xómoyu xánena tapi'i, ako'o itukovo na'u movo'iti vaka.	A mandioca pode ser cozida e usada em sopas ou guisados com frango caipira, carne de caça ou bovina, seca ou fresca.
Ya none ihároti kaha'ane yuponiyea enepone úsotine'hiko xane oxokotine yûku ikotuxotine une óreka mate, ipihotine osone xúpu nikamo ixanexope óreka káfe.	Antigamente, já de madrugada, os mais velhos preparavam a fogueira para tomar chimarrão e, enquanto tomavam o mate, colocavam a mandioca para assar. No café da manhã, a mandioca estava pronta para ser consumida.
Enepone éxoti xúpu vitukoa rá foko, yuma, póreo, lapâpe, híhi.	A mandioca mansa também pode ser usada para fazer farinha, polvilho, biju, "póreo", "híhi" e tapioca.
Kene ipúhokovoti xúpu, poehane rá foko, yûma vitukoa.	Com a mandioca brava, fazemos farinha e polvilho.
Mekúke heru kixóenovo xoena, noiyeovo ne xúpu.	Com relação à época do plantio, antigamente plantava-se a mandioca o ano todo.
Kó'oyene, konokaati kuxea uti kevea ukó iná noa uti ne xúpukoxe motovâti uhe'ekea.	Hoje, com a mudança do clima, é preciso esperar a chuva antes de plantar a rama da mandioca para ter uma boa produção.

5) Glossário

TERENA	PORTUGUÊS
ako'o	não
enepone	aquele
injanexo'a	eu misturei
ipuhokóvoti xúpu	mandioca brava
itukevo	como fazer
híhi	bolo de mandioca
koane	também
lapâpe	biju
nguteane	eu também
ningoane	já comi
purútuye	não-indígena
ramoko	farinha
simea'ko	quando chegou
tapi'i	galinha
uke'atine	chegada
úne	água
vitukia	como é feito
vo'oku	porque
yúma	polvilho

Tema da Lição:
Ritual de passagem

Autores:
Márcio Pedro, Aparecido Vitor, Zélia Luiz
e David H. Pereira



1) Conversa entre o pajé e um jovem

Pajé	Híyekexoane ne híyokena kipâe?	Você já dançou a dança da Ema, o bate-pau?
Jovem	Êm nziyokexoane.	Já.
Pajé	Yexoa kixoíekone ne híyokenati?	Você sabe o significado da dança?
Jovem	Ako’o, kuti kixóeko?	Não. O que significa?
Pajé	Kixóekoti exeane nóiyea, numikuxea yoko ihokea.	Significa que o jovem sabe plantar, pescar e caçar.
Jovem	Nakoetí’iye?	Por quê?
Pajé	Vo’óku éxeokonone itukeovo hóyeno.	Porque isso significa que o jovem já está pronto para a vida como homem.
Jovem	Na kóeiye novo ipovo? Kutiane ko’oyene?	E a vestimenta, como era? Era a mesma de hoje?
Pajé	Ako’o poiwane novo evoi kipâe.	Não, antes a vestimenta era só de pena de Ema.
Jovem	Na koiti’íye?	Por quê?
Pajé	Vo’oku enone ituko téiyone terenoe ne kipâe.	Porque a Ema é um animal sagrado para o povo Terena.
Jovem	Na ko’eye ra hixokénati?	Como era esse ritual?
Pajé	Enepone kalivôno óuke vakamóto óvo, koane kurí keokono sopôro yoko nakáku none. Koane hiyo kexea ne hóyeno koane senóhiko.	O menino ficava em cima de um couro de animal que ele mesmo havia caçado, e as pessoas jogavam em sua direção o milho e o arroz que ele havia plantado. Os homens ficavam dançando em volta e as mulheres mais velhas também participavam.
	Koane ako omótova vánikopeovo huvéoke vukéixoa hí yokexea uti. Vo’oku ímaikovo ne kipâe pahuko púhokovoti úko.	Além disso, depois da dança da Ema não era permitido tomar banho no açude ou no riacho, porque a Ema ficaria brava e mandaria um temporal para a aldeia!

Tema da Lição:
Ritual de passagem

2) Compreensão

1	
1 Kuti itúko xeti ra vitúkovoqe? Ápenovo ne hiyokenati?	1 No diálogo, as pessoas estão conversando sobre qual ritual?
2 Kuti kónokone éxea? Nakoti híyokexino?	2 O que o jovem deveria saber para participar do ritual? Por quê?
3 Kuti kó'ipovo mekúke: () motoki síni. () evoi tap'i. () evoí parava. () evoi kipâe.	3 A vestimenta para o ritual era feita de: () pele de onça. () pena de galinha. () pena de arara. () pena de Ema.
4 Epone kipâe ho'openo: () níká meku têrenoe. () peyo têrenoe. () téyone têrenoe.	4 Para o povo Terena, a Ema é um animal: () que serve de alimento. () de estimação. () sagrado.
5 Na óvo ne kalivôno? Enómone nóa eponé aluo'koti vanuke?	5 No ritual, o jovem ficava em cima de quê? Quem plantava os alimentos que eram jogados sobre ele?
6 Poihane hóyeno hiyokéxoa?	6 Quem participava do ritual: somente os homens ou os homens e as mulheres mais velhas?
7 Nakoiti ákoino omotova áhikopeovo, la'vonake ukeiéxo hiyokexeokono?	7 Por que não podia tomar banho no açude ou no riacho depois da dança da Ema?

3) Atividades lúdicas

I. Hemáxa ne híokena kipâe. Faça uma ilustração sobre o ritual da dança da Ema.

II. Xoko hiokenati, epone hoyeno kalivôno konokotine exea no'íyea. Yihaika epora opékuke, ipehepa xoko koati okoku. No ritual, o menino deveria saber caçar, pescar e plantar. Leia as palavras abaixo e coloque cada uma em seu lugar.

nakáku	mayane kámo	hõe
típe		tôhe
kopíye	pêxou	xupu
koê	vatéke	soporo
xúme	túiti	paka

arroz	tatu-galinha	peixe
veado		nambu
anta	feijão	mandioca
batata	barco	milho
flecha	rede	paca

ihókoti	numíkuxoti	nonéti

caça	pesca	planta

Tema da Lição:
Ritual de passagem

4) História

HIYOKENA XIPÚTRENA

Mekukenovo eponé têrenoe yonovo okóvo akó’otine meku kêva xoko ípuxovoku.

Epone senohiko, yonôvoti okovo hoúxovohiko, oposikoti koêku kixoaku ehaxíkea ne úko. Kóehiko:

- Konokoâti vopósikea kixoaku vehaxíkea ne úko vo’óku, kaháyane ivohikeovo ne nonéti!

Yane, turixovone hiko “Híyokexea”.

Epone senóhiko hoúxo koene hiko híyokexea nonekuke ípuxovoku, yane pi’á koene iherereuku, kóane namu kixeokokone vôu. Epo uke’exoa ne hiyokexea, turixovone kevea, kevóne neko úko.

Epó kotikovone neko úko kómomo vanúke neko senohíko noixo kipâe xapakuke hopú’iti kapási.

Hukinovoti uti têrenoe, kutipinoa uti itukeovo vanuke ovo ne kipâe. Enomone pahuko’a eneya ne hoyeno tapí’i ya iharoti koati teyone uti ne kipâe. Epone hóyeno tapí’i kamôa éneyeane kipâe, turíxovo maka éneyea poké’eke kóixepukea têrenoe yonea ya kavâne.

Enone véinoa koixómoneti pahúkoepa ne váhere koekuti ne evói kipâe.

DANÇA DA CHUVA

Há muitos anos atrás, os Terena começaram a ficar muito preocupados, pois não chovia na aldeia.

As mulheres, muito preocupadas, decidiram se reunir para pensar em um modo de chamar a chuva. Elas falaram:

- Temos que fazer algo para a chuva vir, pois as plantações estão morrendo!

Então, elas resolveram fazer a “Dança da Chuva”.

As mulheres se reuniram no terreiro da aldeia e começaram a dançar, em duas fileiras, todas fazendo passos iguais e movimentos com as mãos. Assim que terminaram a dança, começou a chover.

Quando a chuva parou, todas as mulheres olharam para cima e viram a Ema em uma nuvem branca.

Por isso, nós, Terena, acreditamos que a Ema mora no céu. De lá, ela dá o primeiro canto avisando os galos da terra que o amanhecer vem vindo. Por isso respeitamos a Ema. Os galos, ao ouvirem a Ema, começam a cantar aqui na terra para que os Terena se levantem e vão para a roça.

Carregando um feixe de penas de Ema, os “koixomoneti” cantavam e os maus espíritos eram absorvidos pelas penas da Ema.



5) Glossário

TERENA	PORTUGUÊS
ako’ó	não
ápenovo	tinha
evoi tapi’i	pena de galinha
epone	aquele
hiyokena	dança
hiyokénati	ritual
hõe	peixe
hoyeno	homem
kipâe	ema
koane	também
kopiye	tatu-galinha
kalivôno	criança
nakoetí’iye?	por quê?
pexôu	feijão
páka	paca
vatéke	barco
xúme	flecha



Os Autores Terena

Alicio Lipu, cujo nome indígena é Marã'ô, nasceu na aldeia indígena Araribá, município de Avaí, São Paulo. É casado com Claudete e tem três filhos: Aluane, Analu e Alisson. É professor desde 2001.

Aparecido Vitor, cujo nome indígena é Kuvelele, nasceu em Miranda, Mato Grosso do Sul e mudou-se para São Paulo em 1980. Atualmente mora na aldeia Icatu e pretende tornar-se professor após concluir o curso FISPI.

Cláudio da Silva Félix nasceu na aldeia indígena de Lagoinha, no município de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, mas seu registro civil foi feito em Avaí, São Paulo. Morador da Aldeia Kopenôti, é professor desde 2006. Cláudio é casado e tem um filho.

David Henrique da Silva Pereira nasceu em Duartina e atualmente mora na Aldeia Ekeruá, da terra indígena Arariba. É professor desde 2005. Tem 20 anos e gosta de viver a vida com aventuras, praticando esportes e fazendo teatro.

Edilene Pedro, cujo nome indígena é Sassahi, nasceu em Penápolis, São Paulo. Tem dois filhos e atualmente mora em Icatu, onde é professora substituta desde 2005.

Jehei Pio, ou Tiei em Terena, nasceu na aldeia Kopenoti. Aos 14 anos, parou de trabalhar na lavoura de mandioca e retomou os estudos. Hoje é professor na aldeia Tereguá.

Licia Vitor nasceu na Aldeia Cachoeirinha, em Miranda, no Mato Grosso do Sul e atualmente mora na Aldeia Icatu, no município de Braúna, São Paulo. É casada, tem 3 filhos e atua como professora desde 2004.

Márcia Pio Martins nasceu e mora na Aldeia Kopenoti, no município de Avaí, São Paulo. É casada com um Krenak e tem dois filhos: Gustavo e Geisiele. Márcia é professora desde 2004.

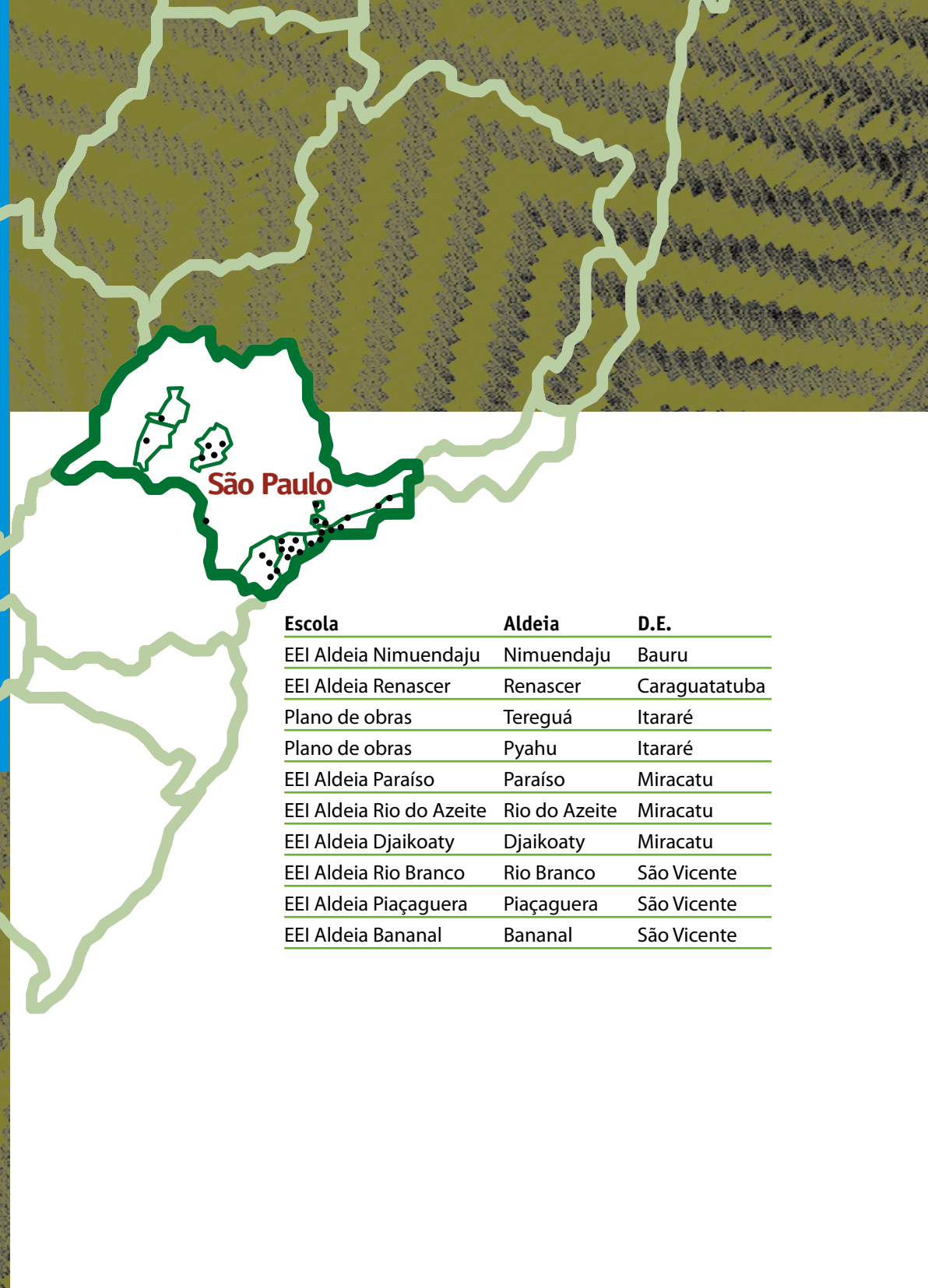
Marcio Pedro, cujo nome indígena é Naité, nasceu na Aldeia Cachoeirinha, em Miranda, Mato Grosso do Sul. É casado, tem três filhos e atua como professor na Aldeia Icatu desde 2001.

Maria Luisa Lipu, cujo nome indígena é Lalati, nasceu em Duartina e hoje mora na Aldeia Kopenoti. Tem uma filha, Raphaela Gabriely. É professora na aldeia Kopenoti desde 2003.

Tereza Silvério é casada e tem dois filhos, Thiago e Douglas. Tereza nasceu na terra indígena Araribá e atualmente mora na aldeia Ekeruá. Começou a trabalhar na escola indígena em 2004.

Zélia Luiz cujo nome indígena é Ayanayê, nasceu na aldeia Ipegue, em Aquidauana, MS. Aos 25 anos, tem dois filhos, Adrian e Adriano. É professora desde 2005

Tupi-Guarani



Escola	Aldeia	D.E.
EEI Aldeia Nimuendaju	Nimuendaju	Bauru
EEI Aldeia Renascer	Renascer	Caraguatatuba
Plano de obras	Tereguá	Itararé
Plano de obras	Pyahu	Itararé
EEI Aldeia Paraíso	Paraíso	Miracatu
EEI Aldeia Rio do Azeite	Rio do Azeite	Miracatu
EEI Aldeia Djaikoaty	Djaikoaty	Miracatu
EEI Aldeia Rio Branco	Rio Branco	São Vicente
EEI Aldeia Piaçaguera	Piaçaguera	São Vicente
EEI Aldeia Bananal	Bananal	São Vicente



Interação em sala de aula



As falas aqui registradas representam interações verbais que ocorrem com bastante frequência na sala de aula. Elas podem ser reproduzidas em pequenos cartazes e depois, coladas nas paredes da sala de aula, para incentivar tanto a leitura quanto a oralidade! .

Ko porã!

Djywy!

Cumprimentar e despedir-se.

Aa ta djauaty.

Pedir permissão para ir ao banheiro.

Baewá kowá: "djatsy" mã "djatsy-tata"?

Confirmar o nome de algo.

Marãi derery?

Perguntar o nome.

Maraĩ ery kowa?

Perguntar como se diz uma palavra.

Edju egwapy ywypy.

Pedir para sentar no chão.

Dja'a nhanomonõo bawyky.

Pedir para formar grupos.

Txee daikwa'a.

Expressar dúvida.

A'ewe.

Anyi. /Anaĩry.

Dizer que sim / dizer que não.

Dja'a djaipyy kwatia.

Pedir para pegar o livro ou caderno.

Conversas temáticas



As conversas temáticas constituem registros para focalizar a oralidade como prática social, abrindo espaço para dramatizações, ampliação de vocabulário e atividades lúdicas.

Conversa sobre brincadeiras

Autores: Lenira Dina de Oliveira, Catarina Delfina dos Santos, Tiago de Oliveira, Danilo Marcolino, Davi Honório Cardoso, Richard Caetano e Vlademir I. da Silva Lima

Professor	Ary porã, mitangwe!	Bom dia, crianças!
Aluno	Ary porã, nhambo'ea!	Bom dia, professor!
Professor	Aỹ pepu'ã, mitangwe. Djaa nhanimanga djaipetewa rewe. Peteĩ-teĩ mombyry pepyta. Aỹ peipyy peipete-pete djoupe upe. Petewa oity ma ramo, otsẽ. Peteĩ anho opyta ma ramo, a'e ma oikwaa porã we. Aỹ djaporai nhanimanga rewe.	Agora levantem, crianças. Vamos brincar com a peteca de um em um, longe do outro. Agora peguem a peteca, joguem para um e outro. Aquele que derrubar a peteca, sai. Quando ficar só um, este ganha porque joga bem. Agora vamos jogar brincando e cantando.

Conversa sobre brincadeiras

Autores: Vlademir I. da S. Lima, Valdecir R. Alves e Danilo Marcolino

Professor	Kõ'ẽ porã mitãgwe!	Bom dia, crianças!
Aluno	Kõ'ẽ porã nĩmbo'ea!	Bom dia, professor!
Professor	A'ewe-pa pamẽ?	Vocês estão bem?
Aluno	A'ewe!	Sim!
Professor	Ko'ary djaa nimãga oipeteá. Ore pamẽ oikwaa mārãi nhanimãga?	Hoje vamos brincar de peteca. Vocês sabem como se brinca?
Aluno	Djaikwaa!	Sim, sabemos!
Professor	Aỹ djaa rodjapo. Agwã oedja oipetea o'arã õtsẽ nimãgaáry.	Então vamos começar. Quem deixar a peteca cair, sai do jogo.

Conversa sobre alimentos

Autora: Lenira Dina de Oliveira

Professor	Ary porã, mitangwe!	Bom dia, crianças!
Aluno	Ary porã, nhembo'ea!	Bom dia, professor!
Professor	Aipota pegwapy ywy py. Pemboty pendetsa.	Quero que sentem no chão. Fechem os olhos.
Aluno	A'ewe!	Está bem!
Professor	Peikwaa mba'ewa ryakwã petũ?	Sabem que cheiro é este?
Aluno	Hum... pira mbitxy!	Hum... é peixe assado!
Professor	Djaa djakaru?	Vamos comer?
Aluno	Djaa voi djakaru!	Vamos logo comer!

Conversa sobre atividades

Autores: Lenira Dina de Oliveira, Catarina Delfina dos Santos, Tiago de Oliveira, Danilo Marcolino, Davi Honório Cardoso, Richard Caetano e Vlademir I. da Silva Lima

Professor	Ka'aru porã, mitangwe!	Boa tarde, crianças!
Aluno	Ka'aru porã, txembo'ea!	Boa tarde, professora!
Professor	Ko'aỹ, nhande pame djadjeroky ta.	Hoje, todos nós vamos dançar.
Aluno	Mba'ewa djadjeroky ta?	Vamos dançar o quê?
Professor	Awakwe'í txondaro ojeroky ta, a'égwi kunhangwe'í ojeroky ta tangara. Djaa pame oka py djadjeroky awã.	Os meninos, a dança dos guerreiros, e as meninas, a dança dos pássaros. Vamos lá pra fora dançar.
Aluno	Djaa wy!	Então vamos!

Conversas temáticas

Conversa sobre bichos

Autores: Sara S. Rosário, Fabiana A. da Silva e Cristiano de L. Silva

Professor	Ary porã, mitangwe!	Bom dia, crianças!
Aluno	Ary porã, nhombo'ea!	Bom dia, professor!
Professor	Ko'aỹ nhandeaywu ta ewa'e ree oikowa nhanderekoa py. Mba'ewa ewa'e okaru?	Hoje vamos falar dos animais que existem em nossa aldeia. O que eles comem?
Aluno	Mba'ewa eiru o'u?	O que a abelha come?
Professor	Eiru ei ywyrá poty gwigwa o'u.	A abelha se alimenta do melzinho da flor.
Aluno	Tengwa, nhombo'ea.	É verdade, professora.
Professor	Txee ma amombe'u ta ewa'e rery. Peẽ pemombe'u mba'ewa ewa'e okaru. Gwyrá...	Eu vou falar os nomes dos animais. E vocês vão falar o que eles comem. Pássaro...
Aluno	Ywyrá'a.	Frutas.
Professor	Pirá...	Peixe...
Aluno	Tsewoi, ytsoy.	Minhocas, bichinhos.
Professor	Kagware...	Tamanduá...
Aluno	Tay.	Formiga.
Professor	Ka'í...	Macaco...
Aluno	Ka'í o'u pakowa, nhombo'ea.	Macaco come banana, professora.
Professor	A'ewe, mitangwe. Ko'ẽru nhande pame djadjapo we.	Está bom, crianças. Amanhã nós continuamos.

Conversa sobre o corpo

Autores: Jacira Jorge de Souza Gomes Pires, Jacirema Gomes dos Anjos, Ubiratã Jorge de Souza Gomes, Jaciara de Souza Gomes de Menezes e Valdecir Ribeiro Alves

Professor	Ko'aỹ nhandeaywu nhanderete ree! Mba'ewa kowa? Pemombe'u txewy nhandewa rupi!	Hoje vamos falar sobre nosso corpo. O que é isso? Falem pra mim o nome na língua indígena!
Alunos	Kowa'e ma ndenambi, nhombo'ea!	Isso é a sua orelha, professor!
Professor	Awete! Kowa mba'ewa? (Nhombo'ea etxauka amboae pengwe ete gwigwa. A'epy ma otxauka odjuru)	Muito bem. E isso? (o professor mostra outra parte de seu corpo, nesse caso a boca)
Aluno1	Nhombo'ea, txee aikuaa! Kowa'e ma ndedjuru!	Eu sei, professor! Isso é sua boca!
Professor	Ko'aỹ mba'e ma txeaywu ta, peikuaa e'ỹ wa'erã...	Agora o que eu vou falar, vocês não vão saber...
Aluno2	Nhombo'ea, eporandu txewy!	Professor, pergunta pra mim!
Professor	Awete! Mba'ewa kowa?	Está bem. O que é isso?
Aluno2	Kowa'e ma nderetsa, nhombo'ea!	São seus olhos, professor!
Professor	Awete!	Muito bem!

Conversas temáticas

Conversa sobre o corpo

Autores: Jacira Jorge de Souza Gomes Pires, Jacirema Gomes dos Anjos, Ubiratã Jorge de Souza Gomes, Jaciara de Souza Gomes de Menezes, Cristiano de Lima Silva e Valdecir Ribeiro Alves

Professor	Peẽ peikwaa marãi pa nhanderete peingwe rery?	Vocês sabem o nome das partes do corpo?
Alunos	Anỹ ry, nhombo'ea.	Não, professora!
Professor	Ko'aỹ djaaikwa wa'erã peteĩ-teĩ rery. Awete, mitangwe?	Hoje vamos saber os nomes, um por um. Tudo bem, criança?
Alunos	Awete!	Tudo bem.
Professor	Aỹ nhamombe'u ta nhanderowa re.	Vamos falar do nosso rosto.
Alunos	Djaa.	Vamos.
Professor	Mba'ewa kowa? Marãi ery nhandewa rupi?	O que é isto? Qual o nome indígena?
Aluno1	Etsa, nhombo'ea!	Olho, professora.
Professor	Mba'ew kowa?	O que é isto?
Aluno2	Apyingwa, nhombo'ea!	Nariz, professora.
Professor	Mba'ewa kowa?	O que é isto?
Aluno3	Nambi, nhombo'ea!	Orelha, professora.
Professor	Kowa ma?	E isto?
Aluno4	Djuru, nhombo'ea!	Boca, professora.
Professor	Porã ete, mitangwe!	Muito bem, crianças!

Conversa sobre bichos

Autores: Lenira Dina de Oliveira, Catarina Delfina dos Santos, Tiago de Oliveira, Danilo Marcolino, Davi Honório Cardoso, Richard Caetano e Vlademir I. da Silva Lima

Professor	Ary porã, mitangwe!	Bom dia, crianças!
Aluno	Ary porã, nhombo'ea!	Bom dia, professor!
Professor	Ko'aỹ nhande djaa nhandeaywu ewa'e ree!	Hoje nós vamos falar sobre os bichos!
Aluno1	Mamo ewa'e oiko, nhombo'ea?	Onde os bichos vivem, professor?
Professor	Amboae ae oiko oka py, amboekwe ka'agwy re oiko.	Alguns vivem no quintal de casa e outros no mato.
Aluno2	Kagware oiko nhanderoka py, arai e'ỹ re, ka'agwy re, nhombo'ea?	O tamanduá vive no quintal de casa ou no mato, professor?
Professor	Ka'agwy re kagware oiko!	O tamanduá vive no mato!

Conversa sobre cantigas

Autores: Danilo Marcolino, Vlademir I. S. Lima, Tiago de Oliveira, Richard Caetano, Catarina D. dos Santos e Lenira Dina de Oliveira

Professor	Ka'aru porã, mitangwe!	Boa tarde, crianças!
Aluno	Ka'aru porã, nhombo'ea!	Boa tarde, professor!
Professor	Ko'aỹ djaporai mborai tarawe regwa.	Hoje vamos aprender a cantar a música da barata.
Pame	Tarawe, aipo e'i Titsaia mbari e'ỹ Idjaywu rii tarawe Peteĩ ogwereko Ha, ha, ha Ho, ho, ho Peteĩ ogwereko	A barata diz que tem Muitas saias (Sete saias de filó) É mentira da barata Ela tem é uma só Ha, ha, ha Ho, ho, ho Ela tem é uma só

Conversas temáticas

Conversa sobre histórias

Autores: Vlademir I. S. Lima, Valdecir R. Alves e Danilo Marcolino

Professor	Kô'ê porã Nimoêtsaïdjú!	Bom dia, "Nimoêtsaïdjú"!
Aluno	Kô'ê porá Gwyrápádjú!	Bom dia, "Gwyrápádjú"!
Professor	Mārāi-py ndetsy omōmbé'u nhanderegwá-gwé ndewy?	Como sua mãe contava história pra você?
Aluno	Txe tsy onõ'õ m'ba mitāgwe kó tata-py rodjeré.	Minha mãe reunia as crianças em volta da fogueira.
	Nhande pamê roêdu nhanderegwa-gwé ro'rokaru djety mādī'o atsyipyré orema djapyta, kó orupey omaê.	Nós todos ouvíamos as histórias comendo batata e mandioca assada e ficávamos até chegar o sono.
	Ewepá porã!	Era muito bom!

Cantigas



Além de propiciar momentos de muita alegria, as cantigas ensinam valores culturais e enriquecem a educação.

TUWITXAWA, MBARI'IWA

Txee ma ...(1)... tuwitxawa, tuwitxawa
Txee ma ...(2)... mbari'iwa, mbari'iwa
Tuwitxa, mbari'i, tuwitxa, mbari'i
(palmas, palmas, palmas)

(1)	(2)
txiwi	angudja
ka'í	tay
pira guatsu	pira
taguato	popo

Grande, pequeno

Sou um ...(1)... muito grande
Sou um ...(2)... bem pequeno
Grande, pequeno, grande, pequeno
(palmas, palmas, palmas)

(1)	(2)
gato	rato
macaco	formiga
baleia	peixe
gavião	borboleta

KYPÓ, KYPÓ

Mamô pa kururu reó?
Aáta Paraná mbypy
Mba'éту pa reatsá?
Atsáta kypó, kypó
Atsáta kypó, kypó

Pulando, pulando

Aonde vai o sapo?
Eu vou pro Paraná
Como você vai passar?
Eu passo pulando, pulando
Eu passo pulando, pulando

ITYMÃ KARAPA

Edju katu txëirũ
Oetxá kunhãtaingué
Odjeroky porãeté

Oetxá kunhãtaingué

Nein'a pe ma'ê kunhãtaingué odjeroky
Nein'a pe ma'ê kunhãtaingué odjeroky

Onimombó, mombó, mombó

Itymã karapa, rapa
Itymã karapa, rapa
Itymã karapa, rapa

Com a perna torta

Vem amigo
Ver a moçada (ou a mulherada)
Dançando bem

Venha ver a moçada (ou a mulherada)

Venha ver a moçada dançar
Venha ver a moçada dançar

Pulando, pulando, pulando

Com a perna torta, torta
Com a perna torta, torta
Com a perna torta, torta



Cantigas

TARAWÉ AIPO EI

Tarawé aipo ei
Ti tsaiá mbarie'ỹ
Edjawyrrii tarawé
Peteĩ ogwerekó
Ha, ha, ha
Ho, ho, ho
Peteĩ ogwerekó

A barata diz que tem

A barata diz que tem
Muitas saias (Sete saias de filó)
É mentira da barata
Ela tem é uma só
Ha, ha, ha
Ho, ho, ho
Ela tem é uma só

PEIPETE

Autor: Catarina Delfina dos Santos

Neĩ peipuy peipete
Pete joupe oupe
Awati piregue
Odjapó pyre

Peteca

Venham jogar a peteca
Passa para o outro
Da casca do milho
A peteca é feita

KWARAY

Versão para o Tupi: Tiago de Oliveira

Kwaray
Kwaray, kwaray
Outa outsapé
Nhande renda
Nhande roikoá

O sol

O sol
O sol, o sol
Vem iluminar
A nossa casa
O nosso lar

AMOMBÓ PETEĨ
WYRA TXIWI

Versão para o Tupi: Creiles Marcolino da Silva Nunes

Amombó peteĩ wyra txiwi i i i
Diwy txiwi i i i, nhõmanõi nõi nõi
Idjaryi Chica ca ca
Onemongweta ta ta
Tsapukai, tsapukai
Txiwi mĩau õtsé

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato to
Mas o gato to, não morreu reu reu
Dona Chica ca
Admirou-se se
Do berrô, do berrô
Que o gato deu MIAU

AGWATA

Versão para o Tupi: Fabíola dos Santos Cirino e Catarina D. dos Santos

Agwata tape rupi
Amaé animbo'é
Amaé animbo'é
A E I O U

Ando

Ando pelo caminho
Chego para aprender
Chego para aprender
A E I O U

KURURU

Versão para o Tupi: Fabíola dos Santos Cirino e Catarina D. dos Santos

Kururu Yrembere
Iny idjiro'y ma
Ramõ oporaí-raí

Sapo

O sapo está na beira do rio
Quando ele canta
É que está com frio

OY'I

Versão para o Tupi: Catarina D. dos Santos

Txe arekó oy'i
Arãi, arãi
Txe abotá õkere
Arãi, arãi, arãi
Iny peteĩ tatatĩ
Õtsêa djapó arãi
Ambowerá txe pyru
Arãi, arãi, arãi.

Eu tenho uma casinha

Eu tenho uma casinha
assim, assim
Eu bato na portinha
assim, assim, assim
Tem uma chaminé
que a fumaça faz assim
Eu lustro o meu sapato
assim, assim, assim

Cantigas

TXEE AREKÓ PETEIN OYI Eu tenho uma casinha

Versão para o TUPI: Cacique João Gomes e Jacira Jorge de Souza Gomes Pires

Txeé areko petein oy'i
Arãe, arãe
Anompan deôkÊire

arãe, arãe, arãe
Inã tatatĩn ontsea
Odjapó tatatĩn arãe
Amõntĩró tipyru
Arãe, arãe, arãe

Eu tenho uma casinha
assim, assim
Eu bato na portinha

assim, assim, assim
Tem uma chaminé
que a fumaça faz assim
Eu lustro o meu sapato
assim, assim, assim

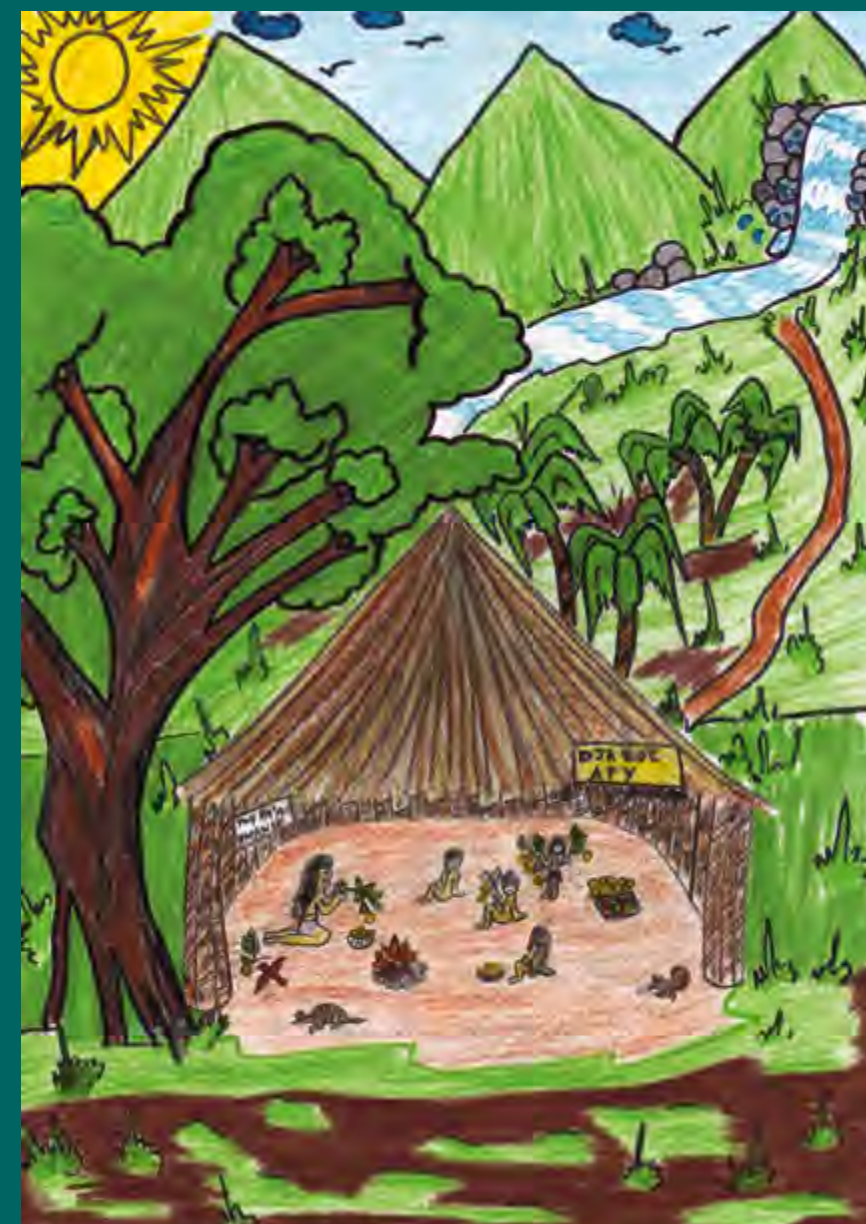
KURURU DUDJOIRE IPY O sapo não lava o pé

Versão para o Tupi: Cacique João Gomes e Jacira Jorge de Souza Gomes Pires

Kururu dudjoire ipy
Dudjoire doipota ramo
A'e endá o'y pa'py
Dudjoire ipy doipotá ramo
Ikãntĩn! ikãntĩn!

O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer
Ele mora lá na lagoa
Não lava o pé porque não quer
Mas que chulé!

Sequências didáticas



Tema da Lição:
Atribuição do Nome

Autores:
Lenira Dina de Oliveira, Tiago de Oliveira, Richard
Caetano, Catarina Delfina dos Santos e Fabíola dos
Santos Cirino



1) Conversa entre Djatsy e Gwyrapa

Gwyrapa	Ndera'ewe re, Djatsy?	Como vai, Djatsy?
Djatsy	Txeraewe re Gwyrapa. A'e ndee?	Vou bem, e você, Gwyrapá?
Gwyrapa	Txe aiko porã awii. Ndee reikwaa mawã omoĩ nderery nhandewa rupi?	Também estou ótimo. Quem colocou seu nome indígena?
Djatsy	Txe txy'y (*). A'e ndemba'e?	Minha tia. E o seu?
Gwyrapa	Txetxai omoĩ.	O meu, foi minha avó.
Djatsy	Ndee reikwaa mawã ome'ẽ nhandewa rery ymãgware, Gwyrapa?	Você sabe quem dava o nome indígena antigamente, Gwyrapá?
Gwyrapa	Anyi ry. Ndaikwa'i ry. Ndee reikwaa, Djatsy?	Não, não sei. Você sabe, Djatsy?
Djatsy	Aikwaa. Txetxy'y omombe'u txewy. Yma (**) peteingwe aragwydje odjapo mongarai nhandereko apy. A'e djawe omoĩ mitangwe rery rã. Nhanderamoi omoĩ mitangwe rery. A'e opyta mboapy ary onhemoi porã, Oy Gwatsy py apyta mombyry amboe renda. Mboapy ary nda'e wei ry ou awa tembi'u ipoyi wa.	Sei. Minha tia me contou. Antigamente, uma vez ao ano, era feito um batizado na aldeia. Era quando eram atribuídos os nomes às crianças. O líder espiritual da aldeia era quem colocava os nomes nas crianças. Ele ficava três dias recolhido na Casa Grande, que ficava longe das outras casas. O líder espiritual, nesses três dias, não podia comer comidas pesadas.

(*) Pode-se dizer também: Txeraite.
(**) Pode-se dizer também: Ymangware
NOTA: Na preparação da casa de reza para o batizado, dizemos “yy karai oupi”. O ato do batismo é conhecido como “mongarai”.

2) Compreensão

- 1) Leia o diálogo e decida se as afirmações a seguir são verdadeiras (V) ou falsas (F).
- () As pessoas que estão conversando se chamam Gwyrapá e Djatsy.
 - () Djatsy ficou em reclusão na Casa Grande durante três dias.
 - () Djatsy não sabe quem colocou o seu nome indígena.
 - () O batizado era realizado apenas uma vez ao ano.
 - () Nessa ocasião o pajé tinha que se alimentar muito bem.

Tema da Lição:
Atribuição do Nome

2) Compreensão (continuação)

- 2) Responda às perguntas de acordo com o texto.
- a) Quem deu o nome indígena a Djatsy?

b) Antigamente, qual pessoa da aldeia dava o nome indígena das crianças?

c) Quantos dias o pajé ficava recolhido?

d) Em que local o pajé ficava durante o recolhimento?

e) O que o pajé não podia comer durante o recolhimento?

f) O que o pajé podia comer durante o recolhimento?
- 3) Encontre, no texto em Tupi-Guarani, o trecho em que Djatsy fala que o batizado ocorria uma vez ao ano.
- 4) Encontre no texto em Tupi-Guarani, o trecho em que Djatsy fala que era o pajé quem dava o nome às crianças.

3) Atividade lúdica

Batata quente (Djety aku)

Técnica: Memorizar e reproduzir o que cada um diz

Conteúdo linguístico: VOCABULÁRIO

Material necessário: bola (pode ser feita de papel amassado); fita adesiva; pedaços de papel, cada um contendo uma das seguintes palavras em Tupi: ery / nhanderamoi / mitangwe / mongarai / oy gwatsu / ymangware / aragwydje / oongwe / mboapy / mombyry / yy / ae / txy'y / omoi / rekoa / mombe'u / txewy / djatsy / gwyrapa

Procedimentos:

- 1 Ensine o significado de cada uma das palavras, dizendo as palavras em língua portuguesa e pedindo aos alunos que identifiquem o correspondente em Tupi.
- 2 Organize os alunos em um círculo.
- 3 Cole, com fita adesiva, uma palavra no peito de cada aluno.
- 4 Peça que cada aluno diga a sua palavra em voz alta.
- 5 Inicie a brincadeira: você diz uma palavra em português (palavra A) e joga a bola ao aluno 1 (o aluno 1 é aquele que tem, colada no peito, a palavra A em Tupi). Em seguida, diga outra palavra (palavra B) em português. O aluno 1 (que está com a bola) deverá lançá-la ao aluno 2 (o aluno 2 é aquele que tem a palavra B em Tupi colada no peito). Diga outra palavra (palavra C) em português. Agora é a vez do aluno 2 lançar a bola ao aluno 3 (o aluno 3 é aquele que tem a palavra C em Tupi colada no peito). Repita o procedimento até que todos os alunos tenham participado.

4) História

YY KARAÍ OUPI

BATIZADO

Yy karai oupi iny petei aragwydje py, nhande rekoapy, nhanderu ramongwa ome'e eryra.

O Batizado ocorre uma vez por ano na aldeia para que as crianças recebam seu nome indígena.

Yy karai oupi Oy Gwatsu py a'epy pame omo'omba a'epy mongarai oetxa awa.

A atribuição do nome é feita pelo mais velho da aldeia, o líder espiritual.

Nhanderu ramongwa, opyta mboapy ary, mboapy pytu, Oy Gwatsu py oke omoma'e awa awa, mita reryra.

A cerimônia ocorre na Casa de Reza, local em que todos se reúnem para o acontecimento. Como o líder espiritual é o principal responsável pelo ritual, três dias antes ele vai ficar na Casa Grande se preparando, pois é preciso uma grande concentração para que os nomes venham pelo sonho.

A'epy ma o'u ei yy rewe nhande mita upe pora ery nhande rupi a'epy ma mbaraete pora ogweru mita mbaraete tudja oiko awa.

O nome indígena é muito importante para cada criança da aldeia, pois ele se torna um amuleto de sorte na vida de cada uma delas.

5) Glossário

TUPI-GUARANI	PORTUGUÊS
aikwaa	eu sei
anhô	só, somente
any ry	não
aragwydje	ano
ary	dia
awií	também
ndaikwaai ry	não sei
djatsy	lua
ei	mel
emoi pora	guarde bem
ery	nome
gwyrapa	arco
katuwe	principalmente
mitangwe	criança
mombe'u	contar
mombyry	longe
mongarai	batizando
ndee	você
nhanderamoi	líder espiritual
o'u	comeu
oongwe	carne
Oy Gwatsu	Casa Grande
pora	bom, bem
reikwaa?	você sabe?
tekoa	aldeia
tembi'u	comida, alimento
txai	avó
txy'y	tia
ymangware	antigamente
yy	água
yy karai oupi	batizado

Tema da Lição:
Nascimento

Autores:
Ubiratã Jorge de S. Gomes,
Jacira J. de Souza Gomes Pires,
Jacirema Gomes dos Anjos,
Vlademir I. da Silva Lima,
Valdecir Ribeiro Alves,
e Mirian Dina
dos Santos Oliveira



1) Conversa entre professor e alunos

Professor	Ko'aỹ enhoĩ Mirindju eindy'i. A'e omombe'u ta nhande maraĩ nerendy.	Hoje nasceu a irmãzinha do Mirindju e ele vai contar para nós como ela é. Pode falar, Mirindju.
Alunos	Ko txireindy iporã, nhimbo'ea, a'e no'õ tseĩ ete txetsy ye.	A minha irmãzinha é bonita, professor, mas ela demorou para sair da barriga da minha mãe. Por quê?
Professor	Araĩ ete. Nhande pame romanha djatsy reta (*) enhoĩ awã.	É normal, todos nós demoramos muitas luas para nascer.
Todos	Djatsy reta?	Muitas luas?
Professor	Maraĩ etsy odjapo wy'a mitã upe.	É quando a mãe prepara a festa para a criança.
Alunos	Txireindy oiko ramo, iny owy'a.	Quando minha irmã nasceu, teve uma grande festa.
Professor	Owy'a nhaneramoĩ omoĩ awã mitã rery.	A festa é para o líder espiritual colocar o nome da criança.
Alunos	Mba'e rã a'e rery, nhombo'ea?	Para que serve o nome, professor?
Professor	A'e rery nhanembareta awã nhanenhe'ẽ.	O nome serve para fortalecer a vida.
Alunos	A'e we ete, nhombo'a! Ma'e rã pora'ĩ txerery?	Que legal, professor! Então, por que o meu nome é assim?
Professor	Ko'aỹ oma'ẽ nimangaa. Djaedja ko wa'e amboae ary (**).	Agora é hora da brincadeira. Vamos deixar isso para outro dia.
Todos	A'e we, nhombo'ea.	Está bem, professor!

(*) Pode-se dizer, também: eta we / eta ete / ary ete / eta / mba'e eta / eta gwatsu / eta utsu
(**) Pode-se dizer, também: amboae ko'ẽ.

2) Compreensão

- 1) Coloque (D) djawurii ou (T) tengwa.
() Hoje nasceu a avó do Mirindju.
() A irmãzinha de Mirindju é bonita.
() Todos demoram duas luas para nascer.
- 2) Marque com (X) a resposta correta.
Quando a irmãzinha de Mirindju nasceu, houve uma grande:
() confusão.
() tempestade.
() festa.

Tema da Lição:
Nascimento

2) Compreensão (continuação)

- 3) Complete os espaços de acordo com o texto.
- a) A festa é para o _____ revelar o _____ da _____.
- b) O _____ serve para dar _____ a nossa _____.
- 4) Reescreva as falas do professor de acordo com o texto.
- a) Hoje nasceu a irmãzinha do Karumbé e ele chorou.
- b) Muitas luas é o tempo que a mamãe tem para preparar a comida.
- c) A festa é para o pajé cantar e dançar para o neném.

3) Atividade lúdica
Corrida

- Objetivo:** praticar vocabulário (memorização): nhaneramoĩ / djatsy / awy’aa / mitã / irundy / nonde / djere / djatsy.
- Material:** desenhos e nomes (legendas dos desenhos) em Tupi-Guarani; fita adesiva (fita crepe).
- Procedimentos:**
- 1) Cole os desenhos e seus respectivos nomes na lousa.
- 2) Fale os nomes (legendas) e mostre as ilustrações até quando você perceber que os alunos já memorizaram.
- 3) Forme dois grupos com o mesmo número de alunos em cada um.
- 4) Posicione os dois grupos em duas filas, marcando a linha de saída à mesma distância da lousa.
- 5) Retire os nomes (legendas), deixando apenas as ilustrações.
- 6) Fale um dos nomes (legendas). O primeiro aluno de cada grupo (lembre-se de que os grupos estão posicionados em fila) deve correr e pegar o desenho certo. Esses alunos vão para o final da fila.
- 7) O passo 6 é repetido até que todas as ilustrações tenham sido pegadas.
- 8) Ganha o grupo que conseguir pegar o maior número de ilustrações corretas.

4) História

EWA'É MITÃ'I	CRIANÇAS ANIMAIS
Ymãguaré, peteĩ teko apy, upe djerowu baemu katudje.	Há muito tempo atrás, em uma aldeia, algo misterioso aconteceu.
Kunhãgwé iporu’a upé mitangwe doikoi nhandewa, oikó ewa’é ramim!	As índias engravidaram todas juntas e as crianças não nasciam normais, nasciam animais!
Oikó kagwaré, tadjatsu, tatu, tedju, ka’i, djaitxa.	Nasciam tamanduás, porcos do mato, tatus, lagartos, macacos e pacas.
Nhandé ndoroikwaairy maerã.	Nós não sabíamos o porquê.
Omombe’u awã roupé anhã regwa.	Diziam ser uma maldição.
Kunhãgwé nhandedjaryi oikóea omombe’u awã nhandé kowa katudje.	As mulheres mais velhas ainda vivem para contar esse nosso mistério.

5)Glossário

TUPI-GUARANI	PORTUGUÊS
awy’aa	festa
djatsy	lua
irundy nonde djere	quarenta
mitã	criança
mitã’ĩ	neném
nhanderamoĩ	nosso avô, antepassado
nho’a’ẽ	nascer
nhombo’ea	professor
rery	nome
txetsy	minha mãe

Tema da Lição: Alimentação

Autores:

Ezequiel da Silva Evaristo,
Davi Honório Cardoso,
Cristiano de Lima Silva
e Sara Silva Rosário



1) Conversa entre professor e alunos

Professor	Ary porã!	Bom dia!
Alunos	Ary porã, nhombo'ea!	Bom dia, professor!
Professor	Pedju ko'apy pegwapy. Ko'aỹ nhandeaywu tembi'u regwa.	Venham se sentar aqui. Hoje nós vamos falar sobre os alimentos.
Alunos	Tembi'u regwa?	Sobre os alimentos?
Professor	Tembi'u regwa! Mba'e tu (*) djadjaty nhande rekoa py?	Sobre os alimentos. Quais alimentos nós plantamos em nossa aldeia?
Alunos	Iny komanda, awati, pakowa, tadj, djety, kana, mandi'õ, djedjy, narã, narã pe'ĩ.	Temos feijão, milho, banana, inhame, batata-doce, cana, mandioca, palmito, laranja e mexerica.
Professor	A'e we! Djareko reta mbariri mba'e mokwe. Ma'e rã?	Que bom! Temos vários alimentos! Por quê?
Alunos	Djaku awã. (**)	Para nós comermos.
Professor	Tẽ gwa ma. Djaku awã mbariri nhamombarete awã nhandere.	Sim, precisamos comer alimentos de vários tipos para ficarmos saudáveis.

(*) pode-se dizer também: Mba'e wa

(**) pode-se dizer também: Dja'u awã.

2) Compreensão

1 Ma'erã nhande areko eta tembi'u nhanderokowa?	Por que devemos ter vários tipos de alimentos na aldeia?
2 Emboatxa itxã tembi'u rery	Ligue os nomes aos alimentos.



awati

komanda

djedjy

narã

pakowa

Tema da Lição:
Alimentação

3) Atividade lúdica

Corrida

- Objetivo:** praticar vocabulário (memorização): O’OKWE, PIRA, KANÃ, MANDI’O, MBODJAPE, RUPÍ’A.
- Material:** desenhos e nomes (legendas dos desenhos) em Tupi-Guarani; fita adesiva (fita crepe).
- Procedimentos:**
- 1 Cole os desenhos e seus respectivos nomes na lousa.
 - 2 Fale os nomes (legendas) e mostre as ilustrações até quando você perceber que os alunos já memorizaram.
 - 3 Forme dois grupos com o mesmo número de alunos em cada um.
 - 4 Posicione os dois grupos em duas filas, marcando a linha de saída à mesma distância da lousa.
 - 5 Retire os nomes (legendas), deixando apenas as ilustrações.
 - 6 Fale um dos nomes (legendas). O primeiro aluno de cada grupo (lembre-se de que os grupos estão posicionados em fila) deve correr e pegar o desenho certo. Esses alunos vão para o final da fila.
 - 7 O passo 6 é repetido até que todas as ilustrações tenham sido pegas.
 - 8 Ganha o grupo que conseguir pegar o maior número de ilustrações.

4) História

DJETY MARÃEMA	BATATA SAGRADA
Yma ete nhanerembi’u warã e’ỹ wa.	Desde antigamente, para nós, Tupi, os alimentos são sagrados.
Nhaneramoĩ kwery omombe’u pame aragwy dje opa ma ramo, odjapo pame rewe djawya.	Contam os mais velhos que, todo final de ano, era feita uma festa entre as comunidades para homenagear os alimentos sagrados.
Aryatsa riré djety oparai nhande rekoá opytarai tembi’u reỹ.	Com o passar do tempo, a batata-doce foi se acabando, e as comunidades não a possuíam mais.
Peteĩ ary nhanderamoĩ oetxa okepy Tupã ruwitxa re, ipoeĩ. Karuai opawa erã aepyma otxouka ywy porã.	Certo dia, o líder espiritual teve um sonho com Tupã, rei do trovão. No sonho, Tupã disse que o período da fome acabaria e mostrou um lugar.
Amboe ary, nhanderamo’i oo aweapy onhegarai Tupã upe.	No dia seguinte, o líder espiritual foi até o lugar indicado por Tupã e lá fez uma linda reza.
Tupã oendu. Ary opyta aryrei oope’a owera ao.	Tupã o ouviu. O tempo parou, o céu se abriu e um raio caiu.
Koapy ete ao owera aepy odjikwaa, peteĩ djety ore eryra kara peũ.	No exato local em que o raio caiu, nasceu uma batata de cor roxa, que foi chamada de “kara peũ”.
Upegwi enhoĩ rireko djety pyau ambo’e reta mbarii odjewy oenhoĩ reta porá. Aipo we’eyma karuwaĩ ewi. Nhanderey reta Tupi, aama djaiko odjapo mbae wya djety maraëyma!	Depois do surgimento dessa nova batata, os outros alimentos voltaram a nascer com abundância. Não houve mais fome entre as comunidades Tupi-Guarani, e até hoje são feitas festas em agradecimento a Tupã pela batata sagrada!

5) Vocabulário

TUPI-GUARANI	PORTUGUÊS
mandi’o	mandioca
pakowa	banana
djety	batata-doce
mbodjape	pão
djedjy	palmito
tadja	inhame
pira	peixe
komanda	feijão
eewa	caça
aro’i	arroz
awati	milho
txo’o	carne
uru	galinha
urutudja	galo
orupi’a	ovo
ywyra’a	fruta
kana	cana
narã	laranja
narã pe’i	mexerica
tedju	lagarto
mbyku	raposa
ype	pato
yy	água
mbaipi	polenta
tembi’u	alimento

Tema da Lição:
Colheita

Autores:
Jaciara de Souza Gomes de Menezes,
Creiles Marcolino da Silva Nunes e
Catarina Delfina dos Santos



1) Conversa entre professor e alunos

Professor	Ko'ë porã, mitangwe! Ko'aỹ nhamimbo'e nhamboaty awã!	Bom dia, crianças! Hoje vamos aprender a colher!
Aluno	Nhamboaty mba'e, nimbo'ea?	Colher o quê, professor?
Professor	Djaa nhamboaty awati.	Vamos colher milho.
Aluno	Ary pame a'e we awati nimboaty awã, nimbo'ea?	Podemos colher milho todos os dias, professor?
Professor	Djatsy ary regwa peikwaa ramo a'e ma'e rã.	Sim, mas tem que estar na lua certa.
Aluno	Ma'e rã?	Por quê?
Professor	Djatsy porã e'ỹ ma nhano'ë awati ramo, nimbaretei ry, a'e py ma omano.	Porque se tirarmos o milho na lua errada, ele ficará fraquinho e morrerá.
Aluno	A'e we roikwaa, nimbo'ea! Aỹ djaa koy py! Nhamboaty wa'ekwe aỹ nhambodja'o nhande rewe py.	Que bom saber, professor! Vamos agora para a roça! Vamos colher e dividir com a comunidade.
Professor	Nhamono'õ pame mitangwe, aỹ nhamba'eapo pame rewe.	Sim, mas primeiro vamos reunir outros alunos, pois nosso trabalho será coletivo.
Aluno	Neĩ ki, nimbo'ea. A'e gwi djaa nhamimanga.	Isso, professor! Depois podemos brincar?
Professor	A'e gwi nhamboaty rire djadjaty we.	Só depois que fizermos a colheita e o replantio.
Aluno	Porã ete, nimbo'ea! Djaa djaty awati, djety, mandi'o pyta djatsy ary regwa nimboaty.	Obrigado, professor! Vamos plantar milho, batata e mandioca para, depois, colhermos na lua certa!
Professor	A'e we, peikwaa porã djapopara. A'e ri tei nhamboaty awati ri.	Muito bem! Vocês aprenderam a lição! Mas primeiro colheremos o milho.

Tema da Lição:
Colheita

2) Compreensão

1) Responda

- a) Sobre o que as pessoas estão conversando?
- b) A colheita de milho pode ser feita em qualquer fase da lua?

2) Complete as frases com palavras do texto.

- a) O professor convida os alunos para colherem
- b) Se o milho for colhido na lua errada, ele ficará
- c) O professor e seus alunos vão plantar, e

3) Associe as palavras em Tupi-guarani às palavras em Português:

djatsy	crianças
awati	colhemos
mandi’o	lua
djety	muito bem
mitangwe	milho
nhamboaty	batata
ma’e rã	mandioca
porã ete	por que

3) Atividades lúdicas

a) CAÇA-PALAVRAS

Encontre a palavra em TUPI-GUARANI equivalente a:

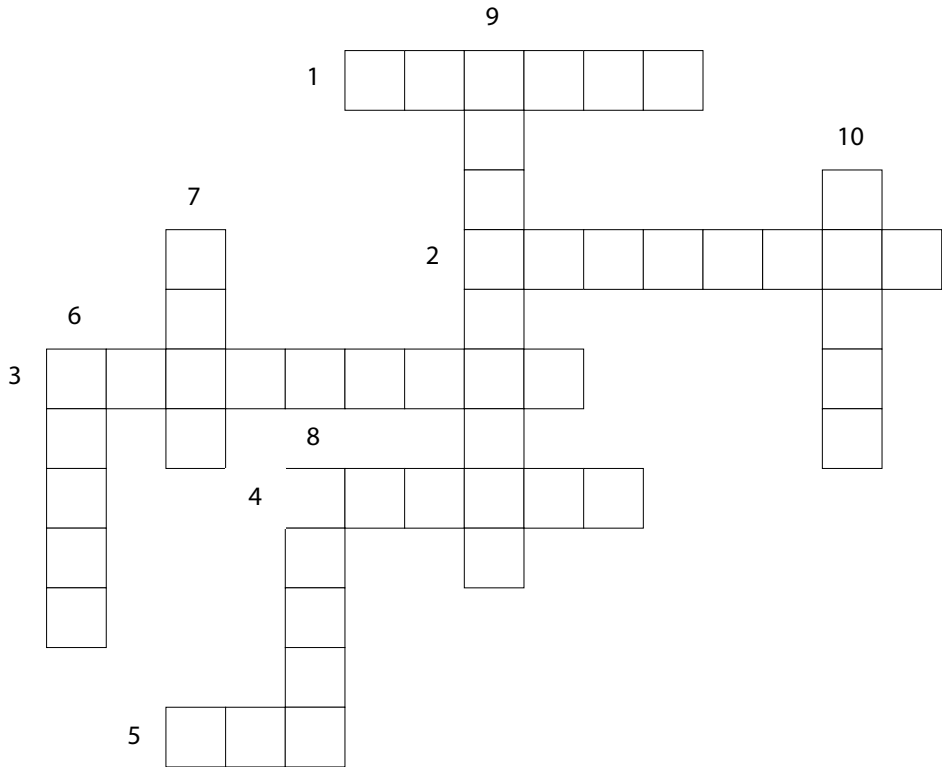
- 1) mandioca
- 2) crianças
- 3) vamos aprender
- 4) lua
- 5) roça
- 6) batata
- 7) vamos
- 8) plantar
- 9) colher
- 10) milho

K	D	J	A	T	Y	N	B	A	O	I	D	T
D	A	O	K	M	A	N	D	I	Ó	J	E	A
J	I	D	J	A	N	I	M	B	O	E	D	Y
E	O	J	K	O	M	I	H	O	T	P	J	I
T	M	H	D	J	A	T	S	Y	N	D	A	O
Y	E	R	N	D	A	S	P	D	I	E	A	M
I	O	M	H	I	B	I	R	A	A	K	D	Y
N	H	A	M	B	O	A	T	Y	X	U	I	K
I	Y	P	K	I	W	I	Y	K	U	R	S	O
T	I	T	X	K	A	W	A	T	I	K	R	Y
N	H	O	M	I	N	T	U	K	O	E	A	N
K	M	I	T	A	N	G	W	E	N	D	J	U

Tema da Lição:
Colheita

b) CRUZADINHA

Transfira as palavras que você encontrou no caça-palavras para o quadro ao lado:



c) JOGO

Associação entre palavras e figuras

Objetivo: praticar vocabulário por meio da associação entre palavras e ilustrações.

Material: cada uma das figuras em pedaços de cartolina; cada uma das palavras em tiras de cartolina; fita adesiva (fita crepe)

Procedimentos: em uma mesa, embaralhe as figuras e os nomes. Em seguida, organize dois grupos de alunos, cada um com o mesmo número de participantes. Os grupos devem ficar enfileirados, um ao lado do outro. Divida a lousa em duas partes: uma para cada grupo. Em cada rodada, um aluno de cada grupo deve escolher uma figura e uma palavra e colar ambas na lousa na parte destinada a seu grupo. Quando todas as figuras e nomes tiverem sido colados na lousa, o professor retira os nomes que estiverem nos lugares incorretos. Os alunos deverão fazer as alterações até que todos fiquem nos lugares corretos. Ganha o grupo que conseguir fazer todas as associações corretas primeiro.

4) História

MONGARAI	BATIZADO
Omombe’u nhanderamõi yma dje nhandewa Tupi, omaẽ ma mba’emokwe nhamoĩ porã awã nhanderekoa py odjapo djeroky, pame odjerowia. A’e py ma nhande nhe’ẽ owy’a, a’e py ma nhanderamõi oupi yy karai mitangwe upe.	Contam os mais velhos que, desde muito tempo atrás, como é de costume do nosso povo Tupi, ao chegar a época da colheita, as aldeias fazem muita festa e cerimônias espirituais, entre elas o batismo das crianças.
Yy karai oupi apy nhanderu ramongwa mboapy ary, mboapy pytũ onhemoma’ẽ mitã peteĩ-teĩ ery rã ome’ẽ. A’e py ma peteingue ramo gwery rã oiporu, a’e py ma mitã imbae atsy ramõ, mbarete awã aboae ery oiporu djiwy. A’e wa mitã dombo’e ry porã raka’e.	Nessa cerimônia, o líder espiritual concentra-se por vários dias para receber, em sonho, o nome de cada uma das crianças. Este fica sendo seu primeiro nome. Caso a criança venha a ficar doente, este nome deve ser trocado por um outro, pois acredita-se que a doença pode estar ligada ao fato de que o nome não está adequado àquela criança.
Ipo e’ỹ oporaiwa, itxy a’e ma omoma’ẽ ery rã. A’e py ma oporai kowa mborai “Owe Owe”.	Na falta de um líder espiritual, a mãe pode sonhar outro nome, cantando a música de nome “Owe Owe”.
BIS	Owe owe gwyrã ru’i ya
BIS	Redju... redju Nhe’ẽ porã eru txewy
BIS	Txee apyte re erougua py gwyrã ru’i
BIS	Redju... redju Gwyrã ru’i nhe’ẽ ya tu

5) Vocabulário

TUPI-GUARANI	PORTUGUÊS
nimboe’a	professor
nhamboaty	colher
ma’e rã?	por quê?
mitangwe	crianças
porã ete	obrigado, muito bom
djatsy	lua
nimbo’e	aprender
djaty	plantar
djety	batata
awati	milho
mandi’o	mandioca
a’e gui	depois
ko’ẽ porã	bom dia

Os Autores Tupi-Guarani

Catarina Delfina dos Santos, Nimbopýrua em Tupi-guarani, nasceu na Aldeia Bananal, em Peruíbe. Hoje mora na aldeia Piaçaguera. É professora desde 2002. Começou seu trabalho na aldeia Piaçaguera, onde trabalhou até 2005 e foi professora e vice-diretora. Atualmente é vice diretora na Escola da Aldeia Rio Branco, Guarani.

Creíles Marcolino da Silva Nunes, cujo nome indígena é Kunhã Nimboasadjú, nasceu na Aldeia Nimuendajú, onde mora até hoje. É professora desde 2005 na escola da aldeia, onde estudam 15 alunos.

Cristiano de Lima Silva, Kiririndju em Tupi-guarani, nasceu em Itanhaém e hoje mora na Aldeia Ywyty Guaçu (Renascer), em Ubatuba. Tem dois filhos. É professor desde 2004 na EEI Penha Mitägwé Nimboea.

Daniilo Marcolino, Awa Kwaray Dju, em Tupi. Nasceu em Santa Amélia, no Paraná, no ano de 1976. Em 2002 iniciou o curso de Magistério Indígena e formou-se em 2003. Em 09 de Fevereiro de 2004 começou a trabalhar como professor, já na aldeia Nimuendaju, em Avaí, região de Bauru. Atualmente mora na aldeia Pyhau, em Barão de Antonina – SP, onde é professor na EEI Aldeia Pyhau.

Davi Honório Cardoso, Kunumindju em Tupi. Nasceu em Peruíbe e hoje mora na Aldeia do Paraíso, em Iguape, São Paulo. Ele é casado e tem 3 filhos. É professor desde 2004 na Escola da Aldeia em que mora.

Ezequiel da Silva Evaristo nasceu e mora na aldeia Rio do Azeite, no município de Itariri. Foi professor desde 2005 até o final do primeiro semestre de 2007 na Escola da Aldeia.

Fabiana Aparecida Lima da Silva, Kunhã Para Mirin em Tupi-guarani, nasceu em Peruíbe, no litoral de São Paulo, e mora em Ubatuba, na aldeia Renascer Ywyty-Guaçu há 10 anos. É casada e tem um filho, Kauã Alves da Silva. Foi professora durante dois anos e depois tornou-se vice-diretora da EEI Aldeia Renascer, onde atua até hoje.

Fabíola dos Santos Cirino, Kunhã Apyradju em Tupi-Guaruni, nasceu em Itanhaém, em São Paulo. Atualmente vive na Aldeia Piaçaguera, localizada em Peruíbe, onde é professora desde 2002.

Jaciara de Souza Gomes de Menezes, Kunhã Nhôbóéá-djú em Tupi. Nasceu e vive até hoje na aldeia Bananal, em Peruíbe. Filha de Terezinha de Souza Gomes, Kunhã Adjeroia, Pataxó e João Gomes, Awa Kiririndju, Tupinambá. Casou-se em 2005 com Marcos, Awa Rutsu, e é professora desde 2002. Atualmente também exerce a função de Vice-diretora da Escola da Aldeia.

Jacira Jorge de Souza Gomes Pires nasceu em 01 de março de 1984 na Aldeia Bananal, onde mora até hoje. Seu nome Tupi é Kunhã Embyre Tata Endydju e é professora desde 2005. É casada com Antonio José Pires, Awa Retädju, e é mãe de duas filhas: Nauany Poty Cöeregua Gomes Pires e Nayme Djatsy Endy Gomes Pires.

Jacirema Gomes dos Anjos, Kunhã Keretxudju em Tupi, nasceu em 1964. É casada desde 1989 com Antonio Carlos dos Anjos e tem dois filhos, Urian Carlos e Yuri Carlos, em Tupi Awa Pucuú e Awa Porätédju. Mora na aldeia de Bananal, em Peruíbe, desde que nasceu. Atualmente trabalha como auxiliar na EEI Aldeia Bananal.

Lenira Dina de Oliveira, Kunhã Djatsy em Tupi-guarani quer dizer Lua. Nasceu em Itanhaém, no litoral de São Paulo. Desde 1999 mora na Aldeia Piaçaguera, em Peruíbe. Começou a atuar na Escola da Aldeia em 2002 como merendeira e auxiliar de serviços gerais. Desde 2005, é professora nessa mesma escola.

Mirian Dina dos Santos Oliveira, Itamirim em Tupi-guarani, nasceu em uma aldeia Guarani Nhandewa em Curitiba, e atualmente mora na Aldeia Piaçaguera, em Peruíbe, São Paulo. É casada e tem um filho. É professora desde 2004, e também cantora de músicas culturais.

Richard Caetano nasceu na cidade de Duartina, a 400 km da capital paulista. É casado e tem um filho. Trabalha como professor indígena desde 2005 na Aldeia Tereguá, no centro-oeste paulista, na região de Bauru.

Sara Silva Rosário, Kunhã Ratsy em Tupi, nasceu em Mongaguá e atualmente mora na aldeia Djaiko' aty, localizada em Miracatu. Começou a lecionar na aldeia Itaóca, em Mongaguá em 2004. Atualmente é professora na EEI Aldeia Djaiko'aty.

Tiago de Oliveira, Awa Gwyrapádjú em Tupi, que significa Homem do Arco Iluminado. Nasceu na aldeia Laranjinha, em Santa Amélia, no Paraná. Atualmente vive na Aldeia Nimuendajú, em Avaí - SP. Atua como professor indígena desde 2005, na escola da Aldeia em que mora e também participa da Comissão de Esportes.

Ubiratã Jorge de Souza Gomes, Awá M'baretedju em Tupi. Tem 30 anos. Nasceu na aldeia Bananal, onde mora até hoje. Começou a lecionar em 2005 na EEI Aldeia Bananal.

Valdecir Ribeiro Alves, Nimoëtsaidjú, em Tupi-guarani. Nasceu em Maringá-PR. Antes de ser professor trabalhava com construção civil e pintura. Em 2002, no dia 10 de Junho, após concluir seus estudos foi convocado para trabalhar como professor na aldeia Nimuendajú, em Avaí-SP. Em 2005 foi lecionar na aldeia Tereguá, onde permanece até hoje. É casado, tem 7 filhos e 1 neta.

Vlademir Isac da Silva Lima nasceu na cidade de Santa Amélia-PR, onde morou por 11 anos. Atualmente mora na Aldeia indígena Pyhaú, no município de Barão de Antonina. Em 2005 iniciou o Curso FISPI e começou atuar como professor eventual no mesmo ano. Seu nome Tupi-guarani é Konumĩ Baé Kwaá.

O Governo do Estado de São Paulo vem proporcionando o atendimento escolar para a Educação Básica, nas aldeias de São Paulo (Kaingang, Krenak, Terena, Guarani e Tupi Guarani) Para tanto organizou um programa que compreende:

- Construções escolares;
- Contratação de professores indígenas;
- Curso especial de formação em serviço para o professor indígena, em nível médio e superior;
- Elaboração de material didático próprio.

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

Publicações:

Trabalhos de Conclusão de Curso: Caderno de Resumos

Um Caminho Para a Educação Escolar Indígena (Coleção)

Educação Escolar em Contexto Bilingue Intercultural

Jogos Educativos para Ensino e Aprendizagem de Línguas Indígenas

Narrativas de Memória

Projeto ARTE-IN (Coleção)

Vocabulário Bilingue (Coleção)



Fundação de Apoio à
Faculdade de Educação

FEUSP
Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
CADA VEZ MELHOR